UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

GUSTAVO RODRIGUES MESQUITA

**FLORESTAN FERNANDES E O ANTIRRACISMO NOS ESTADOS UNIDOS E
NO BRASIL, 1941-1964**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2017

GUSTAVO RODRIGUES MESQUITA

FLORESTAN FERNANDES E O ANTIRRACISMO NOS ESTADOS UNIDOS E
NO BRASIL, 1941-1964

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Cancelli

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MM578f Mesquita, Gustavo Rodrigues
f Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil (1941-1964) / Gustavo Rodrigues Mesquita ; orientadora Elizabeth Cancelli. - São Paulo, 2016.
182 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Antirracismo - Estados Unidos. 2. Racismo - Brasil. 3. Pós-Segunda Guerra Mundial. 4. Direitos humanos. 5. Florestan Fernandes. I. Cancelli, Elizabeth, orient. II. Título.

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil, 1941-1964.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História Social.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Cancelli

Julgamento: _____

Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia

Julgamento: _____

Instituição: CPDOC/FGV

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rolim Capelato

Julgamento: _____

Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a Maria Stella Martins Bresciani

Julgamento: _____

Instituição: UNICAMP

Assinatura: _____

Prof. Dr. Noé Freire Sandes

Julgamento: _____

Instituição: UFG

Assinatura: _____

Para o Carlos,

*pelo amor, cumplicidade e
todo o esforço empreendido
em nosso benefício.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos quase cinco anos que circunscrevem esta pesquisa doutoral – cujo início se deu com minha mudança de Goiânia para São Paulo -, muitas pessoas entraram e saíram da minha vida. Precisei contar mais com umas, menos com outras. Gostaria de agradecer neste espaço às que me vem à memória.

À minha orientadora no doutorado, Profa. Dr^a. Elizabeth Cancelli, não só pela divisão do conhecimento comigo, como pela honestidade de seus apontamentos quanto à esta pesquisa, e, enfim, por toda a paciência diante das dificuldades surgidas ao longo do curso. Sinto-me um pesquisador mais preparado em termos do rastreamento de acervos documentais em todo o mundo, e não mais apenas no Brasil. Também estou certo de que tenho mais habilidade, hoje, para pensar a história em perspectiva transnacional – o que era meu objetivo ao ingressar no doutorado da USP. A conquista de tantas virtudes intelectuais resultou dos ensinamentos que só uma erudita e experiente pesquisadora, mulher de viagens, como Beth, poderia oferecer. Gostaria de agradecê-la pela orientação.

Aos membros da banca julgadora da tese, os professores João Marcelo Ehlert Maia, Stella Bresciani, Noé Freire Sandes e Maria Helena Rolim Capelato, pela leitura da tese e participação nas discussões sobre Florestan Fernandes.

Aos professores Marshall Eakin, Jane Landers e Celso Castilho, do Departamento de História da Vanderbilt University, em Nashville, Estados Unidos. A hospitalidade destes professores foi decisiva para que eu me sentisse tranquilo no meu novo endereço. O acolhimento e a generosidade destes professores me deixaram tranquilo para realizar os estudos previstos para o estágio no exterior. Assim, Nashville se mostrou um bom ponto de partida para as outras viagens em diferentes cidades dos Estados Unidos. Trata-se, simplesmente, das viagens de pesquisa mais importantes para este trabalho. Isto já aponta a significância dos professores de Vanderbilt no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. José Vasconcelos, pelo trabalho conjunto realizado no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino da USP. Ter sido supervisionado por ele durante o estágio docente na graduação contribuiu para minha formação didática. Acredito que ele tenha aquela prazerosa sensação de dever cumprido quando professores em formação, ao exercerem seu papel com interesse e esforço, atingem patamares superiores da docência. Sou-lhe grato, portanto, pelo proveitoso treinamento da prática docente.

À professora Rita Laura Segato, da Universidade de Brasília, pela entrevista sobre a implantação das cotas raciais na UnB, nos anos 2000. Nossa conversa, profícua, me ajudou a entender os fundamentos teóricos e os conflitos em decorrência do projeto de cotas para negros. Nesta oportunidade discutimos não só o passado recente do projeto, como as projeções para o futuro. Rica e instigante, a entrevista é também material para trabalhos futuros.

Ao Prof. Vamireh Chacon, da Universidade de Brasília, pelas conversas informais, porém valiosas, a respeito das linhagens do pensamento social brasileiro. Generosamente, ele me deu um conjunto de livros novos de Gilberto Freyre e de sua própria autoria, os quais, depois de lidos, muito acaloraram nossas discussões. Foi bom ter discutido a questão racial com um intelectual distante dos grupos universitários. Seu ponto de vista, distinto da enorme maioria dos intelectuais de esquerda deste país, acrescenta ideias de um conservador ao debate que se fará ao longo deste trabalho.

Aos profissionais dos arquivos pelos quais passei ao longo da pesquisa, no Brasil e Estados Unidos, por sua colaboração eficiente e generosidade. A lista de instituições é extensa e não cabe neste espaço expô-la na íntegra. Quero tão-somente expressar meu agradecimento a todos os profissionais e suas respectivas instituições, sem distinção.

Aos colegas de pós-graduação da USP, especialmente aos vinculados ao Grupo de Estudos sobre Guerra Fria, do Departamento de História da FFLCH. Destaco a presença de Ângela Artur, Renata Meirelles, Alex Gomes, Wanderson

Chaves, Aruã Lima e Júlio Cattai. Graças à boa relação estabelecida entre nós, estas pessoas foram, além de importantes interlocutores nas sessões de discussão acerca das nossas pesquisas, entre avanços e limitações, bons parceiros, e me incentivaram a ir além sempre, não me deixando temer, ou mesmo sucumbir, diante das grandes dificuldades inerentes a uma pesquisa de doutorado e à vida social acelerada e fria de São Paulo. Cada um destes amigos tem um significado particular na tessitura da minha história depois de 2012, momento de chegada à USP. Não há comparações possíveis entre eles. Nutro carinho por todos e peço desculpas pelo meu jeito um tanto arrogante de ser.

Aos colegas editores da *Angelus Novus – Publicação dos Pós-Graduandos em História Social e História Econômica da USP*, principalmente nas pessoas de Luiz Rezende, Breno Leal e Dirceu Ferreira, por toda a colaboração na reestruturação da revista, e pelas pequenas, mas significativas, mudanças realizadas na estrutura do Programa de Pós-Graduação em História Social. Eu e Luiz ainda estabelecemos outro diálogo, desta vez como representantes discentes do PPGHS. Embora houvesse divergências políticas entre sua visão acadêmica e a minha, sua postura absolutamente ética é merecedora de respeito.

Aos membros da banca julgadora do *Prêmio Ortega y Gasset em Ciências Humanas*, promovido pela USP e Banco Santander, para os três melhores trabalhos de pós-graduação da universidade. Iniciar o doutorado e, rapidamente, ganhar a menção honrosa do prêmio foi uma experiência fantástica, que irradiou em mim esperança e energia construtiva. Seguir em frente no doutorado tornou-se ainda mais desafiante e prazeroso. Esta vitória só possível graças à inteligência do meu orientador de mestrado, Noé Freire Sandes, a quem agradeço pela excelente orientação.

Em São Paulo, preciso agradecer a pessoas a mim ligadas mais em termos pessoais que profissionais, visto tamanha generosidade com que me trataram. Gláucia Castellan, esta paulista do interior do estado que, assim como eu, é adepta da pauliceia desvairada, talvez não tenha dimensão da importância que teve para a minha jornada nesta cidade. Sua amizade merece todo o agradecimento que eu puder expressar. De modo repentino e desinteressado, ela esteve

presente nos momentos mais difíceis e estendeu a mão sempre que precisei. Jamais esquecerei sua generosidade, solidariedade e simpatia. Espero retribuir aqueles atos de outras formas, e com o mesmo carinho.

Verônica Fernandes foi outra pessoa marcante na minha jornada paulistana. Com seu jeito baiano de ser, ela se mostrou uma amiga presente e atenciosa. Compartilhou momentos alegres e tristes e participou de algumas importantes conquistas. Nossa amizade foi uma daquelas que ajudaram a criar vida social nova em São Paulo, preenchendo meu tempo ocioso com risadas e sonhos para o futuro. Com o tempo de Verônica pude contar. Meu muito obrigado!

Marina Rodrigues, apesar dos vários desentendimentos devido ao apartamento no Conjunto Residencial da USP (CRUSP), que dividimos durante parte do doutorado, é alguém que preciso agradecer também. Agradeço-a pela disposição de receber a mim e ao Carlos no apartamento. Outras ações positivas, que nos auxiliaram quando precisávamos, compõem algumas das lembranças felizes que tenho da Marina. É importante para mim que tudo isto fique registrado.

Isabela Kenner merece minha admiração tanto do ponto de vista pessoal quanto do profissional. Seu espírito nobre e generoso, assim como sua personalidade de mestre, aquela que ensina por sua própria ação, seu próprio exemplo, ficarão eternizados na minha memória. Fui um privilegiado por conhecê-la, e sou grato por todos os ensinamentos e conselhos.

Em Goiânia, gostaria de agradecer a alguns amigos pela presença positiva em minha vida. A amizade de José Roberto, o Zé, paulistano de nascimento, mas radicado na capital goiana, é uma honra. Se não fosse sua generosidade ao telefonar para aquelas que seriam minhas guardiãs nos primeiros meses em São Paulo, pedindo-lhes abrigo para este jovem sonhador e aventureiro, tudo teria acontecido de forma diferente, tudo teria sido muito mais difícil. Aqui cabe também minha gratidão à hospitalidade da Sr^{as}. Mércia e Denise, duas irmãs que me acolheram prontamente em seu sobrado na Vila Mariana. Esta bela casa foi o ponto de partida para tudo o que aconteceria depois. Melhor impossível.

Outros amigos de Goiânia precisam ser lembrados por sua presença calorosa e estimulante em minha vida. Sou um privilegiado por contar com a amizade de Rejane Schiffino e Nara Letycia há tantos anos. Nossas conversas sempre foram um ponto de referência para meu aprendizado e crescimento, sobretudo nos momentos de crise. Com elas, compartilhei angústias e alegrias. A elas sou grato por toda a disposição de escutar e discutir os meus problemas.

Outras amigadas não resistiram à prova do tempo e se apagaram, embora novas tenham sido feitas. Quero cumprimentar, de modo especial, os amigos Ademir, Roberta, Valney e Fernanda pela honradez do caráter e afetividade com que me acolheram numa nova fase da minha vida. Eles são pessoas admiráveis. Aqui também cabe meu muito obrigado ao casal Renata e Wesley, ótimos intelectuais e amigos.

Aos meus familiares, por toda a atenção dispensada e amor dedicado a mim. Os passos dados em São Paulo foram menos árduos, para um jovem rapaz vindo de Goiânia, e sem familiares em sua nova cidade, porque sempre houve pessoas verdadeiramente preocupadas com o meu bem-estar e realização dos meus sonhos, da melhor forma possível. Meu querido irmão Felipe, vó Margarida, madrinha Denise, padrinho Itamar, queridos tios, tias, primos e primas: de alguma forma, a presença de vocês está visível nas páginas desta tese. A minha sustentação moral e material, decorrente do apoio vigilante e incansável de vocês, é apenas uma delas. Ao meu pai João e a minha mãe Elza, acima de tudo, expresso a minha mais sincera gratidão. Vocês são parte de quem eu sou, e sempre serão.

Last but not least, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro à pesquisa, com a concessão da bolsa de doutorado.

*If you can do the things you love
And do them well
And have fun doing them
And also be recognized, admired (and
envied)
And ever (also) make money
You are truly blessed*

*I have been**

Poema de Roberto Civita, 2006, in “O dono da banca”,
de Carlos Maranhão.

* “Se você pode fazer as coisas que ama/ E fazê-las bem/ E se divertir ao fazê-las/ E também for reconhecido, admirado (e invejado)/ E sempre (também) ganhar dinheiro/ Você verdadeiramente é abençoado/ Eu fui” (tradução livre).

RESUMO

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil. 182 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Esta pesquisa procura analisar os sentidos da questão negra na obra de Florestan Fernandes. A imbricação entre os problemas raciais e sociais em solo brasileiro, produzida quando, nos anos 1950, ele fez pesquisas para a UNESCO sobre o negro na estrutura social do país, nos levou a investigar a genealogia de sua formação em S. Paulo. As primeiras relações acadêmicas e institucionais do jovem sociólogo foram abordadas visando a análise das principais correntes que o influenciaram. A documentação internacional encontrada, como correspondência pessoal de alguns de seus professores e colegas estudantes, boletins institucionais de algumas universidades e organizações internacionais, artigos e relatórios acadêmicos, revelou o crescimento, ao longo dos anos 1940, da teia de relações de Florestan com alguns dos principais sociólogos da Escola de Chicago. O momento era de pós-guerra e teve importância mundial não só para o desenvolvimento de novas teses sobre o racismo, como para a abertura de espaço para a ação dos intelectuais, na forma de uma agenda de antirracismo, apoiada nos direitos humanos. Os nexos entre as teses de Florestan a respeito da situação do negro e a constituição de uma rede intelectual – vinculada, sobretudo, aos Estados Unidos – são o objeto privilegiado desta pesquisa. Discutiremos, portanto, a importância destas teias para o pensamento do sociólogo sobre racismo, pobreza e democracia no Brasil.

Palavras-chave: Pós-Segunda Guerra Mundial; Racismo; Direitos humanos; Redes intelectuais; Florestan Fernandes.

ABSTRACT

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. Florestan Fernandes and Anti-Racism in the United States and Brazil, 1941-1964. 182 pages. Dissertation (PhD in Social History). Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, 2016.

This research aims at analyzing some meanings of the race question in Florestan Fernandes' *oeuvre*. The imbrication of race and social problems in Brazil, produced when, throughout the 1950s, he carried out research on the Negro in national social structure, led me to investigate his early education in São Paulo. Young sociologist first academic and institutional relations were considered to the extent of investigating the most influent leanings into his education. International documents found, such as private correspondence from some of his main professors and colleagues, university and international organizations bulletins, and academic papers and reports, revealed Fernandes' wide range of relations with some of Chicago School's most important sociologists of the 1940s. The time felt like reconstruction due to post-Second World War, and it had great importance not only to the development of new theses concerning racism, but also to the widening of space in terms of intellectual's actions, within an antiracism agenda, supported by human rights agencies. Connections between Fernandes' theses regarding the Negro situation and the making of an intellectual network, mainly through the United States, are the privileged object of this research. Therefore, it will be analyzed the importance of these relations to his theses on racism, poverty and democracy in Brazil.

Keywords: Post-World War II; Racism; Human Rights; Intellectual networks; Florestan Fernandes.

RÉSUMÉ

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. Florestan Fernandes et anti-racisme aux États-Unis et au Brésil. 182 f. Thèse (Doctorat en Histoire Sociale). Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, en 2016.

Cette recherche vise à analyser le sens de la question noire aux travaux de Florestan Fernandes. L'imbrication des problèmes sociaux et raciaux au Brésil, produite quand il a enquêté sur la structure sociale du pays, nous a conduits à analyser la généalogie de sa formation à São Paulo. Du point de vue globale, on peut constater que l'après-guerre avait grande importance non seulement pour le développement de nouvelles théories sur le racisme et pour l'ouverture de l'espace pour l'action des intellectuels, sous la forme d'un programme de lutte contre le racisme, soutenu par les droits de l'homme. Les liens entre les idées de Florestan sur la situation du noir et la création de réseaux intellectuels, surtout ceux liés aux États-Unis, sont l'objet privilégié de cette recherche. Les premières relations académiques et institutionnelles du jeune sociologue ont été abordées visant à l'analyse des principaux courants qui l'ont influencé. La documentation internationale trouvée, telle que sa correspondance privée, des rapports institutionnels, des bulletins d'information et des articles scientifiques, révèle le vaste réseau de relations de Florestan avec certains des plus grands sociologues des années 40: l'école de Chicago. Donc, nous allons discuter de l'importance de ces réseaux pour la pensée Sociologue sur racisme, pauvreté et démocratie au Brésil.

Mots-clés: Post-Seconde Guerre Mondiale; racisme; droits de l'homme; réseaux intellectuels; Florestan Fernandes.

ACERVOS PESQUISADOS

➤ Brasil:

- 1) Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda”, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP (CAPH/USP)
- 2) Centro de Documentação da FESPSP, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo/SP (CEDOC/FESPSP)
- 3) Fundo Donald Pierson, Arquivo Edgar Leurenroth, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP (AEL/UNICAMP)
- 4) Fundo Fernando de Azevedo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP (IEB/USP)
- 5) Fundo Florestan Fernandes, Biblioteca Central da UFSCar, São Carlos/SP (FFF/UFSCar)
- 6) Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo/SP (APESP)
- 7) Setor Administrativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP (FFCLH/USP)

➤ Estados Unidos:

- 8) Ashley Montagu Papers, American Philosophical Society, Filadélfia/PA (APS)
- 9) Edward Franklin Frazier Papers, The Moorland-Spingarn Research Center, Howard University, Washington D.C. (MSRC/HU)

- 10) Emilio Willems Papers, Special Collections & University Archives, Vanderbilt University, Nashville/TN (SCUA/VU)
- 11) Ford Foundation Archives, Rockefeller Archive Center, New York/NY (FF/RAC)
- 12) Margaret Mead Papers and South Pacific Ethnographic Archives, Library of Congress, Washington D.C (MMP/LC)
- 13) Marvin Harris Papers, National Anthropological Archives, Smithsonian Institution, Washington D.C (NAA/SI)
- 14) Robert K. Merton Papers, Rare Book & Manuscript Library, Columbia University, New York/NY (RBML/CU)
- 15) Talcott Parsons Papers, Harvard University Archives, Harvard University, Cambridge/MA (HUA/HU)

➤ Acervos online:

- 16) Acervo do *O Estado de S. Paulo*: <<http://www.acervo.estadao.com.br>> (AE)
- 17) Acervo da *Folha de S. Paulo*: <<http://www.acervo.folha.uol.com.br>> (AFSP)
- 18) Arquivo Histórico de São Paulo (*Revista do Arquivo Municipal*): <<http://www.arquiamigos.org.br/ram/index>> (AHSP)
- 19) Biblioteca da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (*Revista Sociologia*): <<http://biblioteca.fespsp.org.br/pergamum/biblioteca>> (CEDOC/FESPSP)

- 20) Charles Wagley Papers, Special & Area Studies Collection, University of Florida: <<http://ufdc.ufl.edu/wagley>> (SASC/UF)
- 21) UNESCO Database, United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization: <<http://www.unesco.org/new/en/unesco/resources/online-materials/publications/unesdoc-database/>> (UNESDOC)
- 22) W.E.B Du Bois Papers, Special Collections & University Archives, University of Massachusetts: <<http://credo.library.umass.edu/view/collection/mums312>> (SCUA/UM)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Donald Pierson.

Figura 2 – Herbert Baldus.

Figura 3 – Emilio Willems.

Figura 4 – Otto Klineberg.

Figura 5 – Roger Bastide.

Figura 6 – Paul Hugon.

Figura 7 – Kalervo Oberg.

Figura 8 – Prédio Caetano de Campos, na Praça da República, onde funcionava a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (década de 1940).

Figura 9 – Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (década de 1950).

Figura 10 – Florestan Fernandes, quando, em 1943, se formava pela FFCL/USP.

Figura 11 – Recorte de imagens da biblioteca de Florestan Fernandes, com foco na coleção sobre relações raciais em diversos países e continentes.

Figura 12 – Parte da coleção sobre sociologia industrial e do trabalho, inclusive os fundamentos e aplicações relativos não só ao Brasil, mas também aos Estados Unidos, Índia, Japão e outros países.

Figura 13 – Parte da coleção sobre desenvolvimento social e econômico, na qual nota-se a presença de teóricos norte-americanos e alemães do nacional-desenvolvimentismo.

Figura 14 – Parte da coleção sobre socialismo e comunismo, na qual nota-se a presença de títulos sobre pensamento socialista, economia planificada, história soviética, entre outros temas.

Figura 15 – Estantes de livros constituídas ao longo da atuação parlamentar de Florestan Fernandes, do fim dos anos 80 até metade da década de 90.

SUMÁRIO

Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e no Brasil, 1941-1964

Introdução

O local e o mundial em Florestan Fernandes.....	22
---	----

Capítulo 1

A trajetória de Florestan Fernandes nos anos 1940.....	52
--	----

1.1. A formação do cientista social.....	55
1.2. Vertentes e diretrizes da escola paulista.....	72
1.3. A passagem da Etnologia para a Sociologia.....	92
1.4. Anexo.....	104

Capítulo 2

Diálogos internacionais em <i>Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo</i>	111
--	-----

2.1. As políticas da UNESCO para o Brasil.....	122
2.2. Antirracismo norte-americano e a pesquisa da UNESCO em S. Paulo...	127
2.3. Presença de Gunnar Myrdal nas Ciências Sociais de S. Paulo.....	130
2.4. Anexo.....	134

Capítulo 3

Os usos de <i>An American Dilemma</i> nos Estados Unidos e Brasil.....	135
--	-----

3.1. A pesquisa nos Estados Unidos: o negro e a democracia.....	139
3.2 O surgimento do dilema brasileiro.....	148
3.3. A agenda antirracista na revista <i>Anhembi</i>	154
3.4. Anexo.....	158

Considerações finais.....	159
Iconografia.....	162
Bibliografia.....	167

Introdução

O local e o mundial em Florestan Fernandes

De modo geral, a História e as Ciências Sociais, em sua especialidade, ou mesmo subespecialidade, de estudos sobre o pensamento de F. Fernandes, tendem a investigar o tema a partir de um certo padrão heurístico, com questões que apontam, na maioria das vezes, para o argumento de que ele criou um modelo absolutamente nacional de ciência: a *sociologia brasileira*. Este modelo, segundo grande parte dos especialistas, advogaria a produção do saber acadêmico em Ciências Sociais em bases nacionais, com métodos, técnicas e conceitos teóricos desenvolvidos a partir da realidade nacional. A sociologia brasileira pensaria, portanto, os problemas presos à realidade nacional.

As perguntas feitas pelos especialistas giram em torno do que pretendia este modelo, quais seus objetivos e como seus adeptos os realizariam. Dos textos clássicos sobre o sociólogo¹ aos mais recentes², Florestan aparece, de modo unívoco, como o criador de uma nova corrente nas Ciências Sociais, apoiada no modelo tripartite, que funde as ideias de Durkheim, Weber e Marx na análise dos problemas nacionais. Mais ainda, o movimento que o teria inspirado a conceber de tal modo as Ciências Sociais era, para estes especialistas, o modernismo de São Paulo, dado o tipo de ideais de brasilidade que difundia desde os anos 1920, encabeçados pela capital paulista e sua identidade moderna.

Ao discutir a questão do negro na sociedade brasileira, além dos outros temas abordados em sua obra, pelo menos até a década de 1960 (subdesenvolvimento, dependência, industrialização, revolução burguesa etc.), ele teria ampliado a compreensão daqueles problemas com pesquisas totalmente originais e inovadoras, isto é, cujos métodos, técnicas e conceitos teóricos não teriam sido reproduzidos de escolas ou tradições intelectuais estrangeiras, tão à moda dos antecessores, mas recriados por meio de uma síntese entre tendências opostas.

¹ Como, por exemplo, o livro de D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. UNESP, 1987.

² O livro mais recente foi editado por CEPÊDA, Vera Alves & MAZUCATO, Thiago (Org.) *Florestan Fernandes 20 anos depois: um exercício de memória*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2015.

Reconhece-se, no máximo, que ele acompanhava a evolução da ciência em âmbito mundial, sobretudo as técnicas novas criadas nos Estados Unidos e Europa. E daí ter consciência, desde jovem, das últimas pesquisas realizadas e dos debates teóricos em torno dos objetos das Ciências Sociais. As ideias sobre democracia e reforma de Gunnar Myrdal (fundamentalmente, o livro *An American Dilemma*, de 1944), ele não apenas conheceria como seria um entusiasta. Haveria outras vertentes teóricas externas com as quais costumava dialogar, mas nunca as incorporando abertamente às suas próprias pesquisas, segundo o que dizem os principais autores a respeito da chamada escola paulista de Sociologia.³

Um dos problemas desta interpretação é que ela é insuficiente em relação à análise do que estava acontecendo no mundo, não só enquanto Florestan completava sua formação intelectual, ao longo dos anos 40, como quando ele já tinha certa autonomia intelectual, como professor na Universidade de São Paulo, depois de 1954. O importante é perceber, em sua trajetória intelectual, as conexões mantidas com os principais agentes responsáveis pela constituição e sistematização do campo da Sociologia e Antropologia, algo realizado de forma universal, válida para todos os países do globo. Se o processo apresenta particularidades históricas no que diz respeito às sociedades nas quais se tornou realidade, em decorrência das características destas sociedades, este aspecto reforça aquela perspectiva de análise, por revelar significativas mediações entre os que produziam fundamentos teóricos da ciência e leituras da realidade social, de um lado, e os que, pensando sua própria sociedade, valiam-se daqueles fundamentos, seja como inspiração, apropriação, releitura ou reformulação de ideias, do outro lado.

Florestan foi parte ativa do processo de sistematização das Ciências Sociais. Do Brasil, estava em contato direto com outros cientistas sociais e instituições – os principais agentes deste processo –, mais que apenas brasileiros, globais. A partir de 1941, quando ingressou na graduação em Ciências Sociais da recém-criada USP, sua aprendizagem estimulava o olhar internacional diante do quadro contemporâneo do saber científico, no qual diversas mudanças estavam em pleno curso. Fatores como a composição estrangeira do corpo docente, com

³ Cf. ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento & GARCIA, Sylvia Gemignani. *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Brasília: Paralelo 15, 2003.

missões de professores oriundos da Europa, alguns acordos de cooperação acadêmica, que permitiam a contratação de outros professores estrangeiros visitantes, e os eventos em torno da Segunda Guerra Mundial, que ensejavam análises acerca das causas geopolíticas que levaram à sua eclosão, formaram condições favoráveis para a aprendizagem de Florestan em bases mais internacionais que regionais. Ele mesmo reconhece que o modernismo paulista não o inspirou.⁴ Já os debates mundiais em torno das problemáticas que o *mainstream* considerava relevantes foram ativamente acompanhados. E não só isso: ele ascendeu, pouco a pouco, ao longo dos anos 50, ao grupo de elite que participava dos desenvolvimentos do campo científico – uma rede intelectual colaborativa, ligada a várias universidades norte-americanas, que tinha agenda de pesquisas própria, como, por exemplo, o impacto degenerativo do racismo no desenvolvimento das democracias ocidentais após a II Grande Guerra.

Se questões tão diversas como folclore afro-brasileiro, história indígena, industrialização, ordem burguesa e a situação do negro nesta ordem foram abordadas por ele nos anos 40, ao mesmo tempo em que avançava em sua formação intelectual, concluindo mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), o ponto de partida para o claro entendimento de suas ideias sociológicas, a meu ver, não reside na identificação de supostos debates com tradições ou movimentos intelectuais paulistas, de modo particular, ou brasileiros, de modo geral. Sua formação intelectual está marcada pelos grupos com os quais manteve contato, especialmente seus professores. Mais estrangeiros que nativos, seus professores trouxeram do exterior conhecimentos inéditos até mesmo para a intelectualidade paulistana. O ensino universitário, em pleno vapor, estava alinhado ao que era produzido mundialmente e transmitia as últimas tendências nos debates em Ciências Sociais. Não só estava alinhado como os docentes faziam parte de grupos mais amplos, internacionais, como redes intelectuais, associações profissionais e instituições acadêmicas norte-americanas e europeias.⁵

⁴ FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: HUCITEC, 1978, p. 17.

⁵ American Sociological Association (ASA), Society for Applied Anthropology (SfAA), Smithsonian Institution, Social Science Research Council (SSRC), National Association for The Advancement of Colored People (NAACP), Ford Foundation, Rockefeller Foundation, ONU e UNESCO são só alguns exemplos, sem contar as universidades norte-americanas e europeias em que os professores se formaram. Alguns deles, mesmo depois de formados e já atuando no Brasil, mantiveram vínculo com as universidades de origem, para fins de atualização dos conhecimentos ou parceria em projetos de pesquisa coletivos.

A estrutura universitária na qual Florestan se formou teve grande impacto na constituição de seu pensamento. Redes dinâmicas de colaboração acadêmica permitiam a realização de intercâmbios entre professores, do exterior para o Brasil, e vice-versa. Eles vinham de países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Na USP, prevaleceram os franceses. Na ELSP, os norte-americanos, embora os acordos desta época fossem dinâmicos e permitissem a colaboração, mais ou menos duradoura, de intelectuais oriundos de diversos outros países. Chegadas e partidas de professores visitantes, para a oferta de disciplinas de graduação e pós-graduação, além da condução de pesquisas, eram bastante comuns na ELSP. Ideias e saberes eram transmitidos abundantemente pelos vários cursos oferecidos. Mais que um amplo, porém indefinido, campo intelectual em formação neste momento, Fernanda Massi⁶, estudando a história das relações intelectuais entre Brasil-França e Brasil-Estados Unidos, diz que estava em curso em São Paulo a formação de cientistas sociais tal como eram entendidos naqueles dois países. Estava em curso, na USP, a formação de professores secundários; já na ELSP, de técnicos e pesquisadores especialistas em análises sociológicas e antropológicas. A participação dos intelectuais estrangeiros, como então entendiam os fundadores de ambas as instituições, seria fundamental para o sucesso dos dois projetos.

Os anuários da Escola, espécie de relatório institucional editado anualmente pelo então diretor, Cyro Berlinck, trazem, entre outras informações, o programa das disciplinas regulares e especiais de graduação e pós-graduação. As especiais eram oferecidas apenas durante a permanência na instituição dos professores visitantes, contratados, por tempo limitado, para docência e orientação de pesquisas em Ciências Sociais, História e Economia. Os anuários divulgavam o programa de todas as disciplinas do ano letivo correspondente. Em 1940, figuraram, pela primeira vez, duas disciplinas oferecidas por Donald Pierson, recém-contratado como diretor acadêmico da instituição: Antropologia Social e Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.⁷ Já o anuário de 1942, reportando-se ao ano

⁶ MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. 1991. 281 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). IFCH/UNICAMP, Campinas, SP.

⁷ PhD em Sociologia pela Universidade de Chicago, sob orientação de Robert E. Park, com tese sobre as relações raciais na Bahia, Pierson foi convidado em 1939 pelos gestores da ELSP para assumir o cargo de diretor acadêmico, sendo responsável pela gestão dos recursos humanos e financeiros da instituição. Ele e a esposa se mudaram para o Brasil no mesmo ano. Assim teve início sua longa experiência profissional no país, interrompida só em 1957 por motivos de saúde.

letivo anterior, noticiou a contratação permanente de Emilio Willems⁸, entre mais professores admitidos, e a contratação temporária de Radcliffe-Brown como professor visitante.⁹

Alguns jornais brasileiros, como *Folha da Manhã* e *Estado da Bahia*, divulgaram a passagem de E. Franklin Frazier pelo Brasil, realizada em 1940.¹⁰ O sociólogo foi convidado por Pierson para desenvolver pesquisas sobre o sistema de relações raciais brasileiro e dar conferências acadêmicas na ELSP. Com recursos provenientes da Fundação Guggenheim, viajando ao Brasil ele dava continuidade a sua agenda de estudos comparativos entre países latino-americanos, como Jamaica e Haiti, e os Estados Unidos. Também esperava contribuir para a maior aproximação das relações intelectuais entre os Estados Unidos e o Brasil, de modo que beneficiassem mais os estudos afro-brasileiros e norte-americanos em torno do negro, sua estrutura familiar e situação de vida contemporâneas.¹¹

As conferências foram só o começo de suas atividades no país. Pesquisas qualitativas e levantamento de dados em Salvador e Recife, dois dos maiores centros de população negra do país, fizeram parte de seu plano de trabalho. Ele voltaria ao Brasil dois anos depois, com o propósito de dar mais conferências

Pierson e sua família voltaram para os Estados Unidos. Ele não mais atuou no Brasil. Cf. CORRÊA, Mariza (Org.). *História da Antropologia no Brasil (1930-1960) – Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987.

⁸ Alemão de origem – doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim, sob orientação do sociólogo Alfred Vierkdant –, Willems fugia do nazismo quando se mudou para Brusque, Santa Catarina, em 1931. Assim que chegou no Brasil passou a lecionar em seminários católicos. Em 1936, foi levado por Fernando de Azevedo para a Universidade de São Paulo, onde, além de inaugurar a cadeira de Antropologia, realizou sua livre-docência. Outro trabalho relevante desta época foi a tradução, do alemão para o português, do livro *Ideologia e utopia*, de Karl Mannheim. Ao longo de sua carreira na USP, Willems concentrou suas pesquisas nos problemas de aculturação, assimilação e mudanças culturais entre comunidades de imigrantes no Brasil. Cf. PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. *Estudos Avançados*, São Paulo: vol. 8(22), pp. 249-253, 1994.

⁹ A. R. Radcliffe-Brown, inglês, foi antropólogo com carreira como professor na Universidade de Oxford. Sua obra, entre livros e artigos científicos, se concentrou na sistematização do estrutural-funcionalismo como método de análise dos fenômenos sociais. Apesar dos artigos terem sido mais importantes que os livros para sua projeção, *The Andaman Islanders*, publicado em 1922, é o livro mais conhecido de Radcliffe-Brown. Cf. STOCKING JR., George W. *Race, Culture, and Evolution. Essays on the History of Anthropology*. New York: Free Press, 1968.

¹⁰ Sociólogo norte-americano, também formado por Robert E. Park, Franklin Frazier destacou-se não só pelas análises sobre a situação do negro nos Estados Unidos, mas também pelo ativismo político ao participar de movimentos negros e atuar no *establishment* liberal, ou seja, no interior de organismos internacionais dedicados à promoção da paz mundial, como a UNESCO. Foi professor titular de Sociologia na Universidade Howard, em Washington D.C. Um de seus livros mais influentes nos anos 1940, *The Negro Family in the United States*, rapidamente será lido e citado em diferentes situações por muitos intelectuais da USP e ELSP. Cf. Franklin Frazier Papers Finding Aid – Staff, MSRC, “FRAZIER, E. Franklin” (2015). *Manuscript Division*. Paper 74.

¹¹ *Estado da Bahia*, 10 out. 1940. Box 131, Folder 14, MSRC.

acadêmicas e completar a pesquisa científica. Em 1942, vieram a público de uma só vez todos os seus artigos.¹² Além da leitura e interpretação da literatura clássica dos estudos afro-brasileiros – Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Costa Pinto, Artur Ramos, Gilberto Freyre etc. –, F. Frazier apoiou sua investigação nas teses de dois americanistas, que estiveram no Brasil através do financiamento da Fundação Rockefeller: Ruth Landes e Donald Pierson.¹³ O livro deste último, *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*, logo que lançado, recebeu uma resenha bastante positiva de seu parceiro intelectual norte-americano.

Entre os pioneiros do ensino universitário das Ciências Sociais no Brasil, e de sua institucionalização, Herbert Baldus se destacou pela efetiva atuação no quadro docente da ELSP e USP. Desde seu ingresso na primeira instituição, em 1939, ele se dedicou, juntamente com professores da casa, como Pierson e Willems, a várias frentes de atuação, implantando e lecionando cursos de Antropologia e Etnologia Indígena; editando a revista acadêmica *Sociologia*, que logrou enorme importância na área para os estudantes brasileiros; escrevendo dicionários temáticos, manuais e livros como contribuições para a constituição da área no país, produtos, é claro, de pesquisas de campo no interior de algumas sociedades indígenas, espalhadas pelas distintas regiões brasileiras; enfim, formando novas gerações de cientistas sociais, especialmente de antropólogos especializados nos problemas indígenas, cujas pesquisas de mestrado eram por ele orientadas. Em 1946, com o ingresso no Museu Paulista da USP, desempenhando a função de chefe do Setor de Etnologia, não só sua importância, como a influência de seu projeto indigenista foram ampliadas. Neste período ele já detinha condições para introduzir, “na formação dos antropólogos que passavam pela ELSP, um viés político que marcou a produção e a atuação de vários de seus alunos,

¹² 1) “The Negro Family in Bahia, Brazil” foi publicado na *American Sociological Review*; 2) “Some Aspects of Race Relations in Brazil” foi publicado em *Phylon*; 3) A resenha do livro de Pierson foi publicada em seção própria do *American Journal of Sociology*.

¹³ Ruth Landes se formou em Sociologia na New York University, mas se especializou em Serviço Social pela Columbia University. Em 1936, ela concluiu o doutorado em Antropologia, estudando com intelectuais da envergadura de um Franz Boas e Ruth Benedict. Esta última a convidou para integrar sua equipe de pesquisadores que estavam realizando campo em várias regiões do Brasil. Antes de iniciar tal empreitada, ela passou por um período de pesquisas acadêmicas sobre a história do Brasil na Fisk University, onde contou com a colaboração de Robert E. Park e Pierson (que estavam lecionando lá nesta época). Seu campo, realizado na Bahia, durou dois anos, entre 1938 e 1939. Sua pesquisa foi dividida em dois aspectos da questão racial: as condições de vida das mulheres afro-brasileiras e a integração dos homens homossexuais ao candomblé da Bahia. O livro *City of Women*, publicado em 1947, é um dos resultados desta experiência. Cf. “Register to the Papers of Ruth Landes”, NAA/Sl.

tornando-se uma característica importante do próprio campo etnológico brasileiro”, de acordo com o estudo feito por Luiz Henrique Passador.¹⁴

Linhagens, tendências e vertentes teóricas estavam em plena formação no meio acadêmico paulista de então. No âmbito das Ciências Sociais havia uma tríade intelectual entre Pierson, Willems e Baldus, cuja hegemonia atraiu jovens estudantes para a adesão à sua linhagem teórica, centrada no estrutural-funcionalismo. Florestan, com apenas 25 anos quando começou o mestrado na ELSP, usufruiu dos conhecimentos desta tríade como bom aprendiz. Desde a graduação na USP, ele mostrou capacidade ímpar de ler textos e sistematizar ideias e conceitos. Entrara no mestrado para aprimorar suas técnicas de pesquisa, e para tanto era preciso conhecer não apenas as principais tradições do campo intelectual, mas também, e fundamentalmente, as inovações em termos de métodos e técnicas, que respondiam à emergência de problemas desafiadores à consciência dos cientistas sociais. A situação de vida do negro nas metrópoles modernas, em rápido crescimento, é só um entre outros exemplos de questões que passaram a interessar os cientistas sociais a partir dos anos 1920, assim como a exigir ferramentas que interpretassem a complexidade do fenômeno urbano.

Assim, podemos notar que as leituras feitas por Florestan foram influenciadas pelos mestres estrangeiros. Os clássicos foram ensinados por Roger Bastide e outros professores da USP. Os modernos foram aprendidos, em certa medida, e excetuando seu autodidatismo, na ELSP, por meio das leituras trabalhadas pelos professores nas disciplinas de pós-graduação cursadas por ele. O histórico escolar do jovem sociólogo, em nível de mestrado, mostra quantas e quais disciplinas ele cursou. No total, foram 13 disciplinas, ministradas, na maioria, por estrangeiros de diferentes nacionalidades. Entretanto, Pierson ganhou maior im-

¹⁴ Baldus doutorou-se em Filosofia na Universidade de Berlim, dando ênfase ao estudo da Etnologia e Americanística, sob a concepção de Malinowski acerca do treino científico do antropólogo. Isto quer dizer que a técnica da pesquisa de campo, o levantamento e interpretação de dados e a análise funcionalista seriam elementos constitutivos da pesquisa antropológica moderna, então seguidos por Baldus. Em 1939, quando foi criada a pós-graduação na ELSP, ele estabeleceu um conjunto de ações a favor da constituição da Etnologia. As aulas e obras editadas sob o auspício do *Seminário sobre os índios no Brasil*, sua cadeira oficial na Escola, são evidências da consolidação da Etnologia como uma ciência social. Muitos pesquisadores foram formados sob as diretrizes daquela cadeira desde então. A dissertação de mestrado de Florestan, intitulada *A organização social dos Tupinambá*, é só um dos exemplos mais conhecidos. PASSADOR, Luiz Henrique. *Herbert Baldus e a Antropologia no Brasil*. 2002. 207 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 94.

portância por Florestan, posto que, do total, quatro foram cursadas com o professor norte-americano, a saber: Estudo da Sociedade, Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, Mudança Social, e, por último, Raça e Cultura.¹⁵

De fato, o jovem sociólogo se revelou pródigo em termos de leitura, compreensão e análise dos textos discutidos pelos professores. As bibliografias eram extensas e a quantidade de créditos ou horas de estudo exigidos era grande. As bibliografias dos cursos, na grande maioria, traziam a mais atual produção internacional das Ciências Sociais, tanto de caráter teórico quanto empírico. Os livros estavam na língua inglesa principalmente, dado o peso da produção anglo-saxã no projeto político-pedagógico da Escola, mas também havia livros em francês, espanhol e alemão. Pouco frequentes eram livros escritos por brasileiros. Os que foram usados nos cursos pós-graduados se referiam aos intelectuais mais influentes nos anos anteriores, cujos ensaios de interpretação nacional dominavam os debates políticos, sociais e econômicos da década de 1930. É o que deixam entrever os *Anuários* de 1946, 1947 e 1948.

Recebendo nota máxima em quase todas as disciplinas (exceto Inglês I, II e III), Florestan escreveu muitos trabalhos para cumprir os requisitos necessários à sua aprovação e ao avanço nas fases do mestrado. Autores, correntes de pensamento e técnicas de pesquisa empírica foram estudados em concordância com o que os próprios professores estudavam e ensinavam aos alunos. Ou seja, os temas desenvolvidos, teóricos ou práticos, derivaram das predileções intelectuais e projetos de pesquisa dos professores. Florestan discutiu questões como alguns estudos de comunidade consagrados em Chicago, como os de Robert E. Park e Ernest Burgess, os métodos empregados e as teses produzidas por estes estudiosos, bem como certas problemáticas inerentes às técnicas da estatística, observação participante, entrevista, questionário e história de vida. O estrutural-funcionalismo foi mais um tema bastante presente nos trabalhos do jovem sociólogo.¹⁶

¹⁵ *Histórico Escolar de Florestan Fernandes*, 1948, Dossiê F. Fernandes, n. 1.945.002.001, Pasta 59/1, CEDOC/FESPSP.

¹⁶ O *Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, ministrado por Pierson, dividia-se em dois módulos: I e II. Florestan os cursou em 1945 e 1946, respectivamente. As técnicas comuns à pesquisa de campo foram estudadas neste contexto. Já o conceito de mudança social ou mudança cultural foi estudado na disciplina, com o mesmo nome, ministrada por Emilio Willems logo no início do mestrado. As discussões teóricas em torno do funcionalismo se deram nas aulas de *Estudo da Sociedade*, também ministrada por Pierson. As ideias de Durkheim e Mannheim foram analisadas no texto de Florestan sob o ponto de vista da constituição do estrutural-funcionalismo.

O treino oferecido pela ELSP era, de certa forma, complementado pelo ensino mais teórico da USP. O itinerário intelectual realizado pelos estudantes à época, que iniciavam sua formação básica na USP, passavam pelo treinamento de caráter técnico, com ênfase na pesquisa empírica, em seu aprofundamento e aplicação, oferecido pela ELSP, para depois completarem o processo educacional novamente na Faculdade de Filosofia da USP, realizando doutorado, era algo bastante comum nos anos 1940. Segundo Fernando Limongi, os estudantes que mais se destacavam e tinham carreira promissora no campo das Ciências Sociais costumavam fazer este percurso.¹⁷ Era uma maneira de se integrar ao mundo acadêmico e profissional dos cientistas sociais, em acelerada expansão em São Paulo, e de se inserir nas redes intelectuais e participar das agendas de pesquisa predominantes, partilhadas entre os professores estrangeiros, intelectuais norte-americanos, franceses e ingleses, e determinadas agências internacionais. Após 1945, quando o nazismo caíra e os Estados Unidos retomaram o poder político-econômico no Ocidente, as conexões dos intelectuais de São Paulo com a nova agenda em torno dos direitos humanos foram ampliadas.

Neste momento, o funcionalismo era estudado em ambas as instituições. Mais que qualquer outra vertente, Durkheim de *As regras do método sociológico* e *Da divisão do trabalho social* era o alicerce comum da abordagem funcionalista. Por meio da tríade intelectual da ELSP, Bastide e outros professores da USP, aconteceram as primeiras sistematizações em torno do estrutural-funcionalismo no país. Fazia parte dos interesses destes intelectuais, de modo geral, a análise das mudanças em curso na sociedade brasileira, em termos da transição do estilo de vida tradicional e rural para o moderno e urbano, do problema da integração das minorias étnicas e outros grupos excluídos à sociedade de classes, e da inserção do Brasil no circuito das nações modernas e desenvolvidas. Estas diretrizes intelectuais respondiam à agenda dos direitos humanos, cuja formação se

Não só funcionalistas ingleses modernos, como Radcliffe-Brown e Malinowski, ou os norte-americanos, como os membros da Escola de Chicago ou Talcott Parsons, foram discutidos nas aulas, mas também os pensadores europeus que deram sustentação teórica à abordagem funcionalista tal qual os cientistas sociais desta época a praticavam. Cf. "Estudo da Sociedade – Exame Final", Dossiê F. Fernandes, n. 1.945.002.001, Pasta 59/1, CEDOC/FESPSP.

¹⁷ LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1989, v. 1.

dava simultaneamente, sustentada por segmentos reformistas da intelectualidade norte-americana e europeia.¹⁸

A abertura ao debate mundial em torno do funcionalismo significava participar do que a elite internacional preparava em termos de agenda acadêmica e política para o mundo ocidental. Se, no pós-guerra, questões como pobreza, miséria e racismo mobilizavam os intelectuais e governos no sentido de formularem propostas universais para sua solução, então os intelectuais no Brasil, pensando o país, primeiro, como membro das democracias ocidentais, uma sociedade em pujante transformação, lugar fértil para investigações raciais, trataram de acompanhar esta agenda e manter conexões diretas com a elite internacional.

A agenda das Ciências Sociais no Brasil, desde a sua institucionalização em São Paulo, nos anos 30, guardava íntima relação com a agenda global deste campo de estudos. Uma era o desdobramento da outra. Durante e após a guerra, instituições como Smithsonian Institution, mediante o Social Anthropological Institute, Ford Foundation e Rockefeller Foundation, organizações dos Estados Unidos – e, depois de 1945, a própria UNESCO –, estavam sensíveis aos problemas educacionais dos países da América Latina. A educação seria, então, um caminho eficaz para a construção da paz duradoura e do entendimento global. Neste projeto, as relações raciais ganhavam cada vez mais espaço, visto que poderiam ser a chave para a compreensão das causas que resultaram na Segunda Grande Guerra. Daí, desde 1949, a UNESCO ter iniciado seus programas de incentivo à luta contra o preconceito de cor, também chamada de antirracismo.¹⁹

Antes mesmo da II Guerra Mundial, e durante ela também, uma tradição acadêmica de estudos raciais foi criada pelos sociólogos reunidos em torno da Escola de Chicago. Vários estudos foram realizados a respeito da situação social

¹⁸ Arthur Schlesinger, Eleanor Roosevelt, Walter Reuther, e outros precursores do *Americans for Democratic Action*, embrião do que mais tarde se tornaria a UNESCO, além de intelectuais como Franklin Frazier, Gunnar Myrdal, Hanna Arendt, Ashley Montagu e Margaret Mead, foram importantes agentes do movimento pelos direitos humanos. Apoiado pelo presidente Harry Truman, o movimento foi configurado em torno da ideia de *third force* (terceira força), uma estratégia política alinhada nem à direita nem à esquerda, mas ao centro vital, ou seja, a defesa do desenvolvimento econômico como engendrador da liberdade. A agenda dos direitos humanos, por focar setores marginalizados da sociedade, já pressupunha, desde o começo, aquela concepção político-ideológica. Ela seria o caminho, diziam seus inventores, para as democracias ocidentais evitarem a infiltração da ideologia comunista, especialmente nos países subdesenvolvidos. CANCELLI, Elizabeth. *O Brasil e os outros: o poder das ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

¹⁹ MAIO, Marcos Chor. *A história do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. 1997. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). IUPERJ/Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, RJ.

do negro e das consequências do racismo para a democracia. Estes estudos já traziam, como denominador comum, a crítica contra o conceito biológico de raça, que entendia o fenótipo como fator determinante das raças humanas. Não foram, contudo, só os norte-americanos os primeiros a pôr em questão o estatuto científico do conceito de raça. Antes da guerra, já havia em solo brasileiro intelectuais estudando as relações raciais, embora não-acadêmicos, desvinculados das universidades ou centros de pesquisa. Os estudos de Gilberto Freyre, Artur Ramos e Costa Pinto, por exemplo, contribuíram para a emergência de uma visão crítica do racismo científico, ao mesmo tempo em que pensavam o negro como agente histórico, cujo papel na construção nacional seria objeto de investigações. Quando, durante os anos 1940, a agenda global das Ciências Sociais foi centrada nos problemas raciais, o Brasil já era visto do ponto de vista mundial como laboratório de civilização, isto é, um país marcado menos pelo ódio que pelo convívio brando ou harmônico entre os grupos raciais. Esta imagem positiva derivava, em grande medida, do sucesso alcançado pelos estudos daqueles pioneiros entre nós.

No entanto, as universidades, mais que outras comunidades intelectuais isoladas, foram o alvo privilegiado das políticas antirracistas desde a emergência dos direitos humanos, logo depois do holocausto. No momento em que os países ocidentais buscavam soluções democráticas para a sua reconstrução, a ciência, a cultura e a educação eram vistas como *locus* ideal para a elevação do homem, para seu esclarecimento, assim como para a conquista da paz mundial. No pós-guerra, muitas universidades foram investidas da responsabilidade de desenvolver os papéis da ciência. A compreensão dos resultados catastróficos do totalitarismo e a promoção do antirracismo deram vida aos direitos humanos. Vínculos fortes de interdependência foram estabelecidos entre as agências de direitos humanos e as ciências, principalmente em sua perspectiva interdisciplinar.²⁰

Uma vez que o regime segregacionista dos Estados Unidos há muito era atacado pelo bloco soviético, que o denunciava como contradição do liberalismo, os países da América Latina, sobretudo o Brasil, apresentavam uma alternativa interessante para a solução da questão negra. As relações raciais no Brasil, tidas como democráticas, passaram a receber cada vez mais a atenção de intelectuais e organizações mundiais, buscando conhecer o sistema no qual, historicamente,

²⁰ MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações. A luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 2, jul./out., 1998.

as distintas raças teriam se acomodado, assimilando uma a outra, bem distante do que vinha acontecendo nos Estados Unidos, países africanos e europeus.

Por isso, as universidades brasileiras contaram com financiamentos estrangeiros para sua estrutura e custeios acadêmicos. As Ciências Sociais em S. Paulo foram beneficiadas graças à atuação dos professores da USP e ELSP, os quais conduziam pesquisas compatíveis com a agenda política do pós-guerra. A expectativa internacional depositada na análise dos aspectos positivos das relações raciais – equilíbrio, assimilação, integração, diversidade cultural etc. – encontrou resposta nas teses dos estrangeiros que aqui pesquisavam, como Pierson, Willems, Bastide, Frazier, Alfred Métraux²¹, Otto Klineberg²², entre outros.

No Brasil, diversos acordos de cooperação acadêmica foram celebrados desde os primórdios da USP e ELSP, e ampliados com a atuação de Pierson no comando acadêmico-financeiro da última instituição. Os diversos relatórios institucionais produzidos por ele apontam, entre outros aspectos, substantivos aportes financeiros destinados à constituição de acervos bibliográficos na ELSP. Entre traduções do inglês para português, aquisição de livros estrangeiros e publicação de pesquisas inéditas no país, estes acervos, a maioria na área das Ciências Sociais, foram financiados por instituições como Rockefeller Foundation. Já as bolsas de mestrado, concedidas aos melhores alunos, e várias outras despesas acadêmicas, foram pagas pela Smithsonian Institution durante os anos 1940. É bem verdade que a Smithsonian não financiou apenas a atuação de intelectu-

²¹ Suíço de nascimento, Métraux foi um antropólogo muito experiente em pesquisas etnológicas nos países da América do Sul. Fez sua carreira acadêmica, contando com bolsas e outros apoios financeiros, com base em análises de sociedades indígenas situadas em distintos países. Tantas experiências resultaram na colaboração para que o *Handbook of South American Indians* viesse a público. O internacionalismo foi uma marca em sua carreira, tanto que ele assumiu, em 1950, a direção do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO. Sua atuação na liderança do órgão ficou marcada pelos projetos em torno do estudo das relações raciais nos países sul-americanos. Nascido em 1902, viveu até 1963. Cf. WAGLEY, Charles. Alfred Métraux. *American Anthropologist*: vol. 66, pp. 603-614, 1964. Disponível em: <<http://www.jstor.com>>. Acesso em 20 mai. 2016.

²² Canadense de nascimento, Klineberg também teve trajetória mais internacional. A sua carreira ficou marcada pela passagem por diversas universidades e organizações. Em 1920, concluiu o PhD em Antropologia, sob orientação de Franz Boas, na Universidade de Columbia. Em 1934, veio ao Brasil, junto com a missão francesa, para lecionar Psicologia Social na USP. Neste momento, também fez parte do corpo docente da ELSP, oferecendo disciplinas na pós-graduação. Entre 1948 e 1949, foi diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, onde criou o projeto *Tensions Affecting International Understanding*, do qual resultaram as primeiras declarações sobre raça – que mudaram a semântica deste conceito –, bem como as bases para projetos de pesquisa em relações raciais no Brasil. Cf. MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

ais estrangeiros entre nós: apoiou a formação de estudantes e intelectuais nacionais também, com bolsas acadêmicas no país e exterior, para mestrado e doutorado, entre outros subsídios para custeio de projetos de pesquisa. Esta formação estava fundada em premissas estrutural-funcionais formuladas pela Escola de Chicago, representada no Brasil pela tríade da ELSP, sob a liderança acadêmica e administrativa de Pierson.²³

Um modelo científico foi implantado na ELSP a partir de 1939, mediante diversas ações de Pierson. Viabilizado pelos acordos financeiros com as organizações norte-americanas, o modelo de Ciências Sociais foi inspirado na experiência bem-sucedida da Universidade de Chicago. As análises de Robert E. Park, Louis Wirth e Robert Redfield, sobretudo, acerca dos problemas emergidos com o crescimento populacional e a modernização de Chicago, entre o final do século XIX e o começo do XX ²⁴, se tornaram parâmetros e foram incorporadas aos três pilares do modelo, isto é, o ensino, a pesquisa e a publicação. Isto só foi possível devido às redes intelectuais entre as duas universidades paulistas e o *establishment* acadêmico americano, permitindo que o modelo de Chicago fosse introduzido no Brasil. O estrutural-funcionalismo vinha acompanhado deste movimento.

Assim, o conhecimento acumulado em Chicago, seja no que se refere às relações raciais, ou às transformações urbanas, foi utilizado no modelo científico em estruturação na ELSP. O consenso entre Pierson, Willems e Baldus, no tangente à matriz teórica incorporada ao modelo científico, permitiu a introdução das diretrizes da Escola de Chicago no currículo dos cursos regulares, bem como nos pressupostos teóricos dos projetos de pesquisa da instituição. É notável que os temas e problemas então valorizados passaram a se concentrar nos mesmos da matriz teórica original do modelo, conforme a sequência abaixo:

- 1) Relações raciais: preconceito, discriminação, segregação;

²³ Os volumosos documentos encontram-se no Fundo Donald Pierson/Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas. Para os aspectos aqui apontados, cf. Pastas 26 e 27: Divisão Brasileira do Instituto de Antropologia Social; e Pasta 72: Programas, projetos e relatórios.

²⁴ Estamos nos referindo às obras individuais e coletivas que formaram uma tradição sociológica, disseminada em todo o mundo, e dotada de um corpo particular de métodos, técnicas e conceitos teóricos. Além dos diversos artigos em periódicos, como *Human Migration and the Marginal Man* (1928), publicado no *American Journal of Sociology*, obras autorais, como *The City* (1925), *The Urban Community* (1926), *The Ghetto* (1931), *An Outline of the Principles of Sociology* (1939), tinham em comum a marca do estrutural-funcionalismo impressa por Park.

- 2) Organização social: competição, conflito, associação;
- 3) Ecologia humana: *habitat*, urbanismo, simbiose, equilíbrio;
- 4) Estudos de comunidade: tradição, mudança, imigração, isolamento, assimilação;
- 5) Estudos urbanos: marginalidade, urbanização, industrialização, mudança social.²⁵

Os alunos de pós-graduação da ELSP eram treinados sistematicamente em termos de pesquisa empírica, o que não distava da reflexão teórica sobre os avanços das Ciências Sociais. Isto quer dizer que o treino técnico dos alunos era acompanhado da aprendizagem de teorias que forneciam meios para a interpretação dos fenômenos sociais. No âmbito propriamente da pesquisa, mais que do estritamente didático, o modelo de Chicago era usado de modo rigoroso. É possível notar este traço pelos projetos desenvolvidos na Escola ao longo dos anos 1940, entre dissertações de mestrado e linhas de pesquisa dos professores.²⁶

A pós-graduação tinha escopo mais direcionado para a pesquisa de caráter aplicado. Quando pleiteava investimentos estrangeiros nos cursos de mestrado, diretamente às agências ou fundações norte-americanas, Donald Pierson deixava claro o objetivo de seu projeto: treinar os alunos para o uso das técnicas de campo, pois isto seria, a seu ver, o principal elemento na formação profissional do cientista social. Os aspectos profissional e científico eram tão levados em conta que ele fazia distinção entre as Ciências Sociais e outras formas ditas pré-científicas de conhecimento do social, mais especulativas e ensaísticas, como o Folclore, a Filosofia e o Pensamento Social.²⁷

O repertório de técnicas ensinadas na Escola era composto por questionário, formulário, enquête ou *survey*, entrevista, observação participante, história

²⁵ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Donald Pierson e a Sociologia no Brasil. *BIB – Boletim Informativo de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro: n. 23, pp. 35-48, 1987.

²⁶ *Anuário da Escola de Sociologia e Política de São Paulo*, 1945. CEDOC/FESPSP.

²⁷ As cartas de Pierson para Robert Park trazem discussões sobre este tema. Em 1943, o discípulo considerava a pesquisa em bases funcionais o verdadeiro modo de se fazer ciência social. Nesta carta, as teorias de Radcliffe-Brown foram evocadas afirmativamente, ou seja, Pierson as usou como sustentação de sua abordagem teórica, não só nas discussões com seu mestre, mas também nos currículos da ELSP. Cf. PIERSON, Donald. 10 mar. 1943. Pasta 23. AEL/UNICAMP.

de vida, estatística, cartografia etc. As pesquisas de campo eram o momento em que os alunos punham em prática os conhecimentos teóricos, com o manejo das técnicas de campo e a análise funcionalista do material recolhido. As incursões a campo, feitas em colaboração entre alunos e professores, eram um prestigiado ritual acadêmico na instituição; um procedimento importante dos projetos de investigação, valorizado por todos que ali atuavam.

A maioria dos alunos costumava participar das incursões junto com professores permanentes ou temporários. Pelo fato de os projetos privilegiarem as áreas meridionais do país, analisando comunidades rurais e cidades inteiras dos estados de S. Paulo, Paraná, St. Catarina e Rio Grande do Sul, as pesquisas de campo estimularam a produção de novos conhecimentos a respeito do Sul pelos próprios alunos. Estes cientistas sociais não eram incentivados a escrever textos ensaísticos: artigos e monografias eram produzidos em nome do rigor científico. Para este grupo, do ponto de vista científico, a objetividade tinha mais valor que a subjetividade, vale dizer, o levantamento de dados e a análise funcional seriam uma opção melhor que o texto em prosa, tratando-se da realidade empírica.²⁸

O treinamento de Florestan em pesquisas de campo sistemáticas representou um avanço considerável em sua formação. Logo que conheceu Willems, em 1941, quando ainda era estudante na USP, ele foi iniciado nesta prática. Fez observação participante em meio a algumas brincadeiras infantis do Bom Retiro, conhecidas como “trocinhas”. Outra experiência intelectual – considerada por ele mesmo significativa, visto que a relatou em seu currículo acadêmico ²⁹ –, foi uma série de pesquisas de campo, feitas sob a supervisão de Willems, na perspectiva dos estudos de comunidade, entre 1942 e 1945. Ao definir Sorocaba o objeto de seu campo, Florestan buscou investigar ali o papel do negro na cultura tradicional e identificar os efeitos do racismo. Desta experiência resultou *Congadas e batuques em Sorocaba*, artigo publicado em *Sociologia* por decisão de Willems.³⁰

Diversos outros textos foram escritos a partir das investigações de campo. Neste sentido, sua dissertação de mestrado, rapidamente publicada em livro,

²⁸ Pierson resume esta concepção, de forma clara, em seu livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicado em 1945. Embora houvesse divergências teóricas entre ele e Florestan, a objetividade da ciência era ponto consensual entre ambos.

²⁹ *Currículo vitae de Florestan Fernandes*, 1957(?), FFLCH/USP.

³⁰ FERNANDES, Florestan. *Congadas e batuques em Sorocaba*. *Sociologia*, São Paulo: v. 5, n. 3, 1943, pp. 242-254.

intitulado *Organização social dos Tupinambá*, é uma expressão de suas relações com os professores. Imediatamente reconhecido pelos mestres, o livro venceu o Prêmio Fábio Prado de 1948 pelo mérito acadêmico. A imprensa divulgou a cerimônia de entrega afirmando que os vencedores do prêmio, embora ainda não totalmente consagrados pela crítica, já eram promissores líderes da intelectualidade brasileira.³¹ Florestan não era mais apenas estudante. Contando com laços de amizades influentes no espaço acadêmico, que o favoreciam na evolução da carreira universitária, ele mostrou não só desempenho de alto nível, mas também interesse em sobressair nas várias oportunidades que a expansão internacional das Ciências Sociais criava em S. Paulo. Para participar das agendas globais de sua área, ele estreitou relações com professores estrangeiros, líderes das redes acadêmicas em rápida constituição, os quais estavam, cada vez mais, celebrando acordos com grandes organizações internacionais, tendo por finalidade o financiamento de projetos de pesquisa dedicados à América Latina, ao seu estudo científico e propostas de reformas modernizantes.

Se, nos anos 40, eram fortes em S. Paulo os intercâmbios da arena global das Ciências Sociais, toda a formação de Florestan se deu em meio à circulação internacional de ideias e agendas de pesquisa. A II Guerra e, sobretudo, o pós-guerra foram períodos com amplos acordos de cooperação científica e cultural entre Estados Unidos e Brasil, que envolviam muitas instituições de ambos os países.³² Os governos destes países estreitavam laços em busca da ideologia anticomunista, e seus órgãos foram responsáveis por mobilizar universidades e organizações internacionais a favor da constituição de uma agenda centrada nos direitos humanos e no desenvolvimentismo.³³ Tais diretrizes nortearam a aprendizagem sociológica de Florestan, sob o impacto das ideias de seus professores e redes de contato acadêmico no exterior. Afinal, os cientistas sociais foram considerados, desde o período da guerra, hábeis em técnicas de reforma social. Mas no pós-guerra eles seriam, para os Estados anticomunistas, verdadeiros vetores da ideologia desenvolvimentista no mundo ocidental, especialmente no Terceiro Mundo.

³¹ *O Estado de S. Paulo*, 8 jun. 1948.

³² Cf. FAULHABER, Priscila. O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): um artefato da resposta antropológica ao esforço de guerra. *Maná*, Rio de Janeiro: v. 1, n. 17, pp. 9-39, 2011.

³³ CANCELLI, Elizabeth. *Op. cit.*, 2012, p. 125.

Nesta conjuntura, o governo norte-americano investia nos estudos sobre relações raciais, interna e externamente, de modo que orientassem a política de integração das minorias na sociedade civil. Florestan, gradativamente, se inseriu nesta corrente a partir de suas pesquisas sobre negros e índios em comunidades paulistas. Desse modo, ele se inseria na rede de intelectuais brasileiros e norte-americanos e contribuía para o desenvolvimento da agenda antirracista. Negros ou índios perpassaram todos os seus escritos desta época. Usando os conceitos da Escola de Chicago – o de marginalidade social, sobretudo –, ele dera início a uma interpretação do passado diferente do paradigma do “equilíbrio de antagonismos”, isto é, as relações entre brancos, negros e índios revelariam mais marginalização que assimilação/harmonia/brandura, a despeito dos supostos aspectos positivos ou vantajosos da miscigenação.³⁴

O antirracismo, entendido como luta negra pelos direitos civis (liberdade, igualdade perante a lei, dessegregação), emergira com força inédita ao longo da II Guerra, na medida em que o governo dos Estados Unidos respondia às ações de propaganda política da União Soviética contra o sentido da democracia americana. A nova agenda política vinha acompanhada por ideais reformistas, criados pelos ativistas dos direitos humanos. Com a eclosão da Guerra Fria, o âmbito doméstico se misturou com a política externa, ou seja, o antirracismo tornou-se só parte da política internacional de controle do comunismo, regime rápida e francamente identificado com o totalitarismo pela elite liberal norte-americana.³⁵

Desde pelo menos a década de 1940 o governo norte-americano incentivava grandes projetos, em escala internacional, sobre a questão racial. Fundações, institutos de pesquisa e organismos internacionais foram acionados tendo em vista a política de boa vizinhança para as Américas, em tempos de guerra. A

³⁴ Há muitos textos do jovem sociólogo, escritos nos anos 40, tanto para a imprensa quanto para as revistas acadêmicas, que já apontavam esta tese. A título de exemplo, podemos mencionar: a) no mundo acadêmico, seu *Tiago Marques Aipobureau: um bororo marginal*, um trabalho supervisionado por Baldus durante as aulas do Seminário sobre os Índios do Brasil, da ELSP, e publicado em 1946 na *Revista do Arquivo Municipal*. Neste sentido, sua tese de doutorado, *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, revela, da mesma forma, a influência da abordagem e dos conceitos teóricos de Park sobre o pensamento do jovem Florestan. Análises de Park sobre a tecnologia empregada na II Guerra, publicadas no *American Journal of Sociology* como *Social Function of War*, inspiraram o estudante a desenvolver o mesmo tipo de análise com a sociedade tupinambá (a repetição do título dos trabalhos não é mera coincidência); b) na imprensa nacional, seu artigo *Aspectos políticos da civilização do açúcar*, publicado no *O Estado de S. Paulo* em 1949 já lançava um olhar crítico sobre o pensamento de G. Freyre.

³⁵ CANCELLI, Elizabeth. *Op. cit.*, 2012.

institucionalização das Ciências Sociais nos países latino-americanos acontecia, progressivamente, por tal sistema de repasses e incentivos, entre os órgãos governamentais ou intergovernamentais, as fundações ou institutos de pesquisa, e os beneficiários finais: as universidades, seus professores e seus alunos.³⁶

Neste momento não havia dualismo: a trincheira do combate à discriminação racial começava a ser levantada internamente também. Franklin D. Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos pelo Partido Democrata, agiu para a promulgação de ordens executivas que proibiram a discriminação por cor, raça, credo ou origem pelas empresas parceiras do governo federal. Tais medidas foram o prenúncio de uma forte tendência em todo o mundo democrático rumo aos direitos civis dos negros. Algumas ricas fundações também optaram por aderir à luta antirracista, fomentando estudos que tinham em comum o antirracismo, pensado na perspectiva liberal, mas jamais na socialista. Isto quer dizer: intelectuais e dirigentes políticos estavam constituindo uma agenda acadêmica cujo alvo era o racismo, e a partir da qual começava-se a estabelecer medidas para a integração e mobilidade social do negro, em pé de igualdade com o branco, através das leis comuns a todos os cidadãos. A competição no mercado de trabalho, livre do preconceito ou discriminação racial, tinha grande peso nesta agenda liberal.

Quando, em 1944, o livro que mudaria os rumos das relações raciais nos Estados Unidos, inspirando reformas e políticas de ação afirmativa, *An American Dilemma*, do economista sueco Gunnar Myrdal³⁷, veio a público, Florestan já tinha formação científica sólida e alguma experiência de pesquisa em relações raciais. Também já lia em Inglês, pois teve aulas com Helen Pierson, esposa de D. Pierson, a qual lecionava a língua para os estudantes da ELSP.³⁸ Portanto,

³⁶ Cf. CHAVES, Wanderson da Silva. *O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford*. 2012. 165 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP.

³⁷ Myrdal já era um socialdemocrata fortemente anticomunista e reformista em meados dos anos 1930. A primeira edição de seu livro, *The Political Element in the Development of Economic Theory*, apareceu nesta época, exprimindo um economista crítico das leis naturais de Adam Smith e do utilitarismo de John Stuart Mill. Foi discípulo do também sueco Knut Wicksell, cujas lições em Economia, em síntese, giraram em torno da importância da teoria monetária para o equilíbrio das nações. Myrdal buscou expor ao longo de sua trajetória as falácias dos teóricos clássicos e tornar possível a introdução de premissas de valor na análise econômica. Cf. BARBER, William. *Gunnar Myrdal: An Intellectual Biography*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.

³⁸ Estas aulas foram anunciadas nos anuários estatísticos da ELSP na década de 1940. O ensino do idioma parece ter sido uma necessidade dos estudantes brasileiros. É possível dizer isto porque as aulas assumiram importância e passaram a fazer parte do currículo acadêmico nos cursos de pós-graduação. Esperava-se que os alunos tivessem proficiência nas competências leitora e oral, já que era parte do cotidiano escolar ter aulas com professores estrangeiros. O domínio da

Florestan estava preparado para a leitura e a interpretação do gigantesco volume com fluidez. Assim como outros estudantes e pesquisadores de sua época, nos Estados Unidos, Brasil ou alhures, o sociólogo paulista tratou de ler com rapidez o calhamaço sobre o qual seus colegas de faculdade e professores tanto comentavam pelos corredores da universidade e nas aulas. A primeira edição teve mais de mil e trezentas páginas, as quais não constituíam compêndio sobre a história do racismo nos Estados Unidos. O livro era, antes, um estudo abrangente, como se chamava à época (*comprehensive study*), da relação entre o problema negro e os ideais do *American Way of Life*, vale dizer, dos impasses do racismo sobre a democracia liberal. Frederick Keppel, o presidente da Carnegie Corporation – a principal patrocinadora do projeto –, explicou o motivo para o empreendimento:

Ademais, chegou o dia em que os olhos dos homens de todas as raças, espalhados por todo o mundo, começam a observar como o povo da mais poderosa das Nações Unidas está lidando *em casa* com um problema fundamental das relações raciais.³⁹

Dadas as teses inovadoras sobre as relações raciais na sociedade norte-americana, apoiadas em fontes massivas de informação, ter domínio pleno deste livro significava aos estudantes e intelectuais de então estar atualizado não apenas quanto aos debates globais sobre o problema negro, mas também em relação à agenda dos Estados Unidos para o pós-guerra. O lançamento de *An American Dilemma*, segundo o estudo feito por David Southern⁴⁰, causou grande impacto muito além das fronteiras norte-americanas. Se não houve influência imediata sobre o governo ou outras instituições políticas, o mesmo não pode ser dito em relação à intelectualidade. Trata-se, aqui, da emergência de uma nova interpretação sobre o problema negro. A situação marginal do negro numa sociedade que se diz livre, justa e igualitária, este *dilema* fora entendido, desde então, como

língua também era exigido caso o estudante se candidatasse a uma vaga de intercâmbio cultural em universidades dos Estados Unidos, onde cursaria doutorado em Sociologia ou Antropologia.

³⁹ “It is a day, furthermore, when the eyes of men of all races the world over are turned upon us to see how the people of the most powerful of the United Nations are dealing *at home* with a major problem of race relations”. KEPPEL, Frederick P. Foreword. In: MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: the Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper, 1944.

⁴⁰ Cf. SOUTHERN, David W. *Gunnar Myrdal and Black-White Relations: The Use and Abuse of An American Dilemma, 1944-1969*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987.

problema moral, isto é, o resultado do racismo imposto pelo branco para conservação de privilégios. O bem-estar social só seria alcançado quando se reconhecesse que o problema do negro era também um problema do branco. Semelhante avanço implicaria reconhecer que as relações raciais não eram “normais”; antes, constituíam um problema estrutural na sociedade norte-americana. E, sendo assim, caberia ao Estado e aos cientistas sociais a solução deste problema, por meio da formulação de políticas que garantissem proteção às minorias e as integrassem, com a dignidade que todo cidadão americano merece, na sociedade civil.

A proposta do economista de igualdade racial, visando mudanças estruturais nas relações entre negros e brancos, convergia com as políticas governamentais de reparação social perante a escravidão e o peso do passado na sociedade do presente – só embrionariamente implantadas nos anos 1940 –, e também com algumas reivindicações dos intelectuais e ativistas do movimento negro e dos direitos humanos. Era uma proposta, contudo, válida não só para os Estados Unidos. Em sua essência, ela fazia sentido nas nações alinhadas aos valores liberais, cuja democracia enfrentava problemas análogos. Para dizer de maneira simples: a igualdade racial era interessante nas sociedades em que o negro tinha *status* de inferioridade e constituía uma minoria social mais ou menos oprimida. No país democrático que a valorizasse, ao Estado seria imputado, pois, o dever de desenvolver e apoiar programas de antirracismo.

As ideias de *An American Dilemma* logo viajaram por todo o mundo, com muita rapidez. No Brasil, os sociólogos de S. Paulo foram provavelmente os primeiros a ter contato com o livro. Os acontecimentos se deram de forma bastante rápida. Havia muita curiosidade dos intelectuais paulistas na aclamada pesquisa sobre as relações raciais no país do qual muitos dos seus professores eram nativos. Mais ainda, todo o projeto de investigação coletiva, quando ainda em execução pelos membros da equipe supervisionada por Myrdal, já tinha repercussão entre os intelectuais da América Latina e até mesmo de outras regiões do globo.

A ementa de *O negro no Novo Mundo*, disciplina de pós-graduação oferecida aos alunos da ELSP em 1945, mencionara o livro como leitura complementar.⁴¹ Disso em diante cada vez mais citações, comentários e referências acerca

⁴¹ *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*, 1945, p. 32. CEDOC/FESPSP.

do problema negro, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, apareceram nos trabalhos dos intelectuais paulistas, na forma de aulas, seminários e congressos internacionais, e em conexão com *An American Dilemma*.⁴²

A presente investigação pergunta, entre outras coisas, pela influência do livro sobre a formação de Florestan Fernandes. *An American Dilemma* foi levado para o Brasil em 1945, mesmo ano em que o jovem sociólogo começava o mestrado e, ao mesmo tempo, desenvolvia os primeiros estudos raciais. Deste modo, é importante investigarmos como se deu a leitura do livro norte-americano, dada a rapidez com que ela aconteceu. O que o livro lhe trouxe de novo? Quais teses ou ideias foram mais marcantes? Qual a interpretação feita por ele sobre a igualdade racial numa sociedade moderna, competitiva e liberal?

Questões próximas a estas também fazem parte do escopo deste estudo e constituem o objeto da nossa atenção. Sabemos que, desde o princípio de sua formação, Florestan foi incentivado a desenvolver um conjunto de estudos e pesquisas sobre relações raciais, às vezes mais próximos do folclore afro-brasileiro, às vezes da situação objetiva do negro na estrutura social, às vezes numa abordagem em que ambos os temas estavam presentes e inter-relacionados. Assim sendo, é preciso indagar quem, afinal, é o negro para ele? Quer dizer, se o negro foi estudado pelo ângulo das raças, qual o conceito de raça empregado em seus primeiros artigos e livros? Depois de 1945, como esta noção se conectou com a agenda de antirracismo dos Estados Unidos? E quais os nexos entre suas ideias e o movimento intelectual pelos direitos humanos?

Em contato com orientações teóricas diversas, transmitidas na USP e na ELSP, Florestan pôde formar sua própria visão a respeito do *status* das Ciências Sociais, isto é, das diretrizes e prioridades da agenda científica e política para a área no Brasil. Neste ponto, importa discutirmos de quais debates ele participava

⁴² Referências assim atravessaram cartas, relatórios, ementas de curso superior, resenhas, artigos e trabalhos monográficos de brasileiros e norte-americanos, em ambos os países. É possível encontrá-las, por exemplo, na correspondência entre Pierson e Oracy Nogueira. Este estava fazendo doutorado em Chicago quando *An American Dilemma* fora lançado. No *Report Concerning My First Quarter at University of Chicago*, de 1946, Oracy disse que preparava uma análise sobre o problema negro em ambos os países para a disciplina de Everett Hughes. Muitas outras referências ao livro podem ser encontradas ano após ano, progressivamente, e não só na documentação de Oracy Nogueira. Outro meio de percebermos o impacto do livro no Brasil está nos textos escritos pelos estudantes da ELSP para seus professores, alguns deles publicados em *Sociologia* na mesma década. Não só a produção de Florestan é sintomática deste acontecimento, como os escritos de Gioconda Mussolini e Virgínia Bicudo traziam discussões sobre as teses de Myrdal como parâmetros adequados à investigação da situação do negro na sociedade brasileira.

e quais os meios usava para dar suas contribuições. Estamos nos referindo aos debates globais sobre raça, dos quais ele participou desde meados dos anos 40.

As questões aqui resumidas nos levarão a analisar aspectos da trajetória e do pensamento do intelectual responsável por uma interpretação da sociedade brasileira centrada nos estratos oprimidos pelo preconceito, discriminação e marginalização, diante da carência de direitos humanos. É verdade que a riqueza de seu patrimônio intelectual não repousa somente sobre seus livros. Os estudiosos de sua obra estão acostumados a usá-los de forma unilateral e quase excludente, praticamente caminhando para leituras estanques, sem perceber a importância das fontes derivadas de seu arquivo privado. Na verdade, há muita importância não só no Fundo Florestan Fernandes, pois, se investigamos a genealogia e os efeitos de seu pensamento sobre as relações raciais, é importante pensarmos também os nexos nem sempre diretos do Fundo com os arquivos dos intelectuais estrangeiros, oriundos de diversas partes do mundo e em cooperação com cientistas sociais brasileiros, ainda em formação ou já preparados, desde pelo menos a década de 1930.

Algumas considerações sobre o arquivo de Florestan, em particular, e o circuito de arquivos de intelectuais brasileiros investigados, em geral, são necessárias. Foi possível notar a existência do “silêncio” nesse arquivo, decorrente da ausência quase absoluta de documentos significativos em relação aos pares que povoaram a trajetória do sociólogo (alunos, professores, intelectuais e funcionários das organizações internacionais). Tamanho “silêncio” parece ser característico dos arquivos nacionais, visto que não dispuseram, no momento das pesquisas *in loco*, de documentação abrangente, com riqueza de pistas sobre a biografia intelectual de Florestan, suas cartas, telegramas e outros tipos de mensagem e relatos. Cartas de teor confidencial aparecem pouco; são escassas e fragmentadas, especialmente quando intelectuais estrangeiros eram os remetentes.

As consequências desta situação para nossa pesquisa só não foram devastadoras porque houve esforços em comum para sua superação. Foi no interior do Grupo de Estudos sobre Guerra Fria, sediado na USP, que estratégias de pesquisa novas puderam ser traçadas. Tendo em vista o fato de que nosso tema é diferente daqueles habitualmente discutidos pelos analistas da obra de Florestan, informações concretas tiveram que ser levantadas sobre os arquivos ligados

à sua relação com os intelectuais estrangeiros, sobretudo ao longo de sua aprendizagem sociológica, pela qual as ideias prevalecentes nos debates raciais foram absorvidas. Os arquivos pertinentes deveriam estar ligados também à problemática do antirracismo no período compreendido entre fins da II Guerra e os primórdios da Guerra Fria, posto que a formação do sociólogo o levou a pensar a questão racial pelo caminho da igualdade de oportunidades, uma forma de organização social valorizada pelos Estados Unidos especialmente após o *New Deal*.

Entretanto, houve sim consequências negativas devido ao “silêncio” dos arquivos nacionais. Não temos, por exemplo, relatos ou pistas extraoficiais sobre a ascensão acadêmica de Florestan na USP ou mesmo fora do Brasil. Não foram encontradas cartas ou outros testemunhos mais pessoais, e menos burocráticos, que discutissem aspectos da sua experiência docente e intelectual; a relação de confiança mantida com os professores mais influentes na comunidade internacional, em detrimento de outros, talvez menos poderosos; as negociações com os agentes de organizações e fundações norte-americanas com vistas ao incentivo às pesquisas sobre o racismo no Brasil; enfim, rastros de sua ascensão ao grupo de elite das Ciências Sociais enquanto o mundo estava dividido ideologicamente.

Pistas fundamentais para esta pesquisa foram encontradas por meio do entrecruzamento de arquivos e fontes em âmbito internacional. Nossa estratégia consistiu em inverter a lógica dos arquivos: quando um deles apresentava pouco material, em termos específicos ou gerais, buscávamos o conteúdo análogo num arquivo diferente. Isto teve grande valia nos arquivos norte-americanos, onde foi possível encontrar vasta documentação acerca de aspectos variados da história das Ciências Sociais no século XX, naquela e outras nações.⁴³ Com efeito, tivemos acesso a evidências claras quanto às conexões de Florestan com a agenda norte-americana para o pós-guerra, no que se refere ao financiamento das Ciências Sociais em São Paulo, assim como o impacto dos sociólogos funcionalistas de Chicago, Columbia e Harvard sobre seu pensamento racial. As pesquisas nos Estados Unidos forneceram evidências, portanto, da relação do jovem sociólogo com o liberalismo em tempos de Guerra Fria.

⁴³ Cf. “Acervos pesquisados”, p. 15.

A institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro, em comparação com o mesmo processo em São Paulo, no curso da década de 1930, não teve a mesma estabilidade ou regularidade. O campo científico começava a ser organizado na Universidade do Distrito Federal, criada, em 1934, por Anísio Teixeira, quando, depois de poucos anos de funcionamento, a instituição sofreu ingerências político-administrativas do ministro da Educação, Gustavo Capanema, sob as ordens do Estado Novo. Os professores de Sociologia da UDF, nacionais ou estrangeiros, apenas começavam a estabelecer o ensino e a pesquisa, a criar laboratórios, centros de estudo e bibliotecas, a constituir, portanto, o campo científico, quando surgiu inegociável conflito de interesses entre a União, na figura do ministro da Educação, e o município do Rio de Janeiro, visto que a UDF pertencia a este âmbito. O centralismo do Estado Novo, contudo, não permitia iniciativas municipais não-subordinadas ao governo federal. A universidade terminou seus dias depois de quatro anos de seu início, levando consigo as ideias liberais de Anísio Teixeira, assim como as conquistas no campo das Ciências Sociais.⁴⁴

Banida a UDF, Vargas e Capanema, ao criarem uma nova universidade, sob gestão federal, mantiveram alguns elementos existentes na experiência acadêmica anterior. Em 1939, surgia a Universidade do Brasil, sob um regime catedrático. O setor de Humanidades, Letras e Pedagogia foi concentrado na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), para onde foram encaminhados novos cursos alguns anos depois. A institucionalização das Ciências Sociais – suas atividades e práticas de ensino e pesquisa, seu corpo de conhecimentos teórico-metodológicos e o mercado de profissionais da área – ganhara impulso no Rio de Janeiro ao longo dos anos 1940, só depois da consolidação da FNFfi. A cidade passava a ter estrutura acadêmica compatível com as rotinas do campo científico, ou seja, a FNFfi permitiu que, além do ensino acadêmico, pesquisas fossem desenvolvidas em rede, nacional ou internacional, por equipes ou grupos universitários, sob incentivos financeiros das agências, fundações ou outras instituições interessadas na expansão das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades, que, inicialmente, distanciaram o Rio de Janeiro em relação ao ritmo acelerado do desenvolvimento das Ciências Sociais em S. Paulo, como a inexisten-

⁴⁴ Cf. OLIVEIRA, Lucia Lippi de. As Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

cia da pós-graduação, a transformação deste campo em algo sistemático começou a dar certo. O campo cada vez mais era praticado por redes de profissionais, e não mais por esforços individuais dos chamados intérpretes do Brasil.

Arthur Ramos e Luiz Aguiar Costa Pinto foram, na década de 1940, dois cientistas sociais da FNFfi cujas pesquisas tiveram maior repercussão. Costa Pinto, quando ainda aluno, foi orientado por Ramos, passando a professor da FNFfi na mesma década. Ambos conseguiram inserção internacional, na rede intelectual apoiada, sobretudo, pela UNESCO, e assumiram projetos de pesquisa cujos resultados os colocaram em diálogo com outros cientistas sociais, não só brasileiros, mas de outros países, fundamentalmente dos Estados Unidos, e, de modo bastante especial, com os sociólogos da Universidade de Chicago.

Como diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, Ramos propôs à Assembleia Geral temas candentes, cujo interesse, no pós-guerra, aumentava mundialmente, logo fazendo parte da agenda política e intelectual apoiada pela organização. Os projetos da organização, na virada da década de 1940 para a de 1950, beneficiaram o Brasil de tal maneira que o desenvolvimento das Ciências Sociais entre nós neste período, em sua maior parte, resultou, segundo Lippi de Oliveira, do pesado financiamento da organização para este fim. Assim, estruturava-se um modelo norte-americano de produção do conhecimento, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo.⁴⁵

Costa Pinto se tornou professor da FNFfi graças aos avanços expansionistas ocorridos em benefício da Universidade do Brasil. Ele, após a morte súbita de Ramos, dera continuidade à sua herança intelectual, investigando a questão racial e seus nexos com a ascensão social do negro no Brasil. A participação de Costa Pinto na agenda internacional das Ciências Sociais favorecia sua inserção na rede intelectual estabelecida nos Estados Unidos, pondo-o em diálogo com a Sociologia de Chicago; favorecia, ao mesmo tempo, sua ascensão ao mundo da elite de cientistas sociais parceiros das organizações internacionais. A pesquisa feita para a UNESCO entre 1951 e 1953, sobre as relações entre negros e brancos no Rio de Janeiro, foi ponto de partida crucial para sua relação com as organizações dos direitos humanos, então controladas pelos Estados Unidos.

⁴⁵ Lippi Oliveira reconstruiu a importância dos Estados Unidos para as jovens universidades brasileiras. Atenção maior foi dada à agenda em torno do desenvolvimentismo, realizada em parceria entre os Estados Unidos e os países da América Latina. *Idem*, pp. 268-300.

A trajetória de Florestan apresenta convergências com a de Costa Pinto, embora as Ciências Sociais do Rio de Janeiro não tenham tido o mesmo padrão de crescimento das de São Paulo. Por isso, dentre os três capítulos deste trabalho, o primeiro é dedicado ao estudo dos primeiros caminhos teóricos seguidos por Florestan quando ingressara no curso de Ciências Sociais da USP, em 1941. O primeiro capítulo procura analisar sua trajetória intelectual, a partir de seu ponto mesmo de início, assumindo que o aprendizado e o exercício do pensamento científico – no caso, métodos, técnicas e conceitos da Antropologia e Sociologia –, foi possível graças a sua formação universitária, mais que o seu percurso educacional anterior, da educação básica ao curso de madureza, entre os anos 1920 e 1930, realizado em escolas públicas da capital paulista.⁴⁶

Não se trata de afirmar um brutal *turning point* na trajetória de Florestan, assim que começou a se dedicar ao estudo universitário. Nosso intelectual, como todo sujeito, carregou durante sua vida inteira marcas positivas e negativas oriundas da formação de sua personalidade, ao longo de sua infância e adolescência na capital paulista. Se, como contam alguns biógrafos⁴⁷, este período de sua vida foi marcado por extrema penúria, por causa do estado de pobreza vivido em desalento, junto de sua mãe, ou, como preferem pensar outros⁴⁸, sua educação não foi tão anormal, desalentada ou incompleta assim, se for levado em conta o nível médio dos outros estudantes de sua época, o fato é que ele chegou à USP interessado na formação universitária, tanto quanto nas oportunidades daí resultantes. Enfrentou dificuldades intelectuais comuns aos colegas de curso, mas as suas próprias, ligadas ao ensino básico, também apareceram ao longo do curso.

⁴⁶ Os aspectos educacionais na vida de Florestan foram estudados por Sylvia Gemignani Garcia, em *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: 34, 2002.

⁴⁷ O trabalho de Haroldo Ceravolo Sereza, *Florestan: a inteligência militante*, é mais um dos que narram a infância e adolescência do intelectual desta forma, enfatizando sua luta individual para superar o estado de pobreza em que vivia.

⁴⁸ Cancelli lançou um olhar crítico sobre a historiografia brasileira produzida entre as décadas de 1950 e 1960, em sintonia com o desenvolvimentismo, e seus desdobramentos na produção atual. A autora propôs abandonarmos a interpretação da história à luz dos binômios modernidade/atraso e centro/periferia – conceitos com os quais os intelectuais predominantes construíram versões mecânicas da história do Brasil (país atrasado, dependente, oligárquico, desigual). Em nome da descoberta dos discursos e das ações dos homens na história, novos historiadores lançam mão de teorias compatíveis não com explicações negativas, “do que não foi” ou “do que teve de ser”, mas com “o que foi”. Esta crítica é pertinente ao caso da infância e da adolescência de Florestan, momentos de sua vida narrados na historiografia pela vitimização, ou pela falta de mínimas condições para sua educação e formação dos valores humanos. O “pai” da sociologia brasileira teria vivido já na infância suas primeiras experiências sociológicas, dado o desalento de sua condição de lumpemproletário. Cf. CANCELLI, Elizabeth. Perspectivas historiográficas brasileiras e suas rupturas com os “males do passado”. *História: Questões & Debates*: n. 50, pp. 51-59, 2009.

Algumas foram superadas, outras não. De tudo isto prevalece, para o historiador interessado em estudar seu pensamento, a presença transformadora de sua vida dos professores universitários, brasileiros e estrangeiros, com os quais aprendeu a aplicabilidade das Ciências Sociais nos problemas do mundo contemporâneo.

Com vinte e um anos de idade, Florestan participava da constituição da escola paulista de Sociologia, iniciando a aprendizagem do funcionalismo com o apoio de seus professores e mestres. Ele, poucos anos depois, contribuiria para a sistematização do campo sociológico, desta vez como assistente de ensino na Faculdade de Filosofia e na ELSP. O primeiro capítulo deste trabalho identificará a formação do sociólogo com a construção do programa de estudos em torno do estrutural-funcionalismo, ao qual estava subordinado, sob os incentivos de algumas instituições norte-americanas. Daí as Ciências Sociais de São Paulo, e não as do Rio, serem o enfoque do capítulo. Nesta parte do trabalho, dedicaremos a nossa atenção às relações intelectuais de Florestan com alguns professores dos países anglo-saxões, também da USP e ELSP, ocorridas durante os anos 1940.

O jovem sociólogo ascendia vertiginosamente à elite intelectual do país, na medida em que completava sua formação acadêmica, num momento em que a questão racial, depois da II Guerra, tornava-se muito importante na agenda das organizações internacionais. O segundo capítulo do trabalho enfoca, pois, o momento em que os Estados Unidos, saindo vitoriosos da guerra – porém ameaçados pela denúncia sobre sua desigualdade pela União Soviética –, lançaram aos então chamados países subdesenvolvidos uma agenda política e intelectual que, *grosso modo*, pode ser chamada de desenvolvimentista. O racismo tornou-se o mais importante problema da democracia, entre os demais (fome, analfabetismo, colonialismo, autoritarismo etc.), a ser resolvido pelos Estados Unidos, mediante a ação internacional das organizações sob seu controle, como ONU e UNESCO.

Será discutida a formação de uma rede intelectual, que tinha em comum a solução do problema negro, entre cientistas sociais de vários países, inclusive do Brasil, contando com o financiamento norte-americano. A formação desta rede, como veremos, absorveu os esforços e as ideias de Florestan sobre as relações raciais no Brasil. Aqui, professores e intelectuais estrangeiros tiveram papel importante outra vez: eles contribuíram para o encontro, diálogo, pacto do jovem sociólogo com a esquerda não-comunista, cada vez mais forte no interior do De-

partamento de Estado dos Estados Unidos. A colaboração de Florestan com projetos de pesquisa estabelecidos pela ONU e UNESCO, em benefício dos direitos humanos e do negro, ao longo da década de 1950, marcou sua inserção na rede intelectual da esquerda não-comunista e antirracista. O poder desta rede se alastrava no mundo ocidental quando a Guerra Fria, bastante atritada, levava os Estados Unidos a apoiarem a ideologia anticomunista contida no *American Way of Life*. Era uma via de mão dupla, isto é, o governo norte-americano financiava as atividades da rede, ao passo que seus intelectuais formulavam teses de modernização do capitalismo nos países “subdesenvolvidos”. A participação de Florestan nas atividades desta rede faz parte do tema do segundo capítulo.

A contribuição dos intelectuais para a ascensão de Florestan será investigada mais pelos diálogos internacionais identificados em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*, lançado em conjunto com R. Bastide, em 1955, que pela correspondência de nosso intelectual com cientistas sociais vinculados às organizações internacionais. Isto não significa que a fonte histórica esteja ausente nesta parte do trabalho. Apenas que ela será acessória à discussão sobre a genealogia das teses de Florestan sobre o racismo brasileiro, ao mesmo tempo em que permitirá entendermos como eram incentivadas pela rede intelectual em torno da UNESCO.

Com o marco histórico circunscrito ao aparecimento e à difusão mundial de *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*, historiadores do pensamento de Florestan não podem ignorar a influência do livro sobre as Ciências Sociais no Brasil. O diálogo intelectual de Florestan relativo aos estudos raciais em curso nos Estados Unidos e Brasil, a rigor, fora travado diretamente com o livro de Myrdal, que muito se beneficiou dos estudos desenvolvidos pelos sociólogos de Chicago. Portanto, o segundo capítulo discutirá como, após *An American Dilemma*, o racismo no Brasil passou de *impensável* para o principal *dilema* da democracia brasileira. Uma completa mudança de ponto de vista a respeito da situação do negro, realizada ao longo dos anos 1950 e 1960.

Neste período, os debates sobre racismo no Brasil tomavam proporções maiores dia após dia. Algumas revistas, jornais, programas de rádio, movimentos sociais, e não apenas o mundo acadêmico, discutiam o preconceito contra o negro entre nós inspirados nos últimos acontecimentos externos. Não era só a memória do Holocausto o que suscitava discussões críticas sobre o modo como os

negros eram tratados no Brasil. Uma sucessão de eventos trágicos no continente africano, em torno das lutas pela descolonização de certos países; a segregação racial imposta pelo *apartheid* na África do Sul; os choques violentos entre norte-americanos que se identificavam com a tradição dos White Anglo-Saxon Protestant (WASP) e afro-americanos que compunham o movimento pelos direitos civis e igualdade nos Estados Unidos, gerando mudanças graduais, porém definitivas, em torno da dessegregação em escolas, universidades, serviços públicos e empresas de todo o país; esta efervescência mundial nas relações entre brancos e negros, que mexiam diretamente com a estrutura das sociedades modernas, fora um forte motivo para que as discussões sobre o racismo no Brasil aumentassem, adentrando muitos meios de comunicação, além dos desdobramentos dos estudos raciais em andamento em algumas universidades. Os estudos de Florestan, bem como de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, foram citados por um africanista como principais condutores dos novos debates sobre o negro no Brasil, em artigo publicado na revista internacional *Africa Today*.⁴⁹

As discussões brasileiras sobre o racismo chegaram ao âmbito legal logo em 1951, quando a Lei Afonso Arinos, contra a discriminação racial no Brasil, foi promulgada. A intenção de Afonso Arinos com esta lei, entretanto, era evitar mais tensões raciais pela discussão moral do tratamento dispensado ao negro. A discriminação passava, sim, a ser contravenção prevista em lei, mas não era crime, já que, para o legislador, os negros não seriam tão marginalizados pelos brancos como estava acontecendo nos países verdadeiramente racistas.⁵⁰

Visto que a discussão jurídica do racismo nos anos 1950 já foi abordada por outros pesquisadores, selecionamos um tema mais adequado para o terceiro e último capítulo deste trabalho. A emergência do antirracismo será abordada no terceiro capítulo através das contribuições de *Anhembi*, uma revista de cultura e divulgação científica editada por Paulo Duarte, em São Paulo, entre 1950 e 1962. Esta seleção nada teve de arbitrária. A revista, certamente, representou os ideais mais caros às organizações internacionais dos direitos humanos em sua época. Um acordo foi selado em 1951 entre *Anhembi* e UNESCO para que o projeto de

⁴⁹ SEGAL, Aaron. African Studies in Brazil. *Africa Today*: Vol. 16, No. 4, pp. 8-13, 1969, IEB/USP.

⁵⁰ GRIN, Mônica; MAIO, Marcos Chor. O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco. *Topoi*: vol. 14, n. 26, pp. 33-45, 2013.

pesquisa coordenado por Bastide e Florestan pudesse ser iniciado, e disto resultou o livro *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. Daí em diante, muitas discussões de cunho antirracista compuseram as páginas da revista. Elas vinham acompanhadas das teses dos sociólogos da USP a respeito de como as políticas para ascensão social do negro eram fundamentais para a modernização do Brasil. Havia ainda temas paralelos ao racismo, como o desenvolvimentismo, o bem-estar social e o progresso científico nas universidades latino-americanas.

Entenderemos o sentido da agenda antirracista presente na revista nesta parte do trabalho. Buscando os fios mais fortes na rede intelectual de Florestan e Bastide, tentaremos mostrar os nexos entre suas teses e as da Sociologia feita nos Estados Unidos, nos quais *An American Dilemma* era o ponto de referência. A comparação de *Anhembi* com os dois principais veículos da UNESCO, a saber, *The UNESCO Courier* e *International Social Science Bulletin*, procurará dar conta da imbricação de ideias e propostas de modernização entre o Brasil e os Estados Unidos. Entender a forma pela qual as teses de Florestan e Bastide influenciaram a incorporação da agenda antirracista na sociedade brasileira, mudando o ponto de vista dos cientistas sociais em relação à questão negra, será o último momento deste trabalho.

Capítulo 1

A trajetória de Florestan Fernandes nos anos 1940

O livro que Florestan Fernandes acaba de publicar [*A organização social dos Tupinambá*] é uma das mais importantes contribuições da jovem escola paulista de sociologia aparecidas nos últimos anos. Porque bem se pode falar de uma jovem escola paulista de sociologia, caracterizada pelo cuidado que dedica à complexidade do real, pela utilização da antropologia, do folclore, da etnografia, mas submetidos à crítica rigorosa da conceituação sociológica, modesta em suas conclusões, nada avançando sem longas e inteligentes pesquisas, e que bem se distingue das jovens escolas de sociólogos agrupados em redor de Gilberto Freyre ou de Pontes de Miranda. Como os primeiros, os sociólogos de São Paulo dedicam-se ao estudo das realidades brasileiras, mas não pretendem recomeçar *Casa-grande & senzala*. Como os segundos, preocupam-se com uma conceituação sistemática, sem permanecer na axiologia, muito menos nas analogias matemáticas; imergem os conceitos nos fatos e os corrigem no contato desses fatos.⁵¹

No fim dos anos 1940, apareciam na imprensa as intenções do grupo de sociólogos atuantes na pesquisa e no ensino universitário paulista, chamado por Roger Bastide claramente de *escola paulista de Sociologia*. Sua descrição já põe por terra as especulações segundo as quais não teria existido tal escola de pensamento, que não estaria alinhada em torno de um projeto, comandado por Florestan depois de 1954, nos mesmos moldes da Escola de Chicago, esta coordenada por Robert Park entre os anos 1920 e 1930.

A escola paulista descrita por Bastide existia, já naquele tempo, em função de objetivos em comum entre alguns intelectuais atuantes nas universidades de S. Paulo, mas não só desta cidade, como do exterior também, posto que uma das diretrizes da escola era a cooperação internacional em pesquisas e análises,

⁵¹ BASTIDE, Roger. A organização social dos Tupinambá (I). *O Estado de S. Paulo*, 23 jul. 1949.

beneficiando-se das teorias científicas transmitidas por suas redes colaborativas. Tratava-se de desenvolver o pensamento antropológico e sociológico no Brasil, do mesmo modo que o campo estava configurado nos Estados Unidos e Europa, ou seja, em bases institucionais mais estruturadas, sob os sistemas de produção acadêmica das universidades. Note-se que os líderes deste projeto tinham muita ambição, pois o estágio de desenvolvimento das Ciências Sociais no país, inicial no sentido acadêmico, não era o mesmo que naquelas outras partes do mundo. Foi justamente nesta situação dispar que os fundadores da USP e ELSP encontraram uma justificativa para os investimentos na escola paulista. Estes homens diziam buscar o progresso civilizacional de S. Paulo por aproximação aos últimos avanços das potências ocidentais. A ciência e a tecnologia seriam o caminho.⁵²

Se, segundo Bastide, o livro de F. Fernandes contribuiu para os avanços da escola paulista, dado os objetivos inerentes a seu projeto, isto seria devido à excelência de sua pesquisa. Logo em 1948, sua maior pesquisa até então contou com apreciações positivas de muitos intelectuais. Além da inovação da pesquisa, resultante de um novo olhar, os críticos salientaram as novas descobertas a respeito da história indígena, ou, mais precisamente, do sistema de relações sociais dos tupinambás no século XVI. Um debate acirrado com a tese de Métraux sobre o correto significado da antropofagia entre os tupinambás levou Florestan ao estudo especializado dos métodos para reconstrução histórica de organizações sociais tribais remotas. Mesmo Métraux sendo, na visão de Wagley⁵³, uma autoridade no que diz respeito aos índios sul-americanos, responsável por grande parte do *Handbook of South American Indians*, e cientista membro da ONU, a interpretação do jovem sociólogo foi tida pela maioria como inovadora, reveladora do significado mágico do rito antropofágico no século XVI, e, portanto, superior à do suíço. Não por acaso, o próprio Métraux decidiu incentivar a tradução para francês de parte do texto, encaminhando-a para publicação no *Journal de La Société des Americanistes*. A publicação aconteceria efetivamente apenas em 1952.

⁵² São bastante significativos os artigos comemorativos publicados em *O Estado de S. Paulo* em 1947, dada a ocasião dos treze anos da USP. Líderes como Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte e Roger Bastide participaram da comemoração com relatos sobre as conquistas alcançadas pelas recentes faculdades. A produção da Faculdade de Filosofia – que, ao lado da ELSP, era o centro dinâmico da escola paulista –, foi a mais comentada entre todas as unidades acadêmicas. Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 de janeiro de 1947.

⁵³ WAGLEY, Charles. Alfred Métraux (1902-1963). *American Anthropologist*: v. 66, pp. 603-614, 1964. Disponível em: <<http://www.jstor.com>>. Acesso em 20 mai. 2016.

Estreante, porém, rapidamente reconhecida pelo rigor, a obra de Florestan crescia na mesma proporção que seu *status* no domínio das Ciências Sociais no Brasil e no exterior. Ela era elevada pelos professores estrangeiros e intelectuais brasileiros a um certo padrão internacional de excelência acadêmica. Seus pares viram nela maestria no uso de métodos e técnicas novas, que resultou em interpretações inovadoras sobre temas clássicos. Esta corrente positiva em torno do jovem intelectual teria ocorrido, nas palavras de Basílio de Magalhães, porque ele valorizou “as modernas orientações metodológicas da Antropologia e Sociologia”.⁵⁴ O folclorista Basílio era, nos anos 40, um dos mais importantes especialistas no estudo das tradições populares do país. Como vários estudos folclóricos de Florestan foram elogiados por ele, num discurso de exaltação do conjunto, atribuindo-lhe um valor distintivo, isto foi um reconhecimento para toda a escola paulista. E o foi porque, nesta época, a reinterpretação da cultura no Brasil, fosse negra, indígena ou dos imigrantes europeus, era o problema mais valorizado no projeto da escola paulista, cujos líderes, como Bastide, Willems, Baldus e Pierson, o dividiam com seus discípulos em plena formação intelectual. A adoção dos métodos, técnicas e conceitos teóricos oriundos dos Estados Unidos ou da França foi o meio escolhido para a realização do projeto em comum.

Desde que respeitasse os limites do projeto da escola paulista, as pesquisas de Florestan podiam caminhar, como de fato o fizeram, em múltiplas direções: folclore afro-brasileiro, história indígena, relações raciais, sistematização da Sociologia Aplicada, da Etnologia etc. O conjunto de pesquisas parece refletir o cumprimento de etapas acadêmicas para sua qualificação profissional, necessária à sua boa classificação no mercado de ensino e pesquisa paulista, em acelerada expansão graças aos investimentos estaduais, de agências norte-americanas e doações de particulares. A qualificação do sociólogo era importante enfim para sua ascensão na carreira universitária.

Havia interesse de muitos professores em sua ascensão – na realidade, intelectuais com projeção mesmo fora do Brasil. Uma parte significativa dos professores brasileiros e estrangeiros se empenhou para a passagem rápida de sua posição de estudante para a de professor/pesquisador. Neste sentido, *A organização social dos Tupinambá* foi decisivo para a confirmação de seu valor como

⁵⁴ MAGALHÃES, Basílio de. Folclore brasileiro (I). *O Estado de S. Paulo*, 7 dez. 1948, p. 2.

grande cientista social não apenas regionalmente, mas também no âmbito internacional.⁵⁵ Depois das críticas favoráveis de vários intelectuais estrangeiros, ele chegava cada vez mais perto de fazer parte do restrito grupo de cientistas sociais representantes do Brasil no mundo, daqueles que tinham projeção no panorama internacional da área, como os pioneiros da escola paulista, por exemplo.

Chegamos ao ano de 1949, quando sua participação na rede de cientistas sociais entre Brasil e Estados Unidos, via escola paulista, crescera graças à sua ascensão acadêmica vertiginosa e firme. Seu doutorado na USP estava em pleno curso. Dois prêmios acadêmicos já estavam ganhos. No ano seguinte, ele alçaria voo mais alto na pesquisa, de escala internacional, e assumiria a coordenação do projeto da UNESCO sobre as relações raciais em São Paulo, em conjunto com Bastide, depois de ter tido contato com outras agências internacionais, como a Smithsonian Institution. E foi a partir da última oportunidade que, já possuindo significativa influência sobre a Faculdade de Filosofia, ele iniciou mudanças no interior da escola paulista, focando, sobretudo, na agenda intelectual que seus sociólogos passariam a desenvolver no decorrer da Guerra Fria.

Entretanto, antes de discutirmos as ideias de Florestan na década de 50, é importante abordar os eventos definidores de sua trajetória como cientista social em formação, já que o pós-guerra e a aurora da Guerra Fria exerceram grande influência sobre ela. Se esta foi marcada pela ascensão tão acelerada, acreditamos ser possível encontrar elementos que a expliquem nas relações mantidas com a obra dos professores e intelectuais brasileiros e estrangeiros, em que estavam presentes, de uma forma ou de outra, as diretrizes da escola paulista.

1.1.A formação do cientista social

Em 1941, F. Fernandes iniciou o curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da USP, onde realizou sua formação intelectual, com o contato, principalmente, com as aulas dos professores europeus e a leitura das obras clássicas e contemporâneas. Estas obras não eram só europeias: no início mesmo do curso ele tomou a iniciativa de estudar obras recentemente produzidas por cientistas sociais norte-americanos (manuais, enciclopédias, teses acadêmicas etc.)

⁵⁵ “[O livro], como bem disse Herbert Baldus no prefácio, classifica o jovem professor na categoria dos mestres”. BASTIDE, Roger. Organização social dos Tupinambá (I). *Op. cit.*

tanto dos que produziam a partir de universidades norte-americanas propriamente ditas, como dos que, naquele momento, produziam a partir de suas experiências intelectuais em curso em países africanos, asiáticos, europeus ou latinos.

É possível sabermos que suas leituras avançaram na direção dos Estados Unidos, logo no primeiro ano do curso, graças aos primeiríssimos trabalhos de pesquisa publicados por ele nas principais revistas acadêmicas de seu tempo em circulação em S. Paulo. Todos publicados na revista *Sociologia*, oficialmente editada pela ELSP desde 1939⁵⁶, os artigos *Folclore e grupos infantis*, *Educação e cultura infantil* e *Aspectos mágicos do folclore paulistano* trazem indicativos de que os autores modernos da Antropologia e Sociologia, como Robert Park, Ruth Benedict, Ralph Linton, e mesmo os estrangeiros radicados no Brasil, como Bastide, Willems e Pierson, tiveram grande importância ao longo de toda a formação teórica e prática do estudante. O que fica claro, em primeiro lugar, é o uso irrisório de conceitos teóricos daqueles autores para a explicação de fenômenos sociais. Ao longo da graduação, não era só os antropólogos modernos de Columbia que Florestan estava lendo, se inspirando, enfim, usando em suas primeiras análises, mas as produções dos pioneiros da escola paulista também.⁵⁷

Por meio da colaboração de quem tinha poder na Faculdade de Filosofia, e que já lhe era próximo, como Fernando de Azevedo, Florestan foi apresentado a Roger Bastide para um diálogo mais intenso com sua perspectiva teórica, centrada, a princípio, na sociologia da cultura e religiões afro-brasileiras e africanas.

⁵⁶ Uma análise sobre a história das revistas acadêmicas pioneiras em S. Paulo pode ser encontrada em JACKSON, Luiz Carlos. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1960). *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, São Paulo: vol. 16, n. 1, pp. 263-283, 2004.

⁵⁷ Um aspecto digno de nota, no que diz respeito às leituras iniciais de Florestan, é o fato de que sua formação foi beneficiada pelo programa de constituição de acervos atualizados em Ciências Sociais nas universidades paulistas, chamado por seu idealizador de *Biblioteca de Ciências Sociais*. O idealizador foi Pierson. Ele conduziu o programa de traduções, do inglês para português, de mais de doze livros, publicados originalmente nos Estados Unidos por consagrados cientistas sociais. O programa só aconteceu devido ao financiamento do governo norte-americano, através, fundamentalmente, de repasses periódicos da Smithsonian Institution, entre 1941 e 1949. Publicados os primeiros livros em português, Florestan tratou de lê-los rapidamente, e assim, logo em 1943, usou conceitos do antropólogo Ralph Linton, formulados em *The Study of Man*. Ocorre que a versão lida não foi a original, mas a traduzida para o português. Posteriormente, Florestan lerá diversos outros livros integrantes da *Biblioteca de Ciências Sociais*, todos em português. Os documentos históricos de Pierson tem riqueza de informações sobre ações de cooperação internacional em benefício do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil. Veja-se, por exemplo, a súmula do projeto: "A Proposed Book Series in Brazil", 1940, pasta 17, AEL/UNICAMP.

As relações acadêmicas entre Florestan e Roger Bastide se estreitaram progressivamente. O professor passou, portanto, a atuar como uma espécie de orientador de estudos do aluno durante a graduação, à parte os laços intelectuais mantidos com outros professores estrangeiros e o próprio Fernando de Azevedo.

Um programa de pesquisas em comum com os pioneiros da escola paulista foi estabelecido em nome do crescimento intelectual do jovem estudante, e disso resultaram os três primeiros artigos acadêmicos. Para o estudante, a rígida orientação de Bastide em torno dos estudos folclóricos significou um avanço. As leituras teóricas indicadas por ele facilitaram a demarcação de uma posição teórica no campo das Humanidades pelo estudante, fundamentada no discurso científico da Antropologia e Sociologia, cujas características, segundo os membros da escola paulista, estariam mais próximas da razão, da objetividade, da técnica, que da emoção, da subjetividade ou da estética. Para esta concepção teórica – diretriz que já em 1941 contou com a adesão de Florestan –, também contribuíram as pesquisas recentes da tríade de professores líderes na ELSP.

Baldus, Pierson, Willems e, por extensão, Bastide e Florestan, na virada da década de 1930 para a de 40, afirmaram a primazia da objetividade científica ante qualquer outra perspectiva possível nas Ciências Sociais. Esta diretriz seria espécie de “antídoto” contra o “veneno” do ensaísmo, o último resíduo maldito e resistente do estágio pré-científico do desenvolvimento sociológico universal. A arena de combate com os trabalhos de folcloristas e ensaístas, dominantes neste momento (basta lembrarmos da importância nacional de G. Freyre), foi levantada publicamente a partir das revistas acadêmicas e da imprensa. *Sociologia* se tornou a principal revista para este fim. *O Estado de S. Paulo* também participou do combate. Ambos eram espaços de constituição do campo científico: a Sociologia moderna encontraria seu sentido na análise dos fatos sociais, desde que dirigida por regras metodológicas bem definidas, por oposição aos métodos descritivo e narrativo dos folcloristas e outros ensaístas, estes intelectuais diletantes, ou seja, sem compromisso com a evolução do conhecimento científico. A participação de Florestan neste debate ocorria ao mesmo tempo que sua formação avançava.⁵⁸

⁵⁸ Podemos identificá-la em alguns de seus textos acadêmicos e jornalísticos, a saber, “O folclore como método” (*O Estado de S. Paulo*, 1943) e “O problema do método na investigação sociológica” (*Sociologia*, 1948). Para mencionar de modo geral a produção dos professores, citemos o artigo de Bastide que norteou o debate teórico e contribuiu para a criação das diretrizes da escola paulista, em “Conceituação da Sociologia” (*Sociologia*, 1940).

Na USP, em decorrência da adaptação ao ambiente de alto nível acadêmico recém-instaurado, da dedicação total aos critérios e exigências dos professores, o reconhecimento do desempenho excepcional do estudante veio logo em 1942. Bastide teve interesse em seu texto sobre folclore paulistano e o encaminhou para um diálogo com Willems, de modo que, juntos, discutissem e aprofundassem os aspectos teóricos do texto inaugural. Mais ainda, o professor francês o apresentou ao renomado crítico literário d'*O Estado de S. Paulo*, Sérgio Milliet. Foi por meio deste último contato que o estudante, em vias de se formar bacharel em Ciências Sociais, iniciou sua colaboração regular no jornal, a partir de 1943.⁵⁹

Além de Bastide e Azevedo, a relação com Willems também foi marcante na formação intelectual do jovem sociólogo. O professor alemão, doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim, conhecia o *mainstream* da teoria antropológica moderna desta época, norte-americana e europeia. Após os primeiros contatos, professor e aluno criaram vínculos afetivos e intelectuais, e a relação dava estímulos para trabalharem juntos em pesquisas teóricas e de campo. O professor ensinou-lhe o valor da pesquisa de campo para a Antropologia moderna, bem como o uso rigoroso dos conceitos de assimilação, aculturação e mudança social nos seus estudos folclóricos em curso.

Constam do seu *Currículo Vitae* o registro de um conjunto expressivo de atividades em parceria com Willems. Entre 1942 e 1945, Florestan participou de uma série de estudos de comunidade no estado de S. Paulo e em países latino-americanos, principalmente no Paraguai. Estes estudos faziam parte de um projeto de Willems apoiado tanto pela USP quanto pela ELSP. Era parte constitutiva, portanto, da agenda intelectual da escola paulista. As pesquisas de campo, com coleta de dados e sistematização de conceitos, em comunidades tradicionais rurais, ou em vias de mudarem de estrutura social, tornando-se urbanas, representaram a maior parte da imersão do estudante na prática de pesquisa sociológica durante sua graduação. Em outras palavras, estas experiências constituíram seu treinamento nos estudos de comunidade, tão valorizado por alguns dos pioneiros da escola paulista, donde ele ter investigado mudanças no padrão de comportamento coletivo naquelas comunidades tradicionais através dos ritos folclóricos.

⁵⁹ Um levantamento completo dos artigos publicados por Florestan em jornais paulistanos, socialistas ou liberais, entre 1943 e 1948, está disponível no Fundo Florestan Fernandes, sob o título de "Relação de artigos publicados em jornais desta capital", n. 01.03.4837, FFF/UFSCar.

Deste treinamento resultou um conjunto de trabalhos de sua autoria. Os resultados obtidos eram outro motivo para a aproximação cada vez maior entre o aprendiz e seus mestres. Uma conferência na Universidade de Assunção, intitulada *Elementos étnicos na formação brasileira*, um artigo publicado em *Sociologia, Congadas e batuques em Sorocaba*, bem como o artigo de jornal *Branços e pretos: a situação racial brasileira*, escrito para o *Jornal de São Paulo*, nos dão um panorama geral da produção do estudante ao longo de seu treinamento sob a orientação de Willems. Pode-se observar a importância dos ganhos teóricos e conceituais então auferidos para a constituição do pensamento de Florestan sobre um dos temas principais em sua trajetória: as relações raciais. Por meio dos treinos oferecidos pelos mestres, ele tomou conhecimento de livros estrangeiros inovadores não só acerca dos estudos de comunidade, como também da análise da situação do negro em diferentes organizações sociais (sociedades de classe, de casta ou de raça). Mais uma vez, aqui estavam presentes as orientações dos mestres estrangeiros, com suas indicações de obras da literatura mundial.

Antes de 1950, quando caminha mais rapidamente para as relações raciais, devido ao programa de pesquisas da UNESCO, a Etnologia ocupava grande parte de suas preocupações intelectuais. Bastide e Willems tiveram influência sobre tal inclinação. Isto, no entanto, não significa que a Etnologia era oposta à Sociologia. Muito menos que, para realizar os estudos de comunidade e folclóricos, Florestan deveria ignorar as obras dos sociólogos modernos, fosse de Chicago, Harvard, Columbia etc. Para analisar o folclore afro-brasileiro, ele se valeu não só das obras norte-americanas e europeias contemporâneas, mas das obras de consagrados literatos, folcloristas e cientistas sociais brasileiros, como Arthur Ramos. É possível notar o peso que o pensamento de Ramos sobre o negro teve nos estudos de Florestan. Ele representava, efetivamente, algo entre Franz Boas e Robert Park, ou melhor, incorporava sabiamente as ideias modernas a respeito dos conceitos de raça e cultura, algo que o estudante estava aprendendo a fazer.

Os três trabalhos de estreia no circuito acadêmico foram publicados durante a graduação, em 1942, 43 e 44, respectivamente. A cultura, estudada através do folclore, ou seja, de determinadas tradições populares, foi entendida mais por seus padrões e funções correspondentes, que por sua diversidade. Esta ênfase não é arbitrária. É, ao contrário, uma consequência da análise funcionalista, e isto fica claro na conclusão derivada da análise. As atividades folclóricas entre

as crianças, atividades recreativas, teriam, segundo o sociólogo, uma função socializadora: “uma suave introdução à sociedade, humanizando e nacionalizando a criança”.⁶⁰ De modo geral, diante da abordagem funcionalista, a análise folclórica é o método empregado para se compreender funções sociais imbricadas na tradição popular. Esta discussão, é preciso dizer, tinha valor sentimental para ele e foi levada adiante até 1962, quando não mais escrevera sobre isto. É possível vermos a imagem de uma criança pobre realizando suas experiências de socialização, através do folclore, nos bairros de classe média da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Esta criança era, por assim dizer, ele mesmo. Se, como afirmou Sylvia Gemignani Garcia⁶¹, a análise folclórica é o primeiro passo para investigarmos sua concepção de sociologia científica, nela o ideal de ciência não estava rigorosamente separado da subjetividade: razão e sentimento estavam misturados; análise e memória afetiva caminhavam juntas.

Ele deixou claro seu interesse na análise do papel assimilador e acultrador do folclore, focada na cidade de São Paulo, dadas as várias correntes imigratórias que ali se agruparam entre os séculos XIX e XX. Assimilação e aculturação de imigrantes eram dois eixos de análise caros a Willems, cujo livro *Assimilação e populações marginais no Brasil* foi muitas vezes citado por Florestan.

Os três primeiros artigos dão início, efetivamente, à configuração metodológica do uso das teorias funcionalistas nos estudos do estudante, algo incentivado por seus mestres. Ao apoiar suas análises no funcionalismo já no primeiro ano de graduação, ele comprometia-se com as diretrizes da escola paulista. Assim, buscava compreender...

o sistema parcial de um sistema sociocultural mais geral ao qual o primeiro vincula-se e em relação ao qual se define a sua função, isto é, os resultados úteis que produz para a satisfação das necessidades gerais da estrutura social.⁶²

Em outras palavras, a teoria funcionalista sustenta que o sistema parcial, ou seja, uma parte, um fato social, está interligado a outros sistemas parciais, a

⁶⁰ FERNANDES, Florestan. Folclore e grupos infantis. *Sociologia*: vol. vol. IV, n. 4, 1942, p. 405.

⁶¹ GARCIA, Sylvia Gemignani. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*: vol. 13, n. 2, pp. 143-167, 2001.

⁶² *Idem*, p. 150.

outros fatos sociais, e é esta cadeia que constitui o sistema sociocultural, o todo. A ideia deste sistema sociocultural consiste nos grupos mais ou menos extensos, mais ou menos complexos, mais ou menos divididos, enfim, plenos de fatos sociais, porém de formas distintas. Por exemplo: a comunidade e a sociedade, visto que possuem estruturas ou sistemas diferentes e criam fatos sociais diferentes.

Um dos objetivos da escola paulista, ao incorporar a teoria funcionalista, era compreender, do ponto de vista histórico e social, como uma comunidade ou sociedade são estruturadas em padrões e funções historicamente constituídos e ainda reproduzidos por meio da tradição. Neste sentido, a análise de fatos sociais como o folclore, cultura popular, manifestações simbólicas ou mágicas entre negros e brancos, dos meios para a socialização infantil nos estratos pobres urbanos, caracterizou os eixos de análise próprios do que Sylvia Gemignani Garcia entende pelo período de formação intelectual de Florestan.⁶³ Trata-se do período em que ele se dedicou ao estudo das vertentes atualíssimas das Ciências Sociais, mas, por outro lado, priorizou o pensamento de Durkheim para a incorporação do funcionalismo em seus estudos. Era, a grosso modo, o que os sociólogos norte-americanos também estavam fazendo, tanto os de Chicago, sob influência de Park, quanto os de Harvard, sob influência de Talcott Parsons.⁶⁴

Estava em questão nesta época o desenvolvimento das bases científicas da Antropologia e Sociologia no Brasil. Esta era uma importante diretriz da escola paulista, à qual Florestan se filiou logo em 1941. O desenvolvimento científico de ambos os campos seria, na visão dos sociólogos paulistas, um desafio necessário à superação do atraso do Brasil na produção de conhecimento científico, que,

⁶³ GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. Op. cit.

⁶⁴ Parsons, sociólogo norte-americano, primeiro se formou, nos anos 1920, em Filosofia e Biologia no Amherst College, uma universidade liberal dos Estados Unidos. Em seguida, após deslocar seus interesses para os fenômenos sociais, começou a estudar Ciências Sociais na London School of Economics, na Inglaterra, sob a orientação de Bronislaw Malinowski. Em 1926, continuou os estudos na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, onde fez doutorado em Sociologia, a respeito do conceito weberiano de capitalismo. Neste período se aprofundou na leitura das obras de Durkheim e Weber. Sua atuação em Harvard começou em 1928, quando iniciou a carreira como instrutor de Economia. Mas já em 1931 ele migrou para o recém-criado Departamento de Relações Sociais, onde colaborou com nomes importantes da Sociologia mundial, como Pitirim Sorokin. Em resumo, sua teoria da ação social, incorporada pela escola paulista dos anos 40 aos anos 60, surgiu primeiro com o livro *Structure of Social Action*, de 1937, no qual desenvolvera de forma inicial a teoria estrutural-funcionalista da ação social. Esta teoria foi mais bem sistematizada em trabalhos posteriores, como *Social System* e *Towards a General Theory of Action*, de 1951. Cf. "Papers of Talcott Parsons: An Inventory (1902-1979)".

por sua vez, seria o fator-chave para o impulso do desenvolvimento social e econômico em bases mais democráticas e igualitárias.

O jovem estudante buscou responder ao desafio concentrando seus projetos de pesquisa em duas frentes complementares: 1ª) estudos sociológicos do folclore afro-brasileiro e reconstruções históricas das relações interétnicas entre sociedades indígenas primitivas, partindo do marco-zero da história nacional; 2ª) ensaios teórico-metodológicos sobre os problemas da análise funcionalista. Estas duas frentes foram harmonizadas por meio do elo entre Baldus, Bastide, Willems e Pierson, a favor da formação intelectual de Florestan na USP e ELSP.

Estava constituída uma agenda de pesquisas hegemônica no Brasil, em contínuo diálogo com intelectuais e instituições dos Estados Unidos, fundada nos estudos de comunidade. As instituições como Rockefeller Foundation e Smithsonian Institution não financiariam esta agenda intelectual sem interesses maiores ou contrapartidas. Havia um projeto que guiava os estudos, viabilizado, além do financiamento externo, pela unidade de interesses relativa entre os professores estrangeiros. Em plena Guerra Mundial, eles buscavam construir um grande panorama sobre diversos aspectos e regiões do Brasil, sua sociedade, cultura, economia, religião, relações raciais, território, geografia, ecologia etc. Distante e criticamente aos “pensadores sociais”, como Freyre, interessava a estes “cientistas sociais” analisar fenômenos rurais e urbanos que tivessem nexos com os problemas da transição brasileira, já em curso, do mundo tradicional, com seus padrões conservadores, fechados, de relações sociais, para o mundo moderno, aberto às iniciativas de desenvolvimento industrial e avanço da sociedade de classes.⁶⁵ A ligação deste projeto com os interesses norte-americanos residia justamente nos caminhos da mudança rumo à industrialização no Brasil, no cenário da II Guerra.

As comunidades rurais foram priorizadas pelos mestres estrangeiros, já que, de acordo com eles, apresentariam problemas mais claros de mudança social. Willems, participante deste projeto como líder, privilegiou as regiões meridionais em seus projetos de pesquisa. A atuação de Florestan neles é sintomática

⁶⁵ Mário A. Eufrásio, *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)*, investigou as características predominantes da Escola de Chicago, as quais acabaram se concentrando na perspectiva da Ecologia Humana, que estudava as intervenções urbanas. Lembremos, aqui, que esta perspectiva foi introduzida por Pierson nos cursos da ELSP. Também foi incorporada por Florestan quando lá fez mestrado. Os textos ecológicos constantes do seu *Curriculo Vitae* indicam isso, como veremos mais adiante.

da importância que a iniciação aos estudos de comunidade teve para sua aprendizagem sociológica. Voltemos ao ano de 1945 e veremos que a colaboração do estudante numa pesquisa desenvolvida por Willems, junto a outros estudantes, sobre a mudança social no município de Cunha, no estado de São Paulo, fazia parte de seu treinamento sociológico sob o projeto dos estudos de comunidade. Sua pesquisa de campo colheu dados sobre as relações raciais na pequena cidade paulista, e contribuiu para a construção do livro *Cunha: tradição e transição numa cultura rural do Brasil*, lançado em 1947 por Willems e seus assistentes.

Se buscarmos rastros da relação de Florestan com Willems nos anos 40, encontraremos nas memórias do primeiro, narradas *a posteriori*, quando já tinha 75 anos, depoimentos que indicam marcas deixadas pelo mestre alemão em sua formação intelectual. Além disto, há as dedicatórias deixadas pelo aluno ao mestre, com carinho, em alguns de seus livros publicados nos anos 60 e 70, quando Willems já não pertencia ao quadro docente da USP e ELSP, pois havia se transferido para a Vanderbilt University, em Nashville, Estados Unidos. É interessante citar os depoimentos do velho Florestan, pois agora eles fazem mais sentido:

Hoje [anos 1990] ninguém lembra mais do Emílio Willems. Numa classe o estudante não sabe quem foi o Willems [...] Na Antropologia eu estudei muita coisa importante que se não fosse [a atuação de] Willems na Faculdade de Filosofia e na Escola de Sociologia de São Paulo eu nunca teria aprendido. Trabalhei muito com os antropólogos sociais ingleses, com os etnólogos franceses, discípulos de Durkheim, inclusive pelo vigor de um Mauss vocês podem saber qual é o valor disso.⁶⁶

E, por fim, mais este:

[Durante meu bacharelado em Ciências Sociais] eu estava lendo autores que sequer os franceses tinham usado. Eles não eram muito de usar autores que acabaram sendo básicos no meu ensino.⁶⁷

⁶⁶ FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes, história e histórias: depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn. *Novos Estudos*, São Paulo: n. 42, 1995, pp. 9-10

⁶⁷ *Idem*, pp. 9-10.

Neste momento, em São Paulo a iniciação à Sociologia pelos estudantes significava aprender métodos e técnicas de pesquisa científica. Ou seja, o treino buscava estabelecer as bases científicas do campo ao alcance dos pesquisadores em formação. Além das pesquisas, conferências e cursos ministrados no bacharelado em Ciências Sociais da USP, ao mesmo tempo em que finalizava sua própria graduação, os artigos de jornal de Florestan também faziam ligação entre o folclore e a agenda de mudança social da escola paulista. Problemas de assimilação, aculturação, marginalização e preconceito racial foram debatidos na imprensa paulista desde 1943, quando sua primeira série de textos fora publicada em *O Estado de S. Paulo*, sob o sugestivo título de *O negro na tradição oral*. Daí em diante, ele não escreverá na imprensa sobre outro assunto se não os ligados às Ciências Sociais e seus temas “quentes” em cada conjuntura específica.

Na década de 1940, sua vasta colaboração na imprensa abrangeu, além d’*O Estado de S. Paulo*, os jornais *Folha da Manhã*, *Jornal de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário de São Paulo*.⁶⁸ Toda esta produção abordou problemas variados no interior do programa de pesquisas da escola paulista, seguindo as duas frentes às quais ele costumava se dedicar: realidade brasileira e problemas funcionalistas. Nesta direção, a produção também dialogava com as vertentes clássicas e contemporâneas do campo antropológico e sociológico, canônicas ou em vias de se tornarem influentes numa abrangência transnacional. Tratam-se, pois, de fontes nas quais ele se inspirava para o estudo teórico ou analítico dos temas constitutivos do programa em comum com a escola paulista.

O Estado de S. Paulo publicou os primeiros artigos de sua vida: um impactante conjunto de três artigos sobre preconceito racial contra o negro no Brasil. A série foi impactante no meio intelectual porque seu propósito era, de acordo com suas palavras, “a localização, em nossa cultura tradicional, do problema do preconceito contra os indivíduos de cor preta [...], podendo funcionar como fonte de estereótipos, que fornecem juízos de valor aos indivíduos, regrando sua conduta social”.⁶⁹ Este objetivo era não só muito distante, como antagônico também, em relação ao pensamento predominante neste momento sobre as relações ra-

⁶⁸ *Currículo Vitae de Florestan Fernandes*, 1957(?), FFLCH/USP.

⁶⁹ FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral. A superioridade biológica e a posição social do negro: consequências. *O Estado de S. Paulo*, 22 jul. 1943.

ciais no Brasil, marcadas, supostamente, pelo contato em equilíbrio entre as “raças”. O objetivo de Florestan era contrário às ideias de Freyre, segundo as quais o Brasil estava se consolidando como algo diferente: um novo mundo nos trópicos, graças à sua sociedade híbrida, multirracial e não-racista, culturalmente diversa. Em 1933, estas ideias já haviam sido formuladas em *Casa-grande & senzala*.

A tese central dos três artigos entrava em choque explicitamente com os fundamentos destas ideias. O argumento centrava-se na importância da cor, reproduzida historicamente pela tradição folclórica, na constituição das hierarquias sociais. Em função delas, representações discriminatórias dos negros como raça inferior foram criadas no passado. O preconceito contra o negro, dizia Florestan, é decorrente do *status* que sua cor carregava no regime escravocrata, no qual o branco era a raça dominante. O preconceito de cor seria uma sobrevivência das desigualdades existentes nas relações servis do regime escravocrata. No século XX, o racismo seria tão presente nas relações sociais que condicionava o negro não só a aceitar, mas reproduzir as representações negativas acerca de sua cor.

O preconceito racial estava se tornando uma das questões mais relevantes em todo o mundo, no decorrer da II Guerra, principalmente devido às grandes catástrofes antissemitas que o mundo estava atravessando, no momento em que Florestan começou a pesquisar a respeito do folclore afro-brasileiro. Sua estreia na imprensa focalizou a questão racial por meio das representações sobre o negro transmitidas ao presente pelas tradições folclóricas. É interessante observar quanto inserida estava a série no programa da escola paulista. Suas características mostram que o estudante, de fato, estava seguindo as orientações de Bastide e Willems. São algumas destas características:

- A investigação do problema do preconceito racial, a cada dia mais importante nas agendas políticas contemporâneas, através de um conceito sociológico de raça;
- A abordagem do problema pela sociologia urbana, uma subdisciplina desenvolvida pela Escola de Chicago, já que São Paulo era parte da análise;
- O estudo do folclore não como um campo autônomo e oposto às Ciências Sociais, mas como técnica subordinada à análise sociológica científica;

- A reinterpretação da cultura brasileira crítica dos ideais de brasilidade criados pelo pensamento social dos anos 1920 e 30, de modo que a inovação científica permitisse a sustentação de teses novas.

O folclore, para Florestan, não é uma ciência autônoma, uma “ciência do saber popular”, sim um método, ou técnica de pesquisa sociológica. Este era seu objetivo ao abordá-lo: “Em síntese, trata-se de verificar como o folclore brasileiro poderia colocar o problema das relações entre brancos e pretos, e para isso nos amparamos preferencialmente no material por nós recolhido em S. Paulo”.⁷⁰ De acordo com Mariza Peirano⁷¹, a crítica à concepção dos folcloristas era uma estratégia utilizada pelo jovem Florestan para a afirmação da Antropologia e Sociologia como disciplinas plenas de rigor científico, portanto capazes de institucionalização nas universidades brasileiras, assim como estava acontecendo em outros países ocidentais desde o século XIX. Dada esta posição no debate acadêmico, ele dera início ao processo de marginalização do folclore no campo próprio das Ciências Sociais, dizendo, enfim, que se trata tão-somente de uma fonte de pesquisas para o cientista social, jamais uma disciplina dotada de autonomia.⁷²

Também em razão desta posição ele foi de encontro muitas vezes, ainda quando estudante de graduação, às ideias de Freyre, as quais se valeram fartamente das tradições orais presentes no folclore negro e indígena para a interpretação do tipo de sociedade que o autor pernambucano chamava de híbrida. Esta polêmica logo se estendeu para a interpretação freyriana do sistema de relações raciais da sociedade brasileira. O estudante fora capaz do ímpeto de contestá-la através de seus textos na academia e imprensa. Através deste conjunto esparso de artigos o campo de batalha contra o pensamento freyriano havia sido erguido, e o debate acerca do estatuto do folclore era a arma ao alcance do estudante ao longo de sua graduação.

A ideia freyriana de que o folclore afro-brasileiro é evidência do equilíbrio entre antagonismos de raça, marca da sociedade brasileira formada pelo regime

⁷⁰ FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral. Representações coletivas do negro: o ciclo da formação das raças. *O Estado de S. Paulo*, 15 jul. 1943.

⁷¹ PEIRANO, Mariza. *The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case*. 1981. 187 f. Dissertation (PhD in Anthropology). Harvard University, Cambridge/MA, USA.

⁷² Cf. CAVALCANTI, Maria L. V. C.; VILHENA, Luís R. P. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v. 3, n. 5, pp. 75-92, 1990.

patriarcal, no qual teria sido constituído um *ethos* democrático e propício à assimilação das diferenças entre negros e brancos, esta ideia foi negada por Florestan. Ao invés de ciência do saber popular, da cultura dos incultos, ou cultura das classes baixas, o folclore, apreendido sociologicamente, revelaria características da sociedade antes ocultadas por Freyre: as tradições populares não seriam evidência do *ethos* democrático presente nas relações raciais, mas, embora reproduzidas em diferentes graus por ambas as raças, elas revelariam a situação inferior e estereotipada a que o negro fora submetido no regime patriarcal, durando até o presente. Longe de criarem democracia social, os contatos entre senhores e escravos criaram distância social, uma sociedade cindida racialmente, cuja estratificação, em termos de mobilidade vertical, seria impermeável para o negro e mulato. Este sistema seria muito parecido com o regime democrático, porém segregacionista, dos Estados Unidos. Portanto, em seu entendimento,

a situação social de escravo [...] vinha reforçar as representações que já existiam sobre a inferioridade e a bestialidade do negro, que aliás justificavam sua submissão e seu emprego como cativo, por parte dos senhores dominantes. O resultado dessas relações sociais, reguladas pela própria estruturação da sociedade colonial e imperial, bem como a existência anterior de estereótipos desfavoráveis aos negros, nos parecem explicar convenientemente essas três situações previstas no nosso folclore [inferioridade biológica, psicológica e cultural].⁷³

Em 1944, seu bacharelado em Ciências Sociais estava concluído. Neste ano ele finalizou o processo de graduação ao cursar licenciatura na mesma área. Estava se preparando para se candidatar a uma vaga no mestrado em Antropologia e Sociologia da ELSP, algo muito importante para ele, depois das primeiras experiências de pesquisa empírica e teórica, quando recebeu o convite para assumir o cargo de segundo assistente na cadeira de Sociologia II, regida por Fernando de Azevedo. Neste curto período, podemos observar o grau profundo que sua inserção na escola paulista havia alcançado.

⁷³ Outros artigos que durante a graduação atacaram as ideias freyrianas intitulavam-se: *Aspectos mágicos do folclore paulistano* e *Cultura brasileira*. Cf. FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral. Representações coletivas do negro: o ciclo da formação das raças. *Op. cit.*, p. 5.

O *status* acadêmico-intelectual de Florestan entre os professores estrangeiros e nativos aumentava, mas isto não era decorrente só de sua produção na forma de artigos. Era decorrência também de sua dedicação às diretrizes da escola paulista, ao seu programa de pesquisas e projeto intelectual. Recém-bacharel, em sua coluna n' *O Estado de S. Paulo* ele descreveu da seguinte maneira a escola que o formou:

A Faculdade de Filosofia aparece como um coeso grupo de trabalho aos que acompanham o desenvolvimento de suas diversas seções. Criadora de uma nova mentalidade de estudos, mormente no que diz respeito aos problemas sociais e culturais do Brasil, a sua obra entre nós caracteriza-se por traços de pioneirismo: geralmente é trabalho de começo, dá pouco renome e muita fadiga.⁷⁴

As investigações sobre o método didático utilizado pelos professores da Faculdade de Filosofia na década de 1940 dizem que era bastante teórico, abstrato, e que visaria, sobretudo, a formação de professores do ensino secundário com pensamento crítico.⁷⁵ Na época em que Florestan começara o bacharelado, o curso seguia uma linha eminentemente teórica, isto é, havia predominância do ensino teórico sobre a prática de pesquisa empírica. Os professores introduziam os alunos ao estudo das matrizes clássicas do pensamento antropológico e sociológico, na maioria europeias, como Darwin, Spencer, Tönnies, Freyer, Weber, Durkheim, Mauss, entre outros. No entanto, lhes ofereciam poucos incentivos ou treinamentos que ensinassem metodologias da pesquisa científica.

É claro que a trajetória de Florestan não pode ser investigada exclusivamente por este padrão, levando em conta só o modelo de ensino da USP, como se a universidade fosse o único centro da escola paulista. Não o era na medida em que os intercâmbios transnacionais com intelectuais e instituições ocidentais cooperavam na construção de suas ideias novas. A construção se dava em rede e nela não havia espaço para apenas um centro. Da mesma forma, o diálogo de Florestan com Willems, Baldus e Pierson teve início ainda no bacharelado, e isto

⁷⁴ FERNANDES, Florestan. As línguas ameríndias no Brasil. *Folha da Manhã*, 20 jan. 1944.

⁷⁵ LIMONGI, Fernando. Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Sumaré, 2001.

é essencial para entendermos sua adesão e contribuição à escola paulista ainda quando ele era membro como um estudante, um promissor estudante.

Sua própria curiosidade, já aguda, foi aguçada ainda mais pelos incentivos dos professores da ELSP. Deste modo, entre 1941 e 1944 ele se ocupou da leitura tanto dos clássicos quanto da produção atualíssima das vertentes modernas das Ciências Sociais, desenvolvidas nos Estados Unidos, as quais, diferente dos europeus do século XIX, valorizavam as pesquisas de campo.⁷⁶ Quanto mais Florestan lia as obras norte-americanas, mais contribuía para o desenvolvimento da escola paulista, e mais liberal se tornava. Tornou-se, desta forma, uma espécie de *scholar*, cuja visão sobre o mundo acadêmico inspirava-se no liberalismo: o sistema de produção do conhecimento científico no Brasil, além de autônomo, deveria atingir o estágio mundial do desenvolvimento científico. Mais ainda, para ele, o papel do cientista social consistiria em contribuir para a racionalização técnica como projeto civilizatório do país, ou melhor, a inserção do Brasil na era da civilização industrial e da democracia moderna, características do século XX, por meio do desenvolvimento tecnológico e da transformação social.⁷⁷

Funcionalisticamente, a explicação de um problema pelo cientista social deveria contribuir para sua solução como uma intervenção racional na realidade, na medida em que esta, a solução, é o efeito esperado para aquela, a explicação. Ora, esta ideia sociológica, embora tenha nascido na França, com Durkheim, foi mais bem formulada pelos discípulos dos cientistas sociais atuantes nas universidades de ponta dos Estados Unidos, no decorrer das décadas de 1930 e 1940, tais como Frazier, Wirth, Blumer, Merton, Parsons e Mead. A atuação de Pierson representava um elo da escola paulista com o funcionalismo norte-americano.

Não é verdade que Florestan debateu a modernização só a partir da década de 50. Em 1943, último ano do bacharelado, ele começou a sistematizar as leituras liberais que estava fazendo com entusiasmo. Escolhera os primeiros artigos de sua nova colaboração num dos jornais de maior circulação em S. Paulo, *Folha da Manhã*, para escrever sobre o liberalismo norte-americano. Em um con-

⁷⁶ Posteriormente, ao falar sobre as vertentes do campo científico numa entrevista, ele disse: "O estado da pesquisa nas Ciências Sociais na Europa estava relativamente atrasado, em relação, por exemplo, ao estado da pesquisa nos Estados Unidos". FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. 8.

⁷⁷ Ele se integrou aos esforços de construção funcionalista das Ciências Sociais a partir de 1941. Quatro anos depois, aparece o primeiro artigo que discute a situação da Sociologia Aplicada nos EUA e Brasil. FERNANDES, Florestan. Planos e perspectivas. *Jornal de São Paulo*, 23 out. 1945.

junto de artigos ainda desconhecido, ou pelo menos pouco discutido pela historiografia, o estudante fez, sociologicamente, reflexões sobre a situação das relações internacionais durante a Segunda Guerra Mundial.⁷⁸ África, Ásia, Europa e Oceania quase não foram discutidas. Ele estava interessado na América – objeto de sua curiosidade e paixão em seu período de formação intelectual. Nos artigos a favor do liberalismo, a ideia de unidade continental entre América do Sul, Central e do Norte, pan-americanista e supra regional, nada bolivariana, inspirou sua imaginação em relação às perspectivas de futuro. Se, como disse em “Mais América”, em plena guerra as relações entre os países americanos caminhavam cada vez mais para maior integração, do ponto de vista político-econômico, haveria o dia em que as Américas serão uma só, um bloco continental coeso e solidário.

O momento atual tem profundo significado para nós. É o momento em que as Américas se definem pela América e em que os homens americanos devassam as terras americanas em todas as direções. Parece-nos, mesmo, que o americanismo passou do plano exclusivamente político e econômico, para integrar as preocupações dos homens médios. Assim, não é mais fórmula aproximadora de nações, um pan-americanismo, mas uma realidade unificadora de povos, isto é, de indivíduos e ideias.⁷⁹

O que tal expectativa tem a ver com o liberalismo? A ideia de que o americanismo é um movimento unificador de países irmãos, de acordo com ele, ensejaria não apenas a integração econômica dos países americanos capitalistas, como também sua união a favor do pensamento e das fórmulas liberais e científicas de solução dos problemas americanos. Em nome do desenvolvimento americano em bases liberais, igualitárias e modernas, ele argumentou que, “pela primeira vez, de norte a sul, os moços participam intensamente da vida e dos problemas americanos: é a função que estão realizando as universidades, as grandes instituições que concedem bolsas de estudos, as missões de divulgação cultural e os próprios governos”.⁸⁰

⁷⁸ Compõem tal conjunto os artigos “Mais América”, “A responsabilidade da inteligência”, “A crise da cultura e o liberalismo”, “Mobilização da inteligência”, e por fim, “Democratização da cultura e outros assuntos”, publicados entre 1943 e 1945 na *Folha da Manhã* (futura *Folha de S. Paulo*).

⁷⁹ FERNANDES, Florestan. Mais América. *Folha da Manhã*, 19 ago. 1943.

⁸⁰ *Idem*.

Florestan deu apoio aos acordos de cooperação internacional que influíam no desenvolvimento das Ciências Sociais em S. Paulo em bases liberais, do qual, aliás, tirava proveito desde 1941. Seu artigo era uma manifestação pública, clara, de alinhamento aos Estados Unidos e suas políticas de financiamento das pesquisas em Antropologia e Sociologia nos países latino-americanos, valendo-se de forte argumento para justificá-la: as políticas liberais estavam criando, como nunca antes, novas oportunidades para os pesquisadores investigarem a vida nacional de seus respectivos países; participarem da construção da ciência; descobrirem pontos de vista e aspectos novos; impulsionarem a mudança social, enfim. Em “Mais América”, sua imaginação ganhou asas e ele refletiu, em forma de perguntas, sobre os caminhos que o americanismo seguirá até a completude da união política depois que acabasse a Grande Guerra.

Atualmente, mais que no passado, somos os homens que lutam por duas soluções: a étnica e a econômica. Começamos um processo e não percebemos seu fim, e dele conhecemos apenas certas fases já realizadas. Como se definirá cada tipo étnico americano e quando? Como serão resolvidas as questões sociais implicadas pela nossa formação? Qual o sentido que tomarão as relações entre brancos e não-brancos em cada país americano e como influirão na tendência de maior aproximação americana? E qual vai ser a afirmação econômica de cada país americano? Seguirão a linha imposta pelos recursos naturais ou procurarão futuramente criar um organismo econômico autárquico, mesmo que artificial? Seguirão a divisão natural dos mercados, compreendendo a complementaridade dos mesmos, ou criarão economias nacionais em conflito, como já o fizeram os europeus? Como influirá a situação econômica de cada país nas relações das Américas como América no futuro? Quais os aspectos que tomarão as relações sociais nessas sociedades? Porque estamos em processo tudo são perguntas, e valem tanto aqui como acolá. Somos, quase, a mesma gente. Pelo menos vivemos as mesmas situações e temos que resolver problemas fundamentalmente semelhantes.⁸¹

⁸¹ *Ibidem*.

Suas análises da geopolítica americana em tempos de guerra se estenderam até o fim da guerra. O encerramento deste ciclo coincidiu com o início de sua colaboração no *Jornal de São Paulo*, um veículo socialista e clandestino que chegou a ser interditado e confiscado pela polícia de Vargas. Pouco mais de um ano de existência, o jornal fora cassado e não mais circulava. Florestan começou sua participação no *Jornal de São Paulo* graças aos recentes laços com o Partido Socialista Revolucionário (PSR), cujo presidente era Hermínio Sacchetta. Curiosamente, o desfecho de suas análises da II Guerra ocorreu num jornal socialista, com as críticas aos fascismos europeus e a defesa da democracia liberal.⁸² Aliás, quanto às ideologias, um ano antes disto ele já havia se posicionado a favor das ideias democráticas de Mannheim em *Libertad y Planificación Social*, livro escrito para a ruptura com o marxismo, donde o alemão alinhar-se às ideias de Weber.⁸³

Em 1945, Florestan era membro da escola paulista não como estudante, mas como professor e pesquisador, duas funções que o cargo de assistente recém-assumido na USP lhe atribuía. Em benefício deste *status* agiu o fato de ter iniciado o mestrado na ELSP no mesmo ano. O aperfeiçoamento de alto nível, o treinamento em pesquisas de campo, a discussão sobre o funcionalismo com os professores, os contatos acadêmicos com os intelectuais norte-americanos, tudo isso era importante para o aprimoramento de sua formação intelectual. Ao longo do curso, ele contou com alguns recursos de ponta, sem semelhança nas outras faculdades e universidades brasileiras. Só existiram tais recursos devido aos investimentos norte-americanos na Divisão de Estudos Pós-Graduados da Escola. Eles foram trazidos por Pierson, que era o diretor da Divisão, professor no mestrado e foi influente no aperfeiçoamento de Florestan enquanto ele estudava lá.

1.2. Vertentes e diretrizes da escola paulista

Além da USP, os professores da ELSP também participavam dos desenvolvimentos da escola paulista no decorrer dos anos 40, de sua rede internacional e programa de pesquisas. Ambas as universidades, concomitantemente, foram o primeiro lugar no Brasil onde se institucionalizaram as Ciências Sociais. O

⁸² “Um teórico do neofascismo: 1, democracia e fascismo”. *Jornal de São Paulo*, 4 jul. 1945; “Um teórico do neofascismo: 2, a bíblia da reação”. *Jornal de São Paulo*, 10 jul. 1945.

⁸³ “A crise da cultura e o liberalismo”. *Folha da Manhã*, 16 mar. 1944.

processo de institucionalização atendera à ideologia liberal da elite paulista igualmente nas duas instituições, mas fora inspirado em modelos acadêmicos distintos. Na USP prevaleceu o modelo francês, dado o grande contingente de professores franceses que imigraram nos anos 30 para desenvolver o projeto pedagógico da Faculdade de Filosofia, centrado no ensino teórico em busca das atitudes cognitivas e críticas dos alunos em relação ao pensamento social. Na ELSP prevaleceu o modelo norte-americano, pois desde sua criação os norte-americanos estavam no comando acadêmico e imprimiam diretrizes diferentes a seu projeto. Horace Davis e Samuel Lowrie, os principais nomes da instituição antes da chegada de Pierson, já definiam a preponderância da Sociologia Aplicada na formação dos alunos. Para eles, a ciência aplicada seria a diferença entre a ELSP e a USP, visto que a disciplina supria a própria diferença dos modelos acadêmicos.⁸⁴

A USP buscava a formação de professores secundários com pensamento crítico, de críticos literários e outros ofícios culturais, ao passo que a ELSP se lançou em busca da formação de funcionários técnicos para os quadros estatais ou do mercado privado. À parte esta diferença, as escolas convergiam na formação de quadros profissionais para as posições públicas ou privadas liberais, ligadas, sobretudo, à cultura, ciência e tecnologia. Elas confluíam, sim, no que diz respeito às transformações do mercado de trabalho, pois ambas visavam formar, com excelente nível acadêmico, profissionais para as novas profissões e carreiras abertas no país, principalmente em São Paulo.⁸⁵

Os fundadores da ELSP tinham em mente um ideal de ciência moderna, então entendido como a produção de conhecimento aplicável à realidade, e que respondesse aos problemas imbricados no processo de modernização mediante o subsídio técnico-científico às políticas de governo, ou políticas públicas. O papel da instituição, neste sentido, era oferecer os treinamentos necessários à formação de cientistas sociais com competência científica em gestão pública. Mesmo que o objetivo da USP fosse diferente, ligado à expansão do alto nível cultural e filosófico em São Paulo, ambas as instituições estavam comprometidas com a

⁸⁴ LIMONGI, Fernando. *A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Op. cit.

⁸⁵ PEIRANO, Mariza. *The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case*. Op. cit.

recomposição e liderança nacional da elite paulista de acordo com o ideário liberal, no qual liberdade civil, progresso e autonomia da ciência eram valorizados.⁸⁶

A divergência que se processou cada vez mais, da década de 1930 à de 40, entre os dois modelos acadêmicos, se referia à constituição de tradições intelectuais distintas no campo das Ciências Sociais. Apesar de Bastide e Pierson, o primeiro representante da USP e o segundo da ELSP, concordarem que a “velha” tradição do pensamento social brasileiro seria atrasada e pré-científica, bem como que os intelectuais ainda desconheciam a realidade brasileira, eles discordavam quanto ao método por meio do qual as pesquisas deveriam ser desenvolvidas. Havia divergências quanto ao método científico. Se na obra de Pierson as análises eram guiadas pela chamada sociologia científica, método de verificação das hipóteses não apenas nos conceitos teóricos, mas na observação resultante da pesquisa de campo, em Bastide o método científico não implicava necessariamente ruptura com a literatura e a forma literária da narrativa, tampouco com a primazia dos conceitos sobre o campo. Quanto mais pesquisas eram realizadas por estes dois líderes da escola paulista, mais claras ficavam suas divergências, perspectivas e até mesmo as vertentes teóricas às quais se vinculavam.⁸⁷

Na escola paulista, a abertura para a constituição do campo científico da Antropologia e Sociologia, projeto em comum entre as duas instituições, permitiu caminhos diferentes entre seus líderes. Não só as vertentes como os temas desenvolvidos se diferenciaram. Pouco espaço havia restado para o estudo do folclore, da literatura, da arte e do pensamento social, temas englobados pelo ensaísmo, dado o predomínio crescente do modelo científico da Escola de Chicago. Humanidades, na seção de Ciências Sociais da USP e ELSP, significavam cada vez mais uma tradição de análises científicas de natureza empírico-indutiva.⁸⁸ A linguagem comum nos dois ambientes dialogava com a Biologia, posto que, conforme argumentou Pierson em um de seus manuais, “como disse Robert Park, o sociólogo estuda os fenômenos humanos da mesma maneira imparcial pela qual um biólogo estuda um bichinho de batata”.⁸⁹

⁸⁶ MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: _____. *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo: Sumaré, 1989.

⁸⁷ Bastide, até aproximadamente 1949, acompanhava a linhagem intelectual de Gaston Richard, sociólogo francês contemporâneo de Durkheim, mas adversário de suas ideias. PEIXOTO, Fernanda. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000.

⁸⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Donald Pierson e a Sociologia no Brasil*. Op. cit.

⁸⁹ PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1945, p. 365.

Quando tomamos contato com o funcionamento de Chicago, vemos que Pierson tentou fazer em São Paulo uma réplica deste modelo: primazia dos estudos pós-graduados, formação de grupos de trabalho, nos quais a cada estudante correspondia um subtema da pesquisa mais ampla, sob a direção de um professor doutor; além de seminários, leitura e orientação individual de alunos. Ou seja, com Pierson chega a São Paulo não só uma problemática trabalhada pela Sociologia de Chicago (os estudos de comunidade), mas também um modelo institucional.⁹⁰

Na ELSP, ao reestruturar os cursos e o programa de pesquisas da instituição, a partir de 1939, as ações de Pierson visavam acelerar o estágio em que a construção funcionalista das Ciências Sociais se encontrava. A instituição logo passaria a oferecer recursos de excelência para a formação de cientistas sociais capazes da investigação sistemática de processos sociológicos, como fora divulgado ao público em diversos meios impressos (*Sociologia*, *Anuário* e publicidade em outros periódicos e jornais). Sob concepção funcionalista, duas linhas de investigação foram criadas juntas ao setor de pós-graduação: estudos de ecologia humana e estudos de organização social. Pierson, não por acaso, publicara dois compêndios cujos títulos eram idênticos às linhas da pós-graduação da ELSP.⁹¹

Além do ensino, havia sólida estrutura montada para o desenvolvimento de projetos de pesquisa em parceria entre professores e alunos. Bibliotecas com acervos internacionais, os mais atuais possíveis; centros de documentação com catálogos desde o século XVI; recursos financeiros, humanos e materiais para o desenvolvimento das pesquisas de campo e dos projetos como um todo; bolsas

⁹⁰ MASSI, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras. In: MICELI, Sergio (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo: Sumaré, 1989, p. 447.

⁹¹ *Estudos de ecologia humana* e *Estudos de organização social* são resultado da compilação de artigos de intelectuais norte-americanos, fundamentalmente dos sociólogos de Chicago. Pierson contou com recursos da Rockefeller Foundation e Smithsonian Institution para os custos dos dois empreendimentos. Lembremos que estes recursos faziam parte dos investimentos norte-americanos destinados à constituição da Biblioteca de Ciências Sociais, projeto em vigor desde 1941. Já outro compêndio, intitulado *Teoria e pesquisa em sociologia*, resultou da compilação de artigos de sua própria autoria, publicados entre 1940 e 1944 em *Sociologia*. Esta publicação também foi subvencionada pela linha de financiamento norte-americano já em vigor. Os três compêndios foram muito utilizados nas décadas de 1940 e 50 por estudantes e professores da área. Além da iniciação aos conceitos teóricos funcionalistas, eram utilizados como manuais de introdução aos estudos de comunidade no Brasil. Cf. *Translation Program – Progress Report*, AEL/UNICAMP.

de estudos para doutorado pleno nos Estados Unidos; conferências e cursos de intelectuais estrangeiros abertos aos estudantes; revistas acadêmicas que publicavam os melhores textos, de alunos ou professores, em português ou inglês; e, por último, a orientação sistemática dos alunos pelos professores da Divisão.

Os representantes máximos da Divisão, que mais poder ali tinham, Pierson, Willems e Baldus, engajaram-se no projeto da escola paulista e logo iniciaram a formação de cientistas sociais profissionais. Neste projeto, a profissionalização do cientista social, a formação de analistas e pesquisadores técnicos, sob as normas das associações acadêmicas e profissionais, constituía o maior interesse. Esta diretriz normativa, tal qual em Chicago, impunha metodologias objetivas de pesquisa nas técnicas usadas no trabalho de campo e nas análises empírico-indutivas, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Elas, acreditavam os mestres da ELSP, garantiriam a base científica dos estudos de comunidade.

As linhas de fomento à pesquisa eram geridas por Pierson, que distribuía os recursos financeiros entre os docentes e discentes de acordo com as demandas de seus projetos. Os projetos que interessavam ao Instituto de Antropologia Social (*Social Anthropological Institute*), órgão da Smithsonian Institution no Brasil, criado por Pierson em parceria com os diretores da Smithsonian, ganhavam, se não bolsa integral, auxílios financeiros até a conclusão do mestrado. Não era raro alunos ganharem bolsa, desde que seus projetos estivessem de acordo com os critérios de seleção. Assim, não arcavam com os custos do curso e assumiam uma função no interior da Divisão. Florestan, por exemplo, foi assistente de pesquisa na ELSP e atuou na organização de um centro de documentação histórica. Embora tivesse desentendimentos com Pierson, contou com auxílio da Smithsonian Institution no mestrado, já que seu projeto, buscando gerar avanços na Etnologia funcionalista, interessava ao Instituto de Antropologia Social.⁹²

Lúcia Lippi de Oliveira traz informações sobre o pensamento de Pierson que nos ajudarão a descrever a estrutura geral do mestrado da ELSP, posto que

⁹² Através do cotejamento das fontes, descobrimos que ele também foi assistente na ELSP, além de assistente na USP. A primeira pista surgiu quando liamos os documentos da pasta 24, “Curso de pós-graduação iniciado em 1941”, do Fundo Donald Pierson, na qual há um relatório sobre o trabalho em andamento na ELSP, com ênfase nas melhores pesquisas docentes e discentes. O relatório era destinado a Smithsonian. Florestan foi incluído como estudante e assistente de pesquisa da Divisão de Estudos Pós-Graduados. Se verificarmos em seu *Currículo Vitae* as atividades técnicas realizadas entre 1945 e 1947, encontraremos a organização da documentação relativa à história dos Tupinambá em fichários e pastas, e depois depositada no arquivo da Divisão. Esta atividade era parte de sua função como assistente, assumida devido ao mestrado.

ele, na posição de diretor da Divisão de Estudos Pós-Graduados, por treze anos consecutivos, imprimiu-lhe as principais marcas. No campo da ecologia humana, o diretor tinha em mente a investigação do seguinte elenco de processos:

- Origem e características físicas da população brasileira; processos de povoamento, amalgamação e formação de novas raças; competição biótica; imperialismo ecológico; imigração europeia e asiática; importação de africanos; utilização de terras; origem e tipos de cidades.⁹³

No campo da organização social, eram os seguintes os processos a serem investigados:

- Instituições: escravidão, família, religião; relações de raça; miscigenação, *status* e papel do mestiço; tipos sociais; conflito; *folkways*; mores; atitudes; movimentos sociais; acomodação; assimilação; aculturação; isolamento; comunicação; solidariedade; controle social; divisão do trabalho; relações entre classes; seleção social; casamento inter-racial; *status* e papel da mulher e da criança; mobilidade social.⁹⁴

Estas linhas se desdobravam em muitos cursos pós-graduados à disposição dos estudantes. Embora os cursos fossem divididos em obrigatórios e eletivos, a grade curricular exigia o cumprimento pelos ingressantes de maior quantidade de obrigatórios que de eletivos. A partir de 1941, ano em que a Divisão de Estudos Pós-Graduados começou a funcionar, vários cursos eletivos foram ofertados por professores visitantes, oriundos dos Estados Unidos ou Inglaterra. Eles se somavam aos estrangeiros e nativos que já lecionavam na ELSP, de maneira que a instituição sempre tinha condições de oferecer um amplo elenco de cursos. Em 1945, ano que mais nos interessa devido ao ingresso de Florestan, a Divisão efetivamente ofertou os seguintes cursos:

1. Etnologia brasileira – Prof. Herbert Baldus

⁹³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Donald Pierson e a Sociologia no Brasil*. Op. cit., pp. 37-38.

⁹⁴ *Idem*, p. 38.

2. Problemas de estatística – Prof. Pedro Egydio de Carvalho
3. Aculturação dos alemães no Brasil – Prof. Emilio Willems
4. Problemas de pesquisa histórica nas Américas – Prof. Carleton Sprague Smith
5. Pesquisas sociais na comunidade paulista – Prof. Donald Pierson
6. Seminário sobre raça e cultura – Prof. Donald Pierson
7. Seminário sobre os índios do Brasil – Prof. Herbert Baldus
8. Seminário sobre métodos de pesquisa social – Prof. Donald Pierson
9. Seminário sobre economia brasileira – Prof. Alexandr Kafka ⁹⁵

Dos treze cursos realizados por Florestan, computados aí os de Língua Inglesa, apenas cinco foram realizados em 1945. Os outros oito foram cumpridos nos dois anos consecutivos até 1948, quando a integralização do mestrado pôde ser concluída com a defesa da dissertação, *Organização social dos Tupinambá*. Durante todo o período do mestrado ele estudou com apenas um professor brasileiro. Os outros, permanentes e visitantes, eram estrangeiros, sem exceção.

Já que cada um deles tinha predileção por um tema mais amplo de pesquisa, ficavam a cargo de eixos temáticos diferentes e neles concentravam seus grupos de trabalho e orientação de alunos. Pierson reclamava para si a herança do pensamento de Robert Park: a comparação das relações raciais nos Estados Unidos e Brasil foi realizada *ipsi litteris* o modelo de seu mestre.⁹⁶ Assim, aglutinava suas aulas, pesquisas e orientações acadêmicas em torno da situação negra em ambos os países. *O negro no Brasil*, *O negro no Novo Mundo* e *Seminário sobre raça e cultura* eram cursos de sua rotina. Willems também levou adiante o subprograma de sua predileção: *Assimilação e aculturação no Brasil Meridional*, *Comunidades rurais em São Paulo* e *Sociedades urbanas e de folk* foram os três cursos que costumava oferecer até sua partida para a Vanderbilt University. Baldus, por sua vez, não constituía exceção e costumava oferecer os seguintes cursos: *Índios do Brasil*, *Etnologia brasileira* e *Problemas de mudança cultural*.⁹⁷

⁹⁵ *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*, 1945, CEDOC/FESPSP.

⁹⁶ Cf. PIERSON, Donald. Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras Ciências Sociais. In: CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*. São Paulo: Vértice, 1987.

⁹⁷ Os cursos de pós-graduação da ELSP, entre 1941 e 1952, podem ser consultados através de pelo menos duas maneiras: os documentos do Fundo Donald Pierson e os da FESPSP.

Havia ainda seminários mais curtos em que os alunos expunham os projetos de pesquisa, além de terem que realizar os trabalhos de campo. Outra atividade relevante eram as conferências e disciplinas inteiras oferecidas pelos visitantes, contratados para colaboração em curta temporada na Divisão de Estudos Pós-Graduados. Neste caso, a II Guerra e os primórdios da Guerra Fria não impuseram entraves à imigração dos professores visitantes no Brasil, nem pelos Estados Unidos, nem pela Grã-Bretanha. Os aliados estavam unidos na campanha contra as ditaduras de esquerda e direita na Europa. Deste modo, totalmente ao invés de embargarem, incentivavam acordos de cooperação com países não-comunistas como o Brasil. A passagem dos visitantes pela ELSP fazia parte dos esforços multilaterais de guerra, contribuindo para a formação das primeiras gerações de cientistas sociais e para constituição do campo científico entre nós.

A participação de Franklin Frazier, Radcliffe-Brown, Lynn Smith, Kalervo Oberg, Otto Klineberg e Alexander Marchant, entre outros, era tida como muito importante para a construção funcionalista das Ciências Sociais no Brasil não de forma isolada do resto do mundo ocidental, mas em rede colaborativa com outros centros intelectuais em atividade, na América Latina, do Norte e Europa, daí seu caráter transnacional. Os dirigentes e professores da ELSP esperavam que seus cursos e conferências contribuíssem para o desenvolvimento da escola paulista, de suas conexões e diálogos com os centros intelectuais ligados à agenda política contemporânea. Paralelamente à rede mundial dos sociólogos brasileiros, a colaboração dos estrangeiros buscava incrementar a jovem tradição de análises científicas, iniciada na década anterior, com métodos e conceitos novos.⁹⁸

Até a defesa da dissertação, o caminho trilhado por Florestan no decorrer do mestrado foi de esforço e dedicação às suas atividades acadêmicas, donde conseguia recursos financeiros para sua formação intelectual. Outra parte dos

⁹⁸ Ao longo dos anos 40, a colaboração dos visitantes ocorreu em distintos eixos temáticos, prevalecendo, entretanto, o prisma funcionalista. Frazier deu conferências sobre o negro nos Estados Unidos e Brasil; Radcliffe-Brown ofertou os seguintes cursos: *Princípios de Antropologia Social*, *Organização social*, *Função em Antropologia* e *Função social do Direito*; T. Lynn Smith ofereceu apenas um curso: *Pesquisas nas comunidades rurais do Brasil*; enviado direto da Smithsonian ao Brasil, Kalervo Oberg ofereceu cursos e seminários, tais como *Problemas do trabalho de campo*, *Povos da Europa* e *Povos e culturas da África*; Klineberg teve curta passagem na ELSP, mas ofereceu aos alunos cursos de curta duração, como *Psicologia social e relações raciais*; por fim, Marchant, um historiador de Vanderbilt, além de dar conferências na ELSP, acertou detalhes da tradução para português de seu livro, *From Barter to Slavery: the Economic Relations of Portuguese and Indians in the Settlement of Brazil, 1500-1580*. Carlos Lacerda foi o tradutor do livro, publicado em 1943 na Coleção Brasileira. A fonte dessas informações são os *Anuários* da ELSP.

recursos vinha do trabalho remunerado como representante comercial da Novoterápica, uma indústria farmacêutica. Este trabalho, segundo Haroldo Sereza, foi mantido só até 1947, quando a USP o elevou ao regime de dedicação exclusiva, mudando seu padrão de vencimentos. Depois de dois anos como assistente, ele conseguiu um salário que o permitiu dispensar outros empregos e dedicar-se só a USP, logo depois de obter o título de mestre na ELSP.⁹⁹

Mesmo com dois empregos, um no setor público, outro no setor privado, ele encontrou tempo para se dedicar ao mestrado. Depois de acertar com Baldus a orientação acadêmica, se dedicou às leituras sistemáticas indicadas nas disciplinas de pós-graduação. Mas, academicamente, não era só isto que fazia, posto que continuava escrevendo textos para jornais e revistas paulistas e participando de conferências e congressos acadêmicos em S. Paulo. Uma estratégia de aproveitamento racional dos estudos pode ser notada neste período: enquanto estudava as obras indicadas pelos professores, já escrevia os trabalhos exigidos para cada disciplina cursada. Alguns destes trabalhos foram publicados em jornais e revistas acadêmicas no mesmo ano em que foram escritos. O caso emblemático desta estratégia é *Tiago Marques Aipobureau: um bororo marginal*, texto originalmente escrito em 1945 para a disciplina de Baldus, e, logo no ano seguinte, publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, periódico paulista que alcançou prestígio internacional nesta época.

As disciplinas foram um aperfeiçoamento para sua formação intelectual, um avanço em relação ao que já tinha aprendido com a mediação dos professores da USP. É o que indicam, em primeiro lugar, os trabalhos finais escritos para os professores da ELSP, os quais o estimularam a desenvolver novas leituras e estudos antropológicos e sociológicos, além do envolvimento com sua pesquisa. Uma parte dos trabalhos traz reflexões sobre a constituição da sociologia científica no Brasil, em benefício da qual estaria agindo, segundo ele, o ensino acadêmico das Ciências Sociais. Em nome da formação sistemática dos cientistas sociais profissionais, Florestan defendeu a valorização ainda maior do que chamou

⁹⁹ Informações confirmadas por meio do registro trabalhista de Florestan junto a USP. Seu salário como assistente mais que dobrou depois de mais de um ano. Em 1947, seria bem superior devido sua adesão ao regime de dedicação exclusiva. O registro trabalhista encontra-se disponível em sua pasta no arquivo da FFLCH/USP. Também cf. SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Florestan: a inteligência militante*. São Paulo: Boitempo, 2005.

de equipamentos científicos: estruturas e políticas comprometidas com o desenvolvimento da pesquisa científica de acordo com parâmetros mundiais (agências de amparo, bolsas e outros financiamentos, universidades, centros de pesquisa etc.)¹⁰⁰ Sua própria pesquisa sobre os Tupinambá, na medida em que era desenvolvida e exposta ao público da Escola, expressava, de certa maneira, o sucesso educacional que o empreendimento das Ciências Sociais estava obtendo. Afinal, ele adquiriu experiência com métodos e técnicas não dominados antes, por meio da qual pôde fundir a análise funcionalista e a técnica da reconstrução histórica. O resultado deste experimento, sua dissertação, demonstrara o alto nível de seu treinamento no uso do funcionalismo anglo-americano.

Outra parte dos trabalhos mostra que ele aprendeu a usar conceitos novos, formulados pela linhagem norte-americana das Ciências Sociais inaugurada nas primeiras décadas do século XX, mas mundialmente dominante apenas depois da eclosão da II Guerra, quando efetivamente contestou o conceito biológico de raça e operou com o conceito moderno de cultura.¹⁰¹ A aprendizagem da vertente moderna norte-americana constituía o centro do seu interesse ao iniciar o mestrado. É possível notar que ele tratou de ler livros inéditos ao longo do curso, lançados há pouco tempo nos Estados Unidos, como *An American Dilemma*. Leu também várias obras recentemente incorporadas à Biblioteca de Ciências Sociais, cujo acervo possuía em 1947 mais de cem obras em língua portuguesa.¹⁰²

A leitura das obras norte-americanas o aproximava da compreensão das relações então identificadas entre raça, cultura e organização social, válidas, segundo ele, universalmente. Contudo, o foco de suas leituras não incidiu sobre os paralelos entre cultura e personalidade, estudados pela escola boasiana da qual Margaret Mead era herdeira, despontando na liderança da Antropologia Cultural neste mesmo momento.¹⁰³ Embora tenha indícios de que leu e assimilou as obras da escola boasiana, grande parte de seus trabalhos finais discutiu o conceito de

¹⁰⁰ *Seminário sobre métodos de pesquisa*, 1946, Dossiê Florestan Fernandes. CEDOC/FESPSP.

¹⁰¹ Cf. McLAUGHLIN, Virginia Yans. Science, Democracy, and Ethics: Mobilizing Culture and Personality for World War II. In: STOCKING JR., George. *Malinowski, Rivers, Benedict, and Others: Essays on Culture and Personality*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

¹⁰² Ver o anexo deste capítulo.

¹⁰³ Os arquivos de Mead na Biblioteca do Congresso possuem documentos reveladores do papel que exerceu na liderança mundial da Antropologia, tanto ao longo da guerra, quanto depois dela. Estes documentos indicam que Mead estava na vanguarda da institucionalização da Antropologia Cultural em associações profissionais e organizações internacionais, como a UNESCO.

raça do ponto de vista dos sociólogos de Chicago. Ou seja, em diversas oportunidades de discussão teórica, privilegiou as obras sociológicas que identificaram relações entre raça e organização social, em detrimento das obras centradas na influência da cultura sobre a formação da personalidade humana, das quais *Sexo e temperamento*, publicada por Mead em 1935, era uma das mais importantes.

Apesar de discutirem questões aparentemente desconexas, como história indígena, de um lado, e assimilação dos imigrantes no sul do Brasil, de outro, a maioria de seus trabalhos analisou as teorias raciais pelo prisma da organização social, operando com categorias como função, estrutura e sistema. No conjunto dos trabalhos, há também discussões mais específicas exigidas pelo curso de Pierson, chamado *Raça e cultura*, composto por seminários semestrais. Entre 1945 e 1947, Florestan os cursou periodicamente.

Nestes trabalhos específicos ele pensava a ideia de raça a partir do presente, envolto que estava no imediato pós-guerra. Suas discussões estavam embasadas nas obras que, ao longo dos acontecimentos da guerra, negavam qualquer relação entre atributos físicos e comportamentos sociais, embora mantivessem a noção de raça de um modo novo, fundado na abordagem funcionalista, e, portanto, sociologicamente válido. As ideias de *An American Dilemma* eram uma síntese esclarecedora das teorias raciais norte-americanas do século XX, formuladas, por exemplo, por Robert Park em *Race Relations and the Race Problem*, de 1939, e Ashley Montagu em *Man's Most Dangerous Myth: the Fallacy of Race*, de 1942. Dois autores ligados à vertente moderna norte-americana, cujas teorias forneceram elementos para a grande síntese elaborada por Myrdal e pelos pesquisadores a ele associados no empreendimento de *An American Dilemma*.

Na ELSP, Pierson propôs o seguinte exercício para avaliar a aprendizagem de seus alunos no seminário de 1945: “definir e analisar ‘raça’ e ‘cultura’ de tal modo a mostrar que assimilou a matéria apresentada neste seminário”.¹⁰⁴ Florestan analisou ambos os conceitos num texto discursivo. Seu argumento era o de que a ideia de raça teria um significado particular, e não geral, biológico. Referir-se-ia aos grupos cujos contatos são informados racialmente por suas culturas. Ou seja, raça seria uma construção só do mundo social e não corresponderia a nenhuma realidade biológica.

¹⁰⁴ *Avaliação do seminário “Raça e cultura”, 1945, Dossiê F. Fernandes, CEDOC/FESPSP.*

Ficou definido que “raça”, quando nos referimos a seres humanos, não pode ter o mesmo significado que “raça”, quando se tem em vista outros seres vivos. As bases modernas da nova conceituação são rigorosamente científicas, quer pelo tipo de abordagem e métodos empregados, quer pela própria formulação.¹⁰⁵

Neste sentido, e só neste sentido, poder-se-ia usar o conceito sociologicamente, se se visasse o estudo da relação causal do racismo com os problemas sociais nas sociedades modernas.

Relativamente à sociologia, a “raça” tem importância [...], o grupo racial tem importância, à medida que pode determinar um comportamento característico de seus membros, suscitando consequentemente um tratamento específico por membros de outros grupos raciais. Nesse sentido, “raça” ou “grupo racial” tem um significado concreto e inclui também um patrimônio cultural; define-se, pois, como um grupo cultural. Neste caso, é mais importante a análise de certos padrões e estereótipos que influem na conduta dos indivíduos, como as “marcas raciais” e os “preconceitos sociais”. Estes padrões condicionam os contatos raciais e determinam formas de conduta aos indivíduos dos diferentes “grupos raciais”.¹⁰⁶

A influência da linhagem norte-americana das Ciências Sociais, de Park, Montagu, Klineberg etc., sobre o pensamento de Florestan, é ainda mais clara quando ele discute outro aspecto do novo conceito de raça: o efeito dos atributos físicos sobre os contatos sociais. Na medida em que o racismo os penetra, considerada sua força agindo sobre os contatos, estes se tornariam contatos raciais, provocando problemas em cadeia. A seleção social (a diminuição da população negra) ou a seleção letal (seu extermínio) seriam apenas dois destes problemas.

¹⁰⁵ *Avaliação do seminário “Raça e cultura”, 1945, Dossiê F. Fernandes, CEDOC/FESPSP.*

¹⁰⁶ *Idem.*

Ao sociólogo, portanto, caberia explicar as funções desempenhadas pelas relações raciais no processo de organização da sociedade, de suas minorias e elites.

É ainda importante a análise dos próprios contatos raciais, porque ela esclarece certos fenômenos que ocorrem por influências nitidamente sociais. Neste caso, dever-se-ia verificar como as diferenças sociais são associadas a diferenças “raciais” e como a seleção social ou o peneiramento modifica, altera ou determina fenômenos de seleção biológica. No primeiro caso, diferenças “raciais” podem apenas representar ou consolidar diferenças de natureza social (o negro e seu *status* de escravo). No segundo caso, em virtude da capacidade neutralizadora ou artificial da cultura humana, a ação de fatores exclusivamente físicos ou biológicos é diminuída, e a ocorrência de outros fenômenos estritamente biológicos (seleção letal, transformações orgânicas etc.) passam a depender diretamente do equipamento cultural do grupo considerado.¹⁰⁷

No século XX, se os pesquisadores estão diante dos problemas das relações raciais, que não só existiriam como ocorreriam todos os dias em múltiplas sociedades, nas quais o negro sofreria os efeitos da dominação do branco, então qual abordagem científica dos problemas Florestan aprendeu na ELSP? Da mesma forma que John Dollard, Park, Pierson e outros sociólogos de Chicago, inclusive Oracy Nogueira – que ali fez doutorado sob orientação de Park –, Florestan defendeu o método do *quadro de referências* para o estudo das relações raciais, comum aos países do chamado mundo moderno, “porque, de fato, ele sublinha um ponto de vista fundamental e sistemático”.¹⁰⁸ O quadro de referências seria o melhor método para análise sincrônica das relações raciais numa dada comunidade ou sociedade que tenha presença de minorias sociais. Sua construção universalista em termos conceituais (preconceito, marca, atitude, conduta etc.), aliada ao uso sistêmico de tipologias e classificações de etnias e raças, foi tida por Florestan como o método mais científico e eficiente possível para a produção de dados e interpretações sobre as relações entre negros e brancos no Brasil.

¹⁰⁷ *Ibidem* (grifo do autor).

¹⁰⁸ *Avaliação do seminário “Raça e cultura”, 1947, Dossiê F. Fernandes, CEDOC/FESPSP.*

Então, em seu entendimento, “a adoção do ponto de vista proposto corresponde à compreensão das forças que atuam na sociedade tal como se apresentam na realidade: intimamente vinculadas e em interação, mas em interação de uma certa forma”.¹⁰⁹ Se as forças sociais interagem de certa forma, que forma é essa? As forças atuariam na organização social causando-lhe distintos processos (competição, cooperação, associação, exclusão etc.), nos quais as relações raciais também agiriam, já que seriam reais na medida em que constituiriam uma destas forças. Raça, como força social, teria o significado de contingente de indivíduos, de grupo racial, de população: minorias sociais subordinadas ao grupo dominante em suas funções na organização social.

Florestan também acompanhava os desenvolvimentos científicos da Antropologia. No período entre guerras, diz Ricardo Ventura Santos, a Biologia evolutiva transformou o conceito de raça em população. O mesmo movimento ocorreu na Antropologia Física, no qual raça passou a ter o sentido de força dinâmica, próxima da noção evolucionária de população. A semântica antiga foi ressignificada e se adaptou ao evolucionismo darwiniano, quer dizer, a noção de população ainda supunha mendelianismo (transmissão dos caracteres hereditários), biometria (o comportamento dos genes e características morfológicas das populações) e darwinismo (a origem e evolução das espécies). Ao longo e depois da II Guerra, as Ciências Sociais operariam com o conceito de população como definidor da espécie humana, variável conforme processos físicos e sociais, ao contrário de raça no sentido tão-somente biológico.¹¹⁰ Portanto, neste momento, minoria social e população formavam conceitos pares, cuja operação foi aprendida por Florestan na ELSP, graças aos cursos de pós-graduação.

Além dos seminários de Pierson, ele frequentou aulas e desenvolveu os estudos finais para os cursos de Willems, Baldus, Oberg e Otávio da Costa Eduardo, além das conferências e demais seminários. É marcante nos estudos finais das disciplinas sua preocupação em ler as obras, aprender os conceitos, assimilar as teorias, dominar as técnicas, enfim, que mais interessavam ao projeto intelectual da escola paulista, ou seja, o campo da ecologia humana e organização

¹⁰⁹ *Idem*.

¹¹⁰ SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em Antropologia Física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CCBB, 1996.

social. Por isso, ele discutiu, sobretudo, as teses e obras norte-americanas sobre problemas de mudança social e cultural em cidades dos Estados Unidos. A maioria dos professores, ao avaliar a aprendizagem dos alunos, pediu trabalhos sobre os mesmos problemas no Brasil, em comunidades rurais e cidades. O domínio da vertente moderna norte-americana era o principal critério de avaliação, já que permitiria aos pesquisadores compreenderem os problemas e processos imbricados nestas mudanças. Ao discutir mudanças em curso em algumas cidades paulistas em seus trabalhos, comparando-as aos mesmos processos nos Estados Unidos, Florestan mostrou domínio de tudo o que foi exigido intelectualmente, e, por isso, recebeu nota máxima em todos os trabalhos.¹¹¹

Em 1948, ele se tornou mestre com distinção acadêmica. A distinção era tão séria que, neste mesmo ano, foi o único ex-aluno da ELSP convidado a participar de uma edição especial de *Sociologia* – então dirigida por Willems e Oracy Nogueira –, dedicada ao exame da sociedade de classes no Brasil, sua estratificação e mobilidade social. Se compararmos o primeiro artigo de toda a vida acadêmica de Florestan, publicado nesta revista em 1942, e seu artigo para a edição especial da revista, intitulado *A análise sociológica das classes sociais*, perceberemos o aperfeiçoamento, o desenvolvimento intelectual e técnico-científico que o mestrado na ELSP lhe deu. Os ganhos do jovem mestre foram tantos que, em seu texto, mostrou-se em condições de fazer uma avaliação sobre os mais atuais avanços das Ciências Sociais nos Estados Unidos. A avaliação foi positiva, mesmo assim ele discutiu a validade de conceitos então considerados científicos.

As modernas tendências da antropologia revelam um curioso desenvolvimento: a preocupação pelo estudo das sociedades ocidentais. Partindo da conhecida regra segundo a qual os métodos de investigação e os conceitos científicos podem ser aplicados a situações diferentes daquelas nas quais são engendrados e para as quais são elaborados, os antropólogos pensam encontrar nas “sociedades civilizadas” um campo propício à aplicação e ao refinamento do aparato conceitual e metodológico de sua disciplina. As tentativas levadas a efeito até agora revelam que,

¹¹¹ *Histórico Escolar de Florestan Fernandes*, 1948, pasta 59/1, CEDOC/FESPSP

em grande parte, as expectativas dos antropólogos eram realmente legítimas e bem fundadas.¹¹²

O artigo de 1942 mostra um estudante em vias de se tornar pesquisador, já capaz de conduzir pequenas pesquisas e análises sociológicas, mas ainda em formação acadêmica e em contato com o cânone e as leituras contemporâneas. Faltava-lhe a densidade teórica e o treino adquiridos ao longo do mestrado. Assim, no artigo de 1948, ele mostrou que participava, junto aos pioneiros da escola paulista, dos desenvolvimentos globais das Ciências Sociais. Ele discutiu o conceito de classe social realçando os problemas teóricos que permaneciam irresolutos no pensamento sociológico norte-americano. Seguindo o objetivo de Pitirim Sorokin num texto de 1947, *What Is a Social Class?*, examinou, do ponto de vista teórico, a tese de que a estrutura social do mundo moderno é dividida em classes rígidas, estáveis. Como, em seu argumento, até o presente ainda não havia conceituação científica capaz de determinar as classes sociais, lançou críticas àquelas que tanto o influenciaram no mestrado: a sociologia norte-americana não seria perfeita. Gunnar Myrdal, ao invés dos norte-americanos, seria o cientista social mais próximo da conceituação ideal de classe, estamento, estratificação etc. *An American Dilemma* foi novamente citado, apontado por ele como melhor modelo de pesquisa já desenvolvido no mundo inteiro, ao lado dos principais sociólogos de Chicago, como, por exemplo, Robert Redfield.¹¹³

Sua inserção cada vez mais rápida na rede internacional vinha acompanhada, na mesma proporção, de ambição ligada ao projeto da escola paulista. O jovem mestre, a partir de 1948, não mais pesquisava apenas os temas clássicos valorizados pelo cânone brasileiro ou até mesmo pelos professores estrangeiros. Sua ambição intelectual o levou a se interessar e se imiscuir nos debates teóricos globais sobre os últimos desenvolvimentos das Ciências Sociais. É flagrante nos artigos de 1948 em diante o debate direto com as ideias, formulações, conceituações científicas, com o pensamento, enfim, dos intelectuais que compunham a vertente moderna norte-americana, de igual para igual. Florestan passou a dizer que em todas as dimensões do campo das Ciências Sociais, e em qualquer país

¹¹² FERNANDES, Florestan. A análise sociológica das classes sociais. *Sociologia*: vol. X, n. 2-3, 1948, p. 91.

¹¹³ A citação está na p. 112 da primeira versão do artigo, depois republicado no livro *Ensaio de sociologia geral e aplicada*, em 1960.

do mundo, as bases científicas ainda não estavam plenamente constituídas, faltando-lhes sistematização teórica. Os problemas do conceito de classes expressariam não o atraso dos cientistas sociais brasileiros, engajados que estavam na constituição do campo científico e acadêmico no país, mas o estado mundial das bases deste campo. Haveria, sim, motivos para expectativas promissoras devido aos últimos avanços nos Estados Unidos. No entanto, para ele, contribuir para o desenvolvimento científico em bases racionais e universais não seria tarefa apenas dos norte-americanos. Seria uma importante diretriz da escola paulista também, na qual estava engajado. A racionalidade técnica e científica cada vez mais era incorporada ao projeto da escola paulista depois da II Guerra.

A distinção acadêmica com que os intelectuais o reconheciam não parou em sua participação em *Sociologia*, depois da defesa de *Organização social dos Tupinambá*. Aos vinte e oito anos, recebeu o convite para ser paraninfo na cerimônia de formatura dos novos bacharéis da ELSP. O convite veio em decorrência de sua representatividade na escola paulista, ligada ao *status* de mestre não só no estreito sentido do título acadêmico, mas à superioridade de seu conhecimento, então considerado especializado, científico, útil. Florestan era visto como exemplo do sucesso educacional paulista. Com efeito, foi atribuído a ele um papel ainda mais relevante no projeto da escola paulista: como professor, comunicar aos jovens bacharéis os caminhos de sucesso a serem seguidos nas ciências desenvolvidas em São Paulo. Quanto mais ele progredia na carreira universitária, maior era sua representatividade local e internacional.

No discurso proferido na cerimônia de formatura, as conquistas resultantes da criação da USP e ELSP não foram reduzidas a um ufanismo bandeirante, à ideologia da paulistanidade, muito menos ao nacionalismo verde e amarelo. A ciência e a tecnologia produzidas em São Paulo, se tinham importância nacional, era devido às conexões dos cientistas paulistas com os centros intelectuais mundiais. Nossos cientistas sociais não estariam vinculados a uma agenda particular e isolada do resto do mundo, nacionalmente constituída, mas à agenda contemporânea e seu conjunto de problemas então valorizados. Sua fala sugeriu o lugar das Ciências Sociais brasileiras na agenda política contemporânea:

O desenvolvimento do ensino das Ciências Sociais no Brasil, especialmente em São Paulo, e o incremento das pesquisas etnológicas e sociológicas nos diversos setores da sociedade e da cultura, combinados às profundas modificações sofridas pela organização social de nossa sociedade, tendem a encaminhar os nossos centros de interesse para as questões que atualmente preocupam os mais eminentes sociólogos e antropólogos do mundo.¹¹⁴

As questões em voga nas democracias ocidentais, em pleno pós-guerra, estavam concentradas, basicamente, no desenvolvimento econômico e no alargamento da democracia liberal via direitos humanos. A historiografia recente tem revelado que a obra de Arthur Schlesinger, *The Vital Center: The Politics of Freedom*, vinculada ao grupo liberal do Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF), foi fundamental para a ideia de democracia de centro, cujas linhas mestras, após 1945, passaram a compor a agenda política dos países não-comunistas. Desenvolvimento e direitos humanos deram novo sentido de humanidade aos povos e nações sob influência dos Estados Unidos ao longo da Guerra Fria. O sentido de humanidade, ou, na linguagem política, a agenda internacional, teve impacto global ao fazer renascer a força dos direitos humanos em benefício dos que lutavam em seus países por um regime mais moderno, democrático e menos opressor.¹¹⁵

Para Florestan, a nova geração paulista de cientistas sociais seria superior porque entendia o valor da ciência aplicada e dominava sua metodologia. No Brasil só esta geração estaria produzindo conhecimento em Sociologia Aplicada, uma vertente moderna e mundialmente valorizada. Era valorizada, segundo ele, porque estaria associada à uma revolução: a racionalização da ação humana e a conquista da sociedade moderna. A Sociologia Aplicada seria um meio científico para o controle racional cada vez maior das forças sociais inerentes à civilização ou sociedade moderna. Em outras palavras, era uma técnica de liberdade, desenvolvimento e democracia, algo muito próximo do que Schlesinger concebia como o *vital center*. Partes do discurso de 1948 nos transportam para esta ideia:

¹¹⁴ FERNANDES, Florestan. Considerações sobre os estudos sociais no Brasil. Discurso pronunciado na Escola Livre de Sociologia e Política. *O Estado de S. Paulo*, 11 abril 1948.

¹¹⁵ Cf., por exemplo, os livros *O Brasil e os outros: o poder das ideias*, de Elizabeth Cancelli, e *O Brasil dos brasilianistas*, organizado por Marshall C. Eakin et al.

Embora seja reflexo do desenvolvimento de um processo social – a tendência à racionalização crescente observada nas sociedades ocidentais – a difusão do novo conceito de ciência social não deixa de ser algo dramático, vinculado a uma tarefa verdadeiramente revolucionária.¹¹⁶

A revolução da conquista da sociedade para o homem brasileiro, tratado como cidadão, estaria progredindo devido aos avanços da Sociologia Aplicada.

Considerando a situação deste prisma [a criação da USP e da ELSP], o “progresso” das Ciências Sociais no Brasil tem seguido um ritmo acelerado. Qualquer um dos senhores me entenderá melhor através de um exemplo: os líderes dos movimentos que culminaram, em 1933 e 1934, na criação daquelas duas instituições, pensavam principalmente no conhecimento das condições de existência social do povo brasileiro. A este conhecimento ligavam, com maior ou menor intensidade, o ideal de elevação do nosso nível educacional e intelectual, e ainda o ideal prático de obter por meios diretos ou indiretos a melhoria das condições de existência social. Em nossos dias, o problema capital continua a ser o mesmo; entretanto, encaramos com ênfase significativa os problemas de ordem teórica e prática, levantados pela aplicação racional dos conhecimentos científicos. Por isso, se não penetramos propriamente numa fase operativa, pelo menos estamos mais próximos dela do que se esteve há dez anos, e dispomos de um equipamento científico sensivelmente mais adequado.¹¹⁷

É claro, o equipamento científico não se referia só à Sociologia Aplicada. Sua maior adequação no Brasil exigiria que os estudos em Antropologia também fossem aplicados. Na era da sociedade industrial, tecnológica, da especialização do conhecimento e das profissões, da complexidade da divisão do trabalho etc.,

¹¹⁶ FERNANDES, Florestan. *Op. cit.*, 11 de abril de 1948.

¹¹⁷ *Idem.*

a racionalidade inerente à ciência aplicada seria uma diretriz para o cientista social em sua responsabilidade de orientar o conhecimento para o desenvolvimento e a democracia. Assim, cientistas sociais e mudança social marchariam juntos. Um bom exemplo disto seria a ciência feita no Brasil: “o Brasil, por causa de suas próprias condições de país novo, pode favorecer os desenvolvimentos da teoria antropológica no fecundo sentido indicado por Malinowski”.¹¹⁸ O fecundo sentido, de modo geral, era o mesmo funcionalismo que permitia com que a ciência fosse aplicada racionalmente na realidade social para democratizá-la, modernizá-la.

Em seu longo discurso, Florestan dialogou com os funcionalistas liberais dos Estados Unidos e Inglaterra que lideravam mundialmente as pesquisas acerca das relações étnicas e raciais em muitos países, logo depois dos horrores da II Guerra. Alguns destes cientistas sociais já tinham experiência com a constituição de agendas intelectuais sob subvenção de fundações ou outras agências de amparo, quando começaram a atuar na linha de frente da criação de associações acadêmicas e profissionais correspondentes a suas respectivas especialidades. A expectativa era que a profissionalização da pesquisa incentivasse ainda mais o apoio ao desenvolvimento das agendas de pesquisa pelas organizações internacionais que emergiram fortemente no pós-guerra.¹¹⁹ A liderança de Pierson no Brasil é um ponto nesta imensa rede intelectual a favor da profissionalização das pesquisas, da qual faziam parte também vários outros líderes, norte-americanos e europeus. Deste processo resultou a criação oficial das associações acadêmicas, nas quais a ciência aplicada tinha primazia, em suas dimensões antropológicas e sociológicas. Para ficarmos com um exemplo apenas: a norte-americana *Society for Applied Anthropology* (SfAA) foi criada em 1941 por esforços de Margaret Mead e Ashley Montagu, como mostram os documentos históricos relativos à instituição presentes no arquivo de Mead, na Biblioteca do Congresso, Estados Unidos.

Em 1948, Florestan acabou o mestrado acreditando e apostando na profissionalização das Ciências Sociais. Como assistente na USP, não tinha o poder para implementar as mudanças que poderiam acelerar os esforços – já iniciados,

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ Cf. HAZARD, Anthony. *Postwar Anti-Racism: The United States, UNESCO, and “Race”, 1945-1968*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

mas concentrados nas mãos de outros gestores – no sentido da criação de associações acadêmicas e profissionais no Brasil. Seu diálogo com os construtores das associações estrangeiras, no entanto, aconteceu a despeito dos limites das posições que ocupava na universidade. Este diálogo fica ainda mais claro a partir de 1950, quando começou a coordenar o projeto da UNESCO sobre as relações de raça em São Paulo. Sua participação nos esforços nacionais e internacionais de criação institucional será cada vez maior daí em diante. O fato de ter assumido a regência da Cadeira de Sociologia I da USP, antes regida por Bastide, será como ascender um fósforo no barril de pólvora: explosão acadêmica cuja energia fortalecia a incorporação do desenvolvimentismo. Em 1954, as relações da USP e suas jovens associações acadêmicas com as ações da rede em torno da ciência aplicada começarão a ser ampliadas, e disto se beneficiará a escola paulista de Sociologia em nome de seu crescimento internacional.

1.3. A passagem da Etnologia para a Sociologia

Em 1950, Florestan apresentou uma comunicação no I Congresso Mundial de Sociologia, realizado pela International Sociological Association (ISA) em Zurique, Suíça. Este congresso aconteceu no mesmo momento que o I Congresso Mundial de Ciência Política, este realizado pela International Political Science Association (IPSA). Tanto a ISA quanto a IPSA haviam sido criadas somente um ano antes pelo Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, tendo por objetivo reunir os especialistas e as associações acadêmicas do máximo possível de países numa grande rede colaborativa que incentivasse o ensino e pesquisa em Ciências Sociais no mundo inteiro. O caráter rigorosamente científico e a aplicação prática das Ciências Sociais nos países desenvolvidos ou nos em desenvolvimento eram os principais interesses que moveram a UNESCO. A organização, no pós-guerra, apostava que o incentivo em escala mundial neste campo serviria para sua política de reconstrução da ordem social pacífica globalmente.¹²⁰

¹²⁰ PLATT, Jenifer. *A Brief History of ISA*. Québec: International Sociological Association, 1998.

Quando fora realizado o I Congresso Mundial de Sociologia, o presidente da ISA era Louis Wirth e o vice-presidente, Fernando de Azevedo.¹²¹ Este último era presidente da Sociedade Paulista de Sociologia desde 1934, quando, dezesseis anos depois, ao integrá-la às políticas da UNESCO, conseguiu com que sua refundação como Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) acontecesse de fato; rapidamente, a SBS foi integrada à ISA e Azevedo escolhido seu vice-presidente. Os laços entre ISA, IPSA e UNESCO estavam tão estreitos que os temas principais de ambos os Congressos de 1950 refletiram os problemas para os quais a organização buscava soluções por meio de suas políticas científicas e educacionais. Estes temas foram debatidos pelos cientistas sociais na seguinte ordem:

1. Pesquisa sociológica e sua relevância nas relações internacionais;
2. O papel do cidadão numa sociedade planejada;
3. O papel das minorias nos problemas internacionais.¹²²

Cento e vinte delegados de diferentes países participaram dos Congressos. Florestan foi escolhido pela SBS para representar o Brasil. Sua apresentação fez parte de uma seção temática do Congresso de Sociologia, sobre problemas metodológicos gerais da relação entre Sociologia e relações internacionais. Daí sua comunicação, intitulada *Considerações sobre a aplicação dos conhecimentos sociológicos às relações internacionais*, ter discutido os problemas mais gerais concernentes à nova orientação científica cada vez mais dominante entre os cientistas sociais: a ciência aplicada. Já que os ideais utópicos dos socialistas do século XIX perderam credibilidade, os verdadeiros problemas da Sociologia, segundo ele, repousariam na emergência dos canais sociais de aproveitamento racional dos conhecimentos sociológicos. Estes canais, numa linguagem clara e direta, dizem respeito às instituições públicas e privadas, de abrangência supra-estatal, e seus mecanismos de aplicação da ciência no desenho ou aperfeiçoamento das políticas públicas. Florestan lançou uma previsão sobre isto:

¹²¹ Fernando Henrique Cardoso foi o 10º presidente da ISA. Sua gestão durou entre 1982 e 1986, e sob sua organização aconteceu o 11º Congresso Mundial de Sociologia, em Nova Deli, Índia, cujo tema foi, justamente, "mudança social: problemas e perspectivas".

¹²² 1. Sociological Research in its Bearing on International Relations; 2. The Role of the Citizen in a Planned Society; 3. The Role of Minorities in International Affairs. Cf. *International Social Science Bulletin*, vol. II, n. 4, 1950, UNESDOC.

Em virtude do próprio jogo dos mecanismos sociais, que vem construindo os canais de aproveitamento das descobertas científicas nas sociedades modernas, ainda não existem senão os germens, por assim dizer, do que serão provavelmente, no futuro, os meios regulares e efetivos de aplicação racional da Sociologia às relações internacionais.¹²³

O que significa este jogo dos mecanismos sociais? Uma vez que as relações internacionais seriam, para ele, a melhor situação para a qual o conhecimento sociológico poderia contribuir, pois consiste em grandes e complexos grupos de países em interação, podemos pensar que o referido jogo diz respeito ao estado em que o mundo estava no pós-guerra, o que já acenava para a crise das relações internacionais devido à Guerra Fria. Nesta circunstância crítica haveria, para ele, uma correspondência positiva entre os canais sociais e os direitos humanos, ou melhor, os últimos seriam a eficaz realização dos primeiros. Os direitos humanos seriam a primeira expressão da atitude positiva de aproveitamento racional das Ciências Sociais, na tentativa de solucionar os problemas universais de um mundo ainda desorganizado e instável, rumo ao desenvolvimento e à paz.

A Sociologia Aplicada era tão importante para Florestan desde 1948 que logo ele se tornou o representante brasileiro da área para as organizações internacionais. Sua experiência no I Congresso Mundial de Sociologia confirmou seu alto desempenho em relação à sistematização dos meios pelos quais os conhecimentos sociológicos poderiam ser aplicados nos problemas internacionais. Estava demonstrado, deste modo, que ele seria capaz de assumir projetos ambiciosos no âmbito dos direitos humanos, orientados pela investigação em Sociologia Aplicada, visto que uma coisa estava atrelada a outra. O programa dos direitos humanos, estruturado na Sociologia Aplicada de modo supra-estatal, não era apoiado só por ele. Era apoiado pela maioria dos membros da ISA e IPSA. Louis Wirth, na solenidade de abertura do Congresso Mundial de Sociologia, enfatizou o valor do cosmopolitismo para o progresso das Ciências Sociais: “Meu país é o

¹²³ FERNANDES, Florestan. Aplicação dos conhecimentos sociológicos às relações internacionais. In: _____. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 224.

mundo; meus compatriotas são toda a humanidade”, citando William Lloyd Garrison, um abolicionista norte-americano do século XIX, criador do jornal *The Liberator*.¹²⁴

O cosmopolitismo foi marcante na passagem de Florestan para os estudos sociológicos depois que defendeu a *Organização social dos Tupinambá*. Nota-se, no curto período compreendido entre 1948 e 1950, uma transição gradual da Etnologia para a Sociologia em toda sua produção, nas disciplinas de graduação, cursos extracurriculares, conferências, comunicações, artigos acadêmicos e para a imprensa. Ele ainda estudava etnologicamente sociedades indígenas e o folclore, mas cada vez mais dava maior atenção para as questões mundiais do pós-guerra, participando, assim, da agenda dos direitos humanos. As dimensões local e mundial coexistiram de forma harmônica até que a UNESCO entrara definitivamente em sua vida, convidando a ele e Bastide para coordenarem a fração paulista da equipe mais ampla de pesquisadores das relações raciais brasileiras. O estudo sociológico do negro seria seu principal projeto desde então.

Na mesma direção que Pierson, Willems, Frazier e Melville Herskovits – antropólogo norte-americano que também lecionou na ELSP e fez pesquisas no Brasil –, além dos brasileiros cujos estudos tinham o respeito de Florestan, como Artur Ramos, o jovem sociólogo começou cedo o estudo das atitudes raciais entre negros e brancos. Este debate estava em voga quando, após ler *An American Dilemma* durante o Seminário de Raça e Cultura, ele publicou uma série de dois estudos sociológicos no *Jornal de São Paulo* em 1945. No primeiro artigo, *Branços e pretos: a situação racial*, fez a costumeira comparação entre Brasil e Estados Unidos de uma forma invertida: o regime de classes nos dois países revelaria não situações diferentes para a população negra, e sim o mesmo *status* de inferioridade negra herdado da escravidão, reproduzido na sociedade de classes do presente em benefício dos privilégios brancos. No segundo, *Branços e pretos: a situação racial brasileira*, o uso de *An American Dilemma* foi ainda mais contundente: haveria um dilema racial no Brasil também.¹²⁵

¹²⁴ “My country is the world. My countrymen are mankind”. Cf. WIRTH, Louis. The Significance of Sociology. *International Social Science Bulletin*, Paris: vol. III, n. 2, 1951, p. 201. UNESDOC.

¹²⁵ FERNANDES, Florestan. Brancos e pretos: I, a situação racial, *Jornal de São Paulo*, 26 ago. 1945; _____. Brancos e pretos: II, a situação racial brasileira. *Jornal de São Paulo*, 2 set. 1945.

Não por acaso, o debate sobre o racismo mobilizou diversos intelectuais sem serem necessariamente formados em Ciências Sociais. A tese de Florestan era radicalmente diferente da exposta por Freyre, Pierson, Park¹²⁶ e Willems¹²⁷, que diziam não haver problemas de ordem racial no Brasil. A análise da situação racial brasileira que Florestan começava a fazer por meio da imprensa, inspirado em *An American Dilemma*, rapidamente teve repercussão no debate sobre o racismo no pós-guerra. Paulo Duarte foi um representante da linhagem de intelectuais contrários ao que ele chamou na época de “importação” do problema negro no Brasil direto dos Estados Unidos. Seu primeiro artigo n’ *O Estado de S. Paulo* atacou frontalmente as ideias sobre a formação da nação de todos os intelectuais que passaram a ver o negro como sujeito histórico, capaz de interagir com outros sujeitos além da pura subserviência e inação. Do consagrado Freyre ao iniciante Florestan: todas as interpretações sobre as relações raciais que dialogavam com ideias norte-americanas foram criticadas por Duarte. Seu primeiro artigo começa o ataque de forma abrangente:

Começa a surgir no Brasil, com todo o horror que o caso encerra, um problema que, por não existir, era o capítulo mais humano talvez da nossa história social: o problema do negro. O curioso porém é que aparece agora não criado ou agravado pelo branco, mas por uma prevenção agressiva que se estabelece da parte do negro contra o branco. É mais um legítimo fruto podre entre tantos com que nos aquinhoou a ditadura [do Estado Novo].¹²⁸

¹²⁶ Park, segundo Lícia Valladares, também viajou ao Brasil em 1937 para supervisionar o trabalho de campo de Pierson na Bahia. O Rio de Janeiro foi sua primeira parada. Ali, ele teve encontros com Artur Ramos, entre outros especialistas na questão racial. Depois do Rio, ele foi para a Bahia, em cujas tradições culturais fora introduzido por meio de Pierson, que já vivia em Salvador há dois anos. O resultado mais importante de sua experiência, para nossos objetivos, diz respeito ao texto de introdução ao primeiro livro de Pierson, intitulado *The Career of the Africans in Brazil*, em que Park reafirma a tese de Pierson de que o Brasil constituía uma sociedade multirracial de classes, livre, portanto, do racismo. Cf. VALLADARES, Lícia. A visita de Robert E. Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *Cadernos CRH*, Salvador: vol. 23, n. 58, pp. 35-49, 2010.

¹²⁷ Willems participou do debate no pós-guerra com artigo no *American Journal of Sociology*, no qual disse que os brasileiros eram contrários a qualquer tipo de discriminação racial. Estudos da ELSP teriam mostrado o efeito do preconceito social no mercado de trabalho, independente da raça. O preconceito de classe não seria, para ele, o mesmo que racismo. Cf. WILLEMS, Emilio. Racial Attitudes in Brazil. *American Journal of Sociology*: vol. 54, n. 5, pp. 402-408, 1949.

¹²⁸ DUARTE, Paulo. Negros do Brasil. *O Estado de S. Paulo*, 16 abril 1947.

Não haveria problema negro no Brasil porque a sociedade, para ele, não era racista. Era inclusiva, ao contrário. Nestes termos, não haveria razão alguma em movimentos negros de qualquer tipo. A miscigenação seria o movimento natural no Brasil em direção à inclusão. Porém, inclusão para ele não significava a extensão da cidadania ao negro, e sim seu completo e perfeito branqueamento. A crítica de Duarte termina com a defesa do eugenismo no último artigo da série.

O que prevalece é a decisão brasileira de ser um país branco e mais nada. E este propósito, sólido, inabalável, existe, é a realidade. Ora, assim sendo, há duas maneiras, para os países brancos, que receberam um contingente grande de negros, de conservarem-se brancos. Ou têm que adotar o método cruel e desumano, sociologicamente mais perigoso, da segregação completa dos negros, meio escolhido pelos Estados Unidos, ou o método, embora mais lento, preferido pelos latinos, em geral, mais humano, mais inteligente, embora moralmente mais perigoso durante o período de transição, isto é, a fase mais ou menos prolongada, da eliminação do elemento negro pela miscigenação.¹²⁹

Este debate, durante e após a guerra, estava vivo em cidades como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Três metrópoles em crescimento, com densidade populacional negra alta, na fronteira, segundo os sociólogos da ELSP, entre tradição e mudança social. Por isso foram escolhidas como bons lugares para mais investigações sociológicas. Era o fato de que os norte-americanos estavam na vanguarda destas pesquisas, além de guiarem a formação dos novos cientistas sociais, o que aterrorizava Duarte. Para ele, a importação do problema negro seria decorrência da influência *yankee* sobre nossa intelectualidade.

De fato, desde o início da direção de Pierson na ELSP em 1939, a cooperação intelectual com os Estados Unidos cresceu consideravelmente. Como a agenda global das Ciências Sociais estava centrada nos estudos da questão racial, a cooperação com os Estados Unidos teve forte impacto no desenvolvimento de análises sociológicas das relações raciais brasileiras por norte-americanos.

¹²⁹ DUARTE, Paulo. Negros do Brasil (conclusão). *O Estado de S. Paulo*, 17 abril 1947.

Os debates sobre o racismo, com isso, tendiam a ficar cada vez mais acirrados. As análises discrepantes de Frazier e Herskovits sobre o negro na Bahia são um sintoma das crescentes divergências, que a todos envolviam mais e mais.

As divergências entre eles, de caráter teórico, começaram antes, quando Frazier publicou *The Negro Family in the United States*, em 1940, e um ano depois Herskovits publicou *The Myth of the Negro Past*. Ambos os cientistas sociais buscavam recursos financeiros para o desenvolvimento de um projeto internacional sobre “o negro no Novo Mundo”, uma perspectiva comparativa das relações raciais nos países americanos, com ênfase na situação do negro. Ambos vieram ao Brasil ao mesmo tempo, financiados por fundações norte-americanas diferentes, mas com itinerários idênticos: primeiro, colaborar com os projetos da ELSP; depois, seguir para a Bahia e realizar pesquisas de campo. As divergências entre eles recrudesceram, se tornando mesmo uma disputa, quando os resultados dos estudos de Frazier vieram à tona. A interpretação da diáspora africana mostrava-se cada vez mais efetiva, além daqueles dois livros, com o aparecimento de *The Negro Family in Bahia* na *American Sociological Review*.¹³⁰ A tese do artigo, resumidamente, era a de que a estrutura das famílias negras da Bahia tendia a se modernizar, afastando-se da herança cultural africana. Frazier fez pesquisas de campo, entrevistas, estatísticas e inferências para chegar a esta conclusão.

Esta tese foi rapidamente rejeitada por Herskovits. Seu artigo de antítese na *American Sociological Review*¹³¹, lançado um ano depois, reeditou a polêmica entre eles em torno do conceito de africanismo, das sobrevivências africanas nas Américas através da cultura negra contemporânea. Distante da abordagem funcionalista, Herskovits criou outra interpretação da história afro-brasileira, valorizando a capacidade de resistência dos negros para preservar sua cultura ancestral contra as tentativas de assimilação dos brancos. Aqui, as sobrevivências dos ancestrais eram destacadas em detrimento da assimilação da família negra pela civilização ocidental, moderna e burguesa.¹³²

¹³⁰ FRAZIER, Franklin. *The Negro Family in Bahia, Brazil*. *American Sociological Review*, Chicago: Vol. 7, No. 4, pp. 465-478, 1942.

¹³¹ HERSKOVITS, Melville. *The Negro in Bahia, Brazil: A Problem in Method*. *American Sociological Review*, Chicago: Vol. 8, No. 4, pp. 394-404, 1943.

¹³² Para uma biografia intelectual de Herskovits, cf. YELVINGTON, Kevin A. Melville J. Herskovits and the Institutionalization of Afro-American Studies. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: O PROJETO UNESCO NO BRASIL. *Anais...* Salvador: Ed. UFBA, 2004.

No debate sobre o negro nas Américas, ficou nítida a equidistância entre o funcionalismo de Frazier e o culturalismo de Herskovits. Oriunda das divergências entre os livros de cada um, previamente publicados nos Estados Unidos, a polêmica quanto ao negro na Bahia só reforçou a disputa entre eles. A polêmica seguiu adiante já que Frazier publicou uma réplica a seu adversário, dizendo que as sobrevivências africanas observadas por Herskovits na vida familiar da Bahia resultavam não da análise científica, mas de especulações sem fundamento nos dados empíricos. Quanto à família negra no século XX, Frazier acrescentou:

No que diz respeito ao padrão de família, ainda estou convencido de que, no geral, as influências africanas desapareceram e que o tipo de organização familiar que encontramos entre os negros estudados se desenvolveu em resposta às condições econômicas e sociais no Brasil.¹³³

Frazier já havia discutido os efeitos das condições econômicas e sociais industrializantes nas relações raciais no Brasil num texto anterior, embasado nas categorias de Pierson em *Negroes in Brazil*. A interpretação prevalente quanto à formação nacional de Freyre, da ausência de racismo, ascensão social do mulato e mestiçagem, foi decisiva para a tese de Pierson de que o Brasil seria uma sociedade multirracial de classes, infensa ao tipo de preconceito racial que justificaria até mesmo a segregação. Entre nós, segundo Pierson e Frazier, a história teria mostrado que a ideia de cor era nativa e genuína. A cor não seria a mesma coisa que raça e as atitudes preconceituosas que estas categorias engendravam também seriam bastante diferentes. Se o preconceito racial era fundado na ideia da inferioridade biológica do negro, característica dos Estados Unidos, o preconceito de cor, mais específico e menos danoso, estaria associado só a certas características africanas do “negro puro”, e não do mulato, caboclo, branco e todos os outros grupos de cor mais ou menos branca. As relações de raça nos Estados Unidos seriam diferentes das do Brasil, onde a cor do negro teria mais importância em sua situação na estrutura social. Logo, “quando a situação é estudada de

¹³³ “So far as the pattern of family is concerned, I am still convinced that African influences have on the whole disappeared and that the type of family organization which we find among the Negroes whom I studied has grown up in response to economic and social conditions in Brazil”. FRAZIER, Franklin. Rejoinder. *American Sociological Review*. Vol. 8, No. 4, 1943, p. 404.

perto”, afirmava Frazier, “vemos que há distinções baseadas na cor e que certas distâncias sociais são mantidas por um sutil sistema de etiqueta”.¹³⁴

A perspectiva estrutural-funcional de Frazier e outros sociólogos de Chicago que fizeram pesquisas no Brasil detectou apenas preconceito de cor contra o negro, sem, no entanto, haver linha de cor ou outras barreiras rígidas para sua ascensão. Mas o debate racial dos anos 40 se mostrou mais amplo. Dele participavam intelectuais de outras escolas. Muitas interpretações surgiram, mais ou menos interessadas em desvendar a situação do negro na sociedade capitalista em desenvolvimento. O curioso é que em sua maioria prevaleceu a tese segundo a qual as relações raciais brasileiras eram diferentes das norte-americanas. Mesmo Bastide, outro alheio ao funcionalismo, afirmou em 1944 que o Brasil lhe parecia uma democracia racial.¹³⁵ Ora, se os cientistas sociais da época afirmavam que não havia problema negro no Brasil, então por que o medo de Paulo Duarte?

Minha sugestão é que ele, assim como outros integrantes da elite racista de São Paulo, criticava não a mestiçagem ou a democracia racial, mas os direitos humanos emergentes a favor dos afro-brasileiros e da história e cultura africana. Duarte tinha medo que depois da guerra surgisse no Brasil uma Ku Klux Klan ao avesso, ou seja, um movimento negro tão poderoso que ameaçaria os privilégios dos brancos. Era o medo da iminência de uma poderosa onda negra, segundo a feliz metáfora de Célia Maria de Azevedo.¹³⁶ O movimento internacional dos direitos humanos, apoiado, sobretudo, pelos Estados Unidos, avançava com muita força e cada vez mais era incorporado em diferentes países. Daí Duarte contestar os estudos desenvolvidos por norte-americanos, por dizerem que havia mesmo no Brasil distâncias sociais entre negros e brancos, passíveis de solução se, e somente se, os direitos humanos fossem adotados pelo Estado. Mais que isso, ele criticou toda a “americanização” da intelectualidade brasileira, cada vez mais estrutural-funcionalista, o que, para ele, representou uma ruptura com a tradição francesa, esta sim a legítima fonte inspiradora para nossa elite intelectual.

¹³⁴ “When the situation is studied closely, it is found that there are distinctions based upon color and certain social distances are maintained by a subtle system of etiquette”. FRAZIER, Franklin. *Some Aspects of Race Relations in Brazil*. Phylon, Atlanta: Vol. 3, No. 3, 1942, p. 292.

¹³⁵ A afirmação, depois de seu encontro com Freyre no Recife, foi feita em artigo no *Diário de S. Paulo*, intitulado *Itinerário da democracia III: em Recife, com Gilberto Freyre*. Uma breve discussão sobre o significado da democracia em Bastide foi realizada por GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: 34, 2002, pp. 143-144.

¹³⁶ AZEVEDO, Célia Maria de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

O caso de Florestan é exemplar deste processo. Cada vez mais próximo do estrutural-funcionalismo, o que significava, na prática, afastar-se das preocupações de Bastide, e aproximar-se da Escola de Chicago, ele se distanciava dos estudos etnológicos, fortemente arraigados na tradição francesa, e deslocava a maior parte de seus esforços para os estudos raciais sob abordagem sociológica funcionalista. Toda a digressão que fizemos, acerca do debate racial internacional durante e depois da II Guerra, serviu para entendermos melhor o período de formação e a produção estreante do jovem sociólogo. Seu deslocamento para a Sociologia acompanhou este debate desde 1945, quando, após entrar na ELSP, os primeiros textos sobre a situação do negro foram publicados no *Jornal de São Paulo*. Diferente da trilogia publicada n' *O Estado de S. Paulo* em 1943, os novos estudos não mais abordaram o folclore afro-brasileiro. Em decorrência da leitura de *An American Dilemma*, eles analisaram a situação do negro e apontaram um dilema racial no Brasil. Aqui, assim como nos Estados Unidos, haveria uma linha de cor que dividia a democracia, concentrando entre os brancos prestígio, cultura e poder, em detrimento da ascensão social do negro e mulato. O problema negro apontado por Florestan, carente de direitos humanos, era um acinte para Duarte.

Entre 1945 e 1950, seu deslocamento para a Sociologia acompanhou as discussões, estudos, pesquisas, enfim, o debate empreendido pelos agentes dos direitos humanos sobre as relações raciais. Ao longo desta passagem incorporou de modo crítico as teses norte-americanas, intrínsecas à agenda para os direitos humanos, desenvolvimento e democracia, acerca da integração do negro na sociedade de classes. Esta integração seria um problema característico da modernidade, de como as raças evoluem para as classes sociais. No chamado *modern world*, tanto para os sociólogos norte-americanos quanto para Florestan, não havia mais espaço para estratificação racial, apenas para classes abertas à mobilidade social segundo o processo de competição em condições iguais.

Em 1950, poucos meses depois de retornar para o Brasil, vindo da Suíça devido ao I Congresso Mundial de Sociologia, Florestan fez um discurso para os calouros da Faculdade de Filosofia. O discurso, depois publicado sob o título de *O significado das Ciências Sociais no mundo moderno*, foi uma atividade a mais que marcou sua passagem para a Sociologia. Comunicando para os jovens estudantes os caminhos pelos quais o pensamento sociológico se desenvolveu no

passado, bem como seu horizonte de expectativa no mundo moderno, ele reite-rou a função da Sociologia na formação do homem moderno, preparado, em sua visão, para a ação racional na sociedade plenamente desenvolvida. Para tal projeto a via socialista foi rechaçada, visto que, segundo ele, no século XIX teria se tornado mera doutrina política, e deixado de ser ciência. A via antiliberal também foi rechaçada, devido as catástrofes que sua pseudociência havia gerado. Uma terceira via ou terceira força, associada à democracia liberal, foi a aposta de Florestan para o êxito do papel da Sociologia na modernização e conquista da sociedade desenvolvida. No discurso ele defendeu a importância da ação racional, ou decisão racional dos indivíduos, para o bem de si mesmos e do bem comum.

O ensino de ciências sociais desempenharia um papel construtivo no estabelecimento do equilíbrio, rompido brutalmente, nas relações entre o indivíduo e o grupo, fornecendo assim novas bases para a decisão e a deliberação individuais. Quem é capaz de discernir os fins reais de um movimento social, também está moralmente capacitado para uma escolha consciente, em função dos próprios interesses e ideias. O busílis da coisa está, portanto, na preparação do homem para proceder a escolhas compatíveis com seus interesses reais e com os valores com os quais se identifique de fato.¹³⁷

Em seu diálogo com os intelectuais anticomunistas dos Estados Unidos, Florestan pensou a importância das Ciências Sociais no que aprendera a chamar de mundo moderno, cada vez mais real em decorrência do progresso da modernização sem fronteiras. No mundo moderno a ação dos indivíduos, para ser compatível com seus princípios democráticos, deveria ser orientada pela razão científica e produzir os melhores resultados entre aqueles possíveis no sistema político democrático. Num sistema desta natureza, que reconheceria os direitos e as liberdades civis dos indivíduos preparados para a ação racional, portanto democrática, não caberiam, para Florestan, os ideais dos regimes totalitários de direita

¹³⁷ FERNANDES, Florestan. O significado das ciências sociais no mundo moderno. In: *Sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1960, pp. 299-300.

ou esquerda. Assim, ele colaborava para o projeto norte-americano de modernização, centrado no desenvolvimento industrial e ampliação da democracia liberal nos países do Terceiro Mundo.

A terceira via seria o caminho para o fim da alienação, a favor do desenvolvimento e democracia no Brasil. Esta ideia havia sido recentemente formulada pelos intelectuais associados ao Congresso pela Liberdade da Cultura, e encampada pelo Departamento de Estado norte-americano, tornando-a um projeto político anticomunista.¹³⁸ O discurso de Florestan para os calouros da USP acenou de novo para seu diálogo com algumas das ideias que fundamentaram a agenda norte-americana na Guerra Fria, desenvolvida em conjunto com os países latino-americanos pelos governos de ambas as regiões através de sua política externa.

Entretanto, na trajetória das ideias de Florestan, ao longo de sua formação e atuação acadêmica nos anos 40, nem tudo foi incorporado em seu diálogo com as teses norte-americanas. Quanto mais o tempo passava, mais diferenças apareciam em suas obras sobre as relações raciais no Brasil. Não eram diferenças ideológicas, a respeito do desenvolvimentismo, as que mais se destacavam. A incorporação das ideias dos cientistas sociais de Chicago, Columbia e Harvard encontrou limites quando o dilema da democracia no Brasil passou a ser negado internacionalmente, a favor das então chamadas relações raciais harmoniosas e das vantagens que elas representariam para o modelo civilizatório luso-brasileiro em relação às outras nações ocidentais ou orientais. Esta interpretação, a rigor, fundamentaria um antirracismo diferente do que Florestan buscava para o Brasil. Mas ele encontrou outros caminhos possíveis de interpretação ao se inspirar em *An American Dilemma*. Quanto mais a década de 1950 avançava, maiores ficavam as divergências entre as teses da escola paulista e as da escola de Chicago no plano do racismo e antirracismo no Brasil, sem, no entanto, que a cooperação intelectual e outras conexões por meio da rede internacional fossem abaladas.

¹³⁸ CANCELLI, Elizabeth. A crise dos alienados. O revival da intolerância. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico (Org.) *Tempos de fascismos: ideologia, intolerância e imaginário*. São Paulo: Edusp, 2010.

ANEXO

Textos norte-americanos organizados, em português, por Donald Pierson na década de 1940. Tratam-se de compêndios, artigos, comunicações e verbetes enciclopédicos, então inéditos no Brasil. Os textos integraram a Biblioteca de Ciências Sociais, projeto financiado por instituições norte-americanas como incentivo à formação dos cientistas sociais brasileiros.

Leituras de Sociologia e Antropologia Social
Organizadas pelo Dr. Donald Pierson

1. Folkways e Mores - Sumner
2. Relatividade dos Costumes - Sumner
3. "Hollow Folk" - Sherman and Henry
4. A Moda - Sumner
5. Problemas Sociais - Richard C. Fuller
6. Configurações de Cultura - Ruth Benedict
7. Um Estudo de Ecologia Humana - Faris and Dunham
8. Isolamento e Retardação - Wissler
9. A Cultura - Malinowski
10. Complexos Culturais - Wissler
11. A Cultura Preletrada - Goldenweiser
12. Mentalidade Humana - Goldenweiser
13. A Ecologia Humana e as Ciências Sociais - Hollingshead
14. Determinação das Gradações no Crescimento da Cidade Industrial - Burgess
15. Metodo em Antropologia - Goldenweiser
16. A Hereditariedade e o Ambiente a Luz do Estudo de Gemeos - Freeman
17. Memorandum para o Estudo da Aculturação - Redfield, Linton, Herskovits
18. Um Estudo Antropológico duma Cidade Civilizada - Lynd and Lynd
19. Ecologia da Vida Familiar - Mowrer
20. Processos Fundamentais - Pierson
21. A Sociedade de "Folk" e a Cultura - Redfield
22. Area de Cultura - Kroeber
23. Traços Culturais - Wissler
24. Agregação -
25. A Pirâmide de População -
26. Introdução ao Estudo de Isolamento - Park and Burgess
27. Isolamento e Individualidade Pessoal - Park and Burgess
28. Isolamento e Retardação - Park and Burgess
29. Isolamento e Segregação - Park and Burgess
30. Isolamento e Individualidade Nacional - Shaler Park and Burgess
31. Isolamento: Investigações e Problemas para Pesquisa (e Bibliografia) -
32. A Pirâmide de População e a Analise da Distribuição por Sexo e Idade da População da Cidade - Charles Newcomb
33. Quadros de Referência - Park
34. Organização Ecológica - Hollingshead
35. O Desenvolvimento da Organização Ecológica - Hollingshead
36. Unidades Territoriais na Organização Metropolitana -
37. Metodo de Caracterisar as Areas Urbanas -
38. São os Instintos Dados ou Hipóteses? - Ellsworth Faris
39. O Significado do Ambiente na Vida Social - Wirth
40. Uma Pesquisa Importante sobre a Instituição da Família - Frazier
41. Um Estudo Ecológico sobre Desordens Mentais - Faris and Dunham
42. O Metodo de William Graham Sumner - Park
43. O Metodo de W. I. Thomas e Florian Znaniecki - Park
44. O Harlem dos Negros: Um Estudo Ecológico - Frazier
45. A Cidade: Sugestões para a Pesquisa do Comportamento Humano no Ambiente Urbano - Park
46. A História de Vida em Estudos de Comunidade - Cooley
47. Os Contatos de Raça e de Cultura - Reuter
48. A Expansão Industrial e as Inter-relações dos Povos - McKenzie
49. As Relações de Raça e Certas Fronteiras - Park
50. Introdução ao Estudo dos Contatos Sociais - Park and Burgess
51. Contatos de "Sympathy" versus Contatos Categóricos - Shaler
52. A Mobilidade e o Movimento dos Povos - Semple
53. Contatos Primarios e Contatos Secundarios - Park and Burgess
54. Das Atitudes Sentimentais 'as Atitudes Racionais - Sombart

55. A Significação Sociológica do "Estranho" - Simmel
56. Contatos Sociais: Investigações e Problemas para Pesquisa - Park & Burgess
57. Análise do Conduto Humano: Os "Quatro Tipos de Desejos" de W. I. Thomas -
58. A Instituição da Família - Linton
59. A Instituição do Casamento - Linton
60. Unidades Sociais Determinadas pelo Sangue - Linton
61. Status e Papel - Linton
62. Cultura, seu Carater e seus Problemas -
63. O Grupo Local - Linton
64. Tribu e Estado - Linton
65. Participação do Indivíduo na Cultura -
66. O Aspeto Subjectivo de Cultura - Ellsworth Faria
67. Povos "Pre-letrados": Proposta de um Novo Termo - E. Faris
68. A Sociedade e o Indivíduo - Cooley
69. Grupos Primários - Cooley
70. A Família e a Pessoa - Burgess
71. Forças Sociais - Park and Burgess
72. Os Quatros Desejos Fundamentais - Reuter and Hart
73. Tipos e Organização das Unidades Sociais - Park and Burgess
74. Genio, Fama, e Comparação das Raças - Cooley
75. Processos Sociais - Park and Burgess
76. Atitudes Sociais -
77. O Conceito de "Atitude Social" -
78. Natureza e Significado dos Mores -
79. Ecologia Humana - Park
80. O Escopo da Ecologia Humana - McKenzie
81. Sucessão: Um Conceito Ecológica - Park
82. Sucessão de População em Chicago -
83. A Comunidade Urbana como Configuração Espacial e Ordem Moral - Park
84. A Distancia Social na Cidade Grande -
85. Inquilino de Quartos Mobiliados: Um Tipo Urbano -
86. Alguns Tipos de Personalidade entre os Judeus - Wirth
87. O Papel Social do Cinema numa Area "Intersticial" - Zorbaugh
88. Medição em Sociologia - House
89. Um Meio de Medir o Tamanho das Famílias - Ogburn
90. Maneira de Determinar Experimentalmente os Efeitos das Pausas de
Descanso no Trabalho Monotono -
91. O Estudo de Thrasher sobre os "Gangs" - Kimball Young
92. Os Conceitos de "Areas de Cultura" e de "Area de Idade" de Clark Wissler -
93. Técnicas Usadas no Recenseamento Federal de População -
94. Sumner e Metodologia -
95. O Metodo da "Historia de Vida" Aplicada á Pesquisa Social Rural - Cooley
96. As Raizes do Conhecimento Social - Cooley
97. Inteligencia como Influencia Selectiva -
98. O Problema do "Homem Marginal" - Park
99. Migração e o Homem Marginal - Park
100. O Homem Marginal - Stonequist
101. O Híbrido Cultural - Stonequist
102. Personalidades Marginais entre os Europeus Desnacionalizados - Stonequist
103. O Problema da Marginalidade entre os Judeus - Stonequist
104. A Imigrante como Híbrido Cultural - Stonequist
105. O "Ciclo de Vida" do Homem Marginal - Stonequist
106. O Papel Nacionalistico do Homem Marginal - Stonequist
107. Introdução ao Estudo de Controle Social - Park and Burgess
108. Correlação entre a Coeficiente de Delinquencia Juvenil e Certos Indices
de Organização e Desorganização Sociais - Clifford Shaw
109. O Campo de Comportamento Colectivo - Blumer
110. Formas Elementares de Comportamento Colectivo - Blumer

111. Agrupamentos Elementares Colectivos - Blumer
112. Movimentos Sociais - Blumer
113. Generalizações e Bibliografia sobre Comportamento Colectivo - Blumer
114. Pesquisa Cooperativa a cerca da Realidade Social - Hutchins
115. Que é a Ciência? - Edwin B. Wilson
116. A Possibilidade das Disciplinas Sociais se Tornarem Ciências -
C. Judson Herrick
117. Cooperação Internacional na Ciência Social - William Beveridge
118. Os Percalços do Cientista Social - Raymond Fosdick
119. Modo de Fazer um "Outline" - Lincoln Sawyer
120. O Metodo da Ciência - Morris R. Cohen and Ernest Nagel
121. Desenvolvimento de Uma Atitude Cientifica - Pauline Young
122. Que é Metodo Cientifico? -
123. Desenvolvimento do "Survey Social" - Pauline Young
124. Fontes Cientificas de Informação - Pauline Young
125. Observação Cientifica - Pauline Young
126. "Schedule" e Questionnaire - Pauline Young
127. O Papel da Entrevista no "Survey Social" e na Pesquisa - Pauline Young
128. O Metodo do "Estudo de Caso" - Pauline Young
129. O Estudo da Cultura -
130. O Estudo duma Instituição Social -
131. O Estudo dos Problemas Sociais -
132. Significado de Raça - Klineberg
133. Teorias Raciais - Klineberg
134. O Problema Racial - Boas
135. Língua, Cultura e Raça - Sapir
136. Raça e Nacionalismo - Wirth
137. Caracteres Fisicos e Mentalidade - Klineberg
138. Raça e Diferenças de Desenvolvimento Fisico - Klineberg
139. Raça e Diferenças Fisiologicas - Klineberg
140. Raça e Inteligencia - Klineberg
141. Mistura de Raças - Klineberg
142. Raça e Crime - Klineberg
143. A Mentalidade dos Povos "Primitivos" - Klineberg
144. O Híbrido em Hawaii Como Homem Marginal - William Smith
145. Mentalidade dos Híbridos Raciais - Park
146. Personalidade e Conflito Cultural - Park
147. Tipos de Personalidade e a Divisão de Trabalho - Burgess
148. Algumas Observações sobre a Psicologia Social do Presente -
149. O "Survey" Social - Shelby Harrison
150. Hipoteses e Metodo Cientifico - Cohen
151. Simbiose e Socialização: "Quadro de Referência" para o Estudo das
Sociedades - Park
152. A Técnica de "Observador-Participante" Empregada em Pequenas
Comunidades - Florence R. Kluckhohn
153. Critérios para a "Historia de Vida" - Dollard
154. População do Mundo -
155. O Crescimento de População -
156. A Natureza da Natureza Humana -
157. O Valor dos Estudos Sociologicos de Comunidade para o Trabalho dos
Serviços Sociais -
158. Modelamento pelo Cinema do Comportamento em Massa - Blumer
159. A Cidade e a Civilização - Park
160. O Estudo Comparativo das Culturas - W. I. Thomas
161. Tipos de Nacionalismo - Louis Wirth

Fig. 1 – Donald Pierson

Fig. 2 – Emilio Willems

Fig. 3 – Herbert Baldus

Fig. 4 – Roger Bastide

Fig. 5 – Otto Klineberg

Fig. 6 – Paul Hugon

Fig. 7 – Kalervo Oberg

Fig. 8 – Prédio Caetano de Campos, Praça da República, onde funcionava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (década de 1940)

Fig. 9 – Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (década de 1950)

Fig. 10 – Florestan Fernandes, quando, em 1943, finalizou o bacharelado em Ciências Sociais pela FFCL/USP

* Fonte das figuras 1 a 10: Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda”, da Universidade de São Paulo (CAPH/USP)

Capítulo 2

Diálogos internacionais em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*

No capítulo anterior, argumentamos que a formação de Florestan se deu através dos diálogos intelectuais estabelecidos com autores e ideias menos nacionais que externos. Sua convivência intelectual com professores estrangeiros, no início mesmo de sua trajetória, o incentivou a valorizar em seus estudos acadêmicos correntes teóricas das Ciências Sociais produzidas nos Estados Unidos entre a década de 20 e 30, notadamente, a Escola de Chicago. Seu diálogo crítico sobretudo com Bastide, Willems, Baldus e Pierson, à luz da teoria funcionalista de Chicago, em predominância às outras correntes norte-americanas, inglesas e francesas, rapidamente o inseriu no projeto da escola paulista, por sua vez muito próximo do modelo acadêmico de Chicago. Em São Paulo, este projeto já tinha nos anos 40 uma agenda estabelecida em torno da mudança social (a transição da sociedade de castas para a sociedade de classes), bem como sua metodologia, a saber, os estudos de comunidade no Brasil meridional.

O jovem Florestan, um estudante em intensa e rápida formação, por isso mesmo escolhido assistente na USP e ELSP, foi ensinado a pensar as Ciências Sociais valorizando seu nexos com os problemas da mudança social. Se o mundo moderno caminhava, especialmente após a II Guerra, cada vez mais para o domínio da racionalidade técnica e científica, então o desenvolvimento da Antropologia e Sociologia deveria acompanhar este processo e contribuir para a solução de seus problemas sociais e culturais. Esta concepção teve implicações sobre o modelo científico seguido por Florestan que o acompanharam durante toda sua trajetória, do jovem bacharel ao experiente sociólogo e deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, na primeira metade dos anos 90.

As implicações do modelo seguido por ele para seu pensamento podem ser identificadas em seus traços básicos já nos textos dos anos 40, mas amplamente visíveis nas obras produzidas na década seguinte. Foi na década de 1950,

diz Simone Meucci¹³⁹, que as disputas pela definição das regras do campo científico da Sociologia atingiram seu ápice no Brasil. O que antes era só um afastamento teórico, relativo aos fundamentos científicos da Sociologia, entre a escola paulista e a obra de Freyre – principalmente sua linguagem, considerada demasiado estilística, e nada universal –, com o tempo tornara-se uma oposição muito mais ampla, ligada às divergências destes intelectuais quanto às formas de modernização do capitalismo no Brasil. As disputas em torno do que deveria ser, e como deveria ser praticada, a Sociologia eram um reflexo da divergência ideológica mais ampla entre projetos distintos. Enquanto em seus manuais metodológicos Freyre reafirmava a importância da linguagem ensaística para a apreensão dos fenômenos sociais e culturais em sua diversidade, Florestan, recém-doutor e professor na USP, mantinha-se fiel ao estrutural-funcionalismo e dizia que todas as Ciências Sociais deveriam alcançar uma linguagem universal, regida pelo controle sistemático dos métodos, técnicas e conceitos teóricos.

A incompatibilidade entre as propostas – ensaísmo *versus* universalismo – extrapolou, por assim dizer, o domínio puramente teórico e se refletiu nos compromissos dos autores com projetos políticos diferentes. Apesar de a maior parte do embate ter ocorrido em jornais e revistas brasileiros da época, e não em veículos estrangeiros, seus fundamentos não são nacionais, ou seja, remontam aos projetos criados para a América Latina pelo Departamento de Estado norte-americano, depois do crepúsculo da II Guerra e o amanhecer da Guerra Fria. O compromisso e as ideias de Florestan respondiam, tal qual as de Freyre, à crescente influência dos Estados Unidos sobre a modernização do capitalismo no Brasil.

Pelo estudo das ideias apresentadas por Florestan em seus textos desde 1948, com *A análise sociológica das classes sociais*, podemos observar o diálogo com intelectuais norte-americanos que afirmavam o caráter relativamente democrático do sistema de classes sociais, entendidas como grupos abertos à mobilidade, em contraste com o sistema de castas, entendidas como grupos fechados e resistentes à democracia moderna. Certamente, os diálogos internacionais de Florestan, expressos em seus textos dos anos 40 e 50, são uma evidência de seu compromisso com os ideais liberais norte-americanos daquele tempo, como

¹³⁹ MEUCCI, Simone. *Artesania da Sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*. Curitiba: Appris, 2015.

o anticomunismo e a democracia moderna, via modernização do sistema de classes em países subdesenvolvidos como o Brasil. Tiveram maior peso nestes diálogos as teses do grupo chamado de “esquerda não-comunista” (non-communist left), composto por Gunnar Myrdal, Raymond Aron, Arthur Schlesinger e Franklin Frazier, entre outros mais. As teses anticomunistas e desenvolvimentistas desta corrente aliada à terceira força foram usadas, logo após 1945, na concepção da política externa dos Estados Unidos para as regiões e países subdesenvolvidos.

De fato, este anticomunismo estava vinculado irremediavelmente à ideia de crise e de alienação (da esquerda, é claro), mas de uma crise que, ao contrário da própria etimologia da palavra, tinha sérios entraves à ação ou faculdade de discernir, escolher, julgar, decidir. Partia-se do ponto de vista de que vários países haviam encontrado o equilíbrio através de um modo de governar democrático, de uma economia mista e da renúncia à dominação colonial. Aliás, da crítica ao totalitarismo partia-se agora para a ideia de que este equilíbrio seria a forma de manutenção democrática. O problema acerca da falta de liberdade vinha acompanhado de um forte apelo ao desenvolvimentismo. Schlesinger argumentava que, ao contrário das previsões de Marx, seria nos países subdesenvolvidos que o comunismo exerceria atração mais pronunciada. Cabia à terceira força justamente realizar a modernização em termos internacionais.¹⁴⁰

O processo de modernização em curso não se limitava à economia e ao crescimento econômico. Ele incidia de forma interdependente sobre todas as dimensões da vida nacional dos países em que estava ativo, tanto psicológica, no sentido do comportamento individual ante as inovações modernas, quanto cultural, no sentido da maior comunicação dos valores e costumes nacionais com os ocidentais, especialmente os norte-americanos (música, cinema, artes visuais e plásticas etc.). É certo que os conflitos da Guerra Fria não ficaram restritos apenas à diplomacia dos países em atrito. Os conflitos giraram em torno também da guerra cultural e psicológica entre Estados Unidos e União Soviética, com sérias

¹⁴⁰ CANCELLI, Elizabeth. *Direitos humanos e políticas públicas*. 2012. Mimeo, pp. 7-8.

consequências para os países sob a influência de seus regimes políticos. Não é demais observar que o Departamento de Estado, através da Central Intelligence Agency (CIA), foi fundamental para as atividades públicas e secretas do governo norte-americano, visando a propagação do *American Way of Life* nos países sob sua zona de influência. A CIA foi responsável pelo financiamento secreto de fundações e intelectuais de todo o mundo, num acordo em comum que visava maior aproximação de seus países com os valores político-sociais da democracia americana, por meio de encontros acadêmicos, literários e políticos, pesquisas e publicações locais com subvenção completa do órgão governamental.¹⁴¹

A modernização também foi pensada para imprimir mudanças na estrutura social dos países aliados dos Estados Unidos. A ordem competitiva entre os indivíduos num mercado livre, elemento central da mudança social em curso, só funcionaria plenamente se a questão dos direitos civis fosse resolvida em primeiro lugar. No mundo moderno não mais caberiam discriminações de raça, origem ou sexo. A assimilação ou integração das minorias à sociedade civil, ao contrário, era o imperativo mais importante na agenda norte-americana para a Guerra Fria. Esta estratégia encontrou na interpretação de Gunnar Myrdal base de sustentação tal que as políticas da recém-criada ONU, bem como de sua agência para a ciência, cultura e educação, a UNESCO, rapidamente associaram os direitos humanos ao problema negro em âmbito mundial, e não só nos Estados Unidos.

A modernização veio acompanhada da questão dos direitos civis do negro nos países subdesenvolvidos também, como parte da política externa norte-americana. Uma agenda antirracista estava sendo expandida mundialmente nos anos finais da década de 40 e começo da seguinte, sob o controle da UNESCO. Uma sucessão de acontecimentos interligados à ciência e política, naquele curto período, resultará em iniciativas que mudarão o estado do conhecimento acerca das relações raciais em muitas nações, inclusive no Brasil. Ao mesmo tempo em que o President's Committee on Civil Rights (PCCR) foi criado nos Estados Unidos pelo presidente Truman, no ano de 1946, a Comissão dos Direitos Humanos também havia sido instituída no interior do Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC). Otto Klineberg, diretor interino do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO à época, observando a Constituição da organização – que dizia ser

¹⁴¹ SAUNDERS, Frances Stonor. *Who Paid the Piper? The CIA and the Cultural Cold War*. London: Granta Books, 1999.

a ideia equivocada de raça a causa da catástrofe humana do Holocausto, episódio que jamais poderia se repetir –, iniciou a montagem do projeto *Tensions Affecting International Understanding*. Este projeto foi concebido pela *intelligentsia* da UNESCO com o objetivo de compreender as causas principais da guerra que acabava de cessar. Como o funcionalismo era a vertente predominante na organização, os objetivos do projeto não se limitavam a entender o fenômeno bélico: buscava-se constituir uma agenda política para o crescente entendimento global. Além das rivalidades históricas entre as potências mundiais, o nacionalismo também foi identificado como grave problema, relacionado ao conflito, por sua intrínseca agressividade, xenofobia e racismo. O racismo, portanto, emergiu como um dos problemas mundiais já em 1947, e entrou para a agenda política contemporânea nos anos seguintes.¹⁴²

O projeto pioneiro da UNESCO fazia parte de iniciativas governamentais, pautadas pela agenda antirracista em formação desde o fim da II Guerra. É claro, havia neste momento diferentes grupos colaborando para a constituição de uma agenda de natureza supra-estatal, com princípios de ação universais, válidos em todos os Estados membros da ONU. A ideia de comunidade internacional, viável pela reunião de todos os povos num só mundo, era tão poderosa no pós-guerra que se refletiu na escolha definitiva da interdisciplinaridade como o caminho para constituição da estrutura organizacional das agências internacionais. Neste sentido, não só diplomatas e juristas, mas cientistas sociais, biólogos, médicos, filósofos, além de outras categorias, em maior ou menor escala, também compuseram os departamentos da ONU e suas agências. Havia, pois, um intenso diálogo interdisciplinar na comunidade científica presente na ONU e demais agências, a favor da proteção internacional dos direitos humanos. A proteção acontecia, efetivamente, através de uma difícil e complexa articulação entre ordenamentos jurídico-políticos oriundos de diferentes tradições nacionais.¹⁴³

Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos confirmou a factibilidade dos ideais universalistas de cidadania ostensivamente defendidos pela

¹⁴² MAIO, Marcos Chor. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciência sociais no Brasil*. Op. cit.

¹⁴³ MENGOLZI, Paolo. Proteção internacional dos direitos humanos. In: BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de política*. 13ª ed. Brasília: Ed. UnB, 2009. 2v.

ONU. A Declaração afirmou direitos fundamentais de cidadania de forma universal, válidos para toda a humanidade: liberdade, igualdade, pluralidade, segurança. Estes princípios políticos, assim como na história pregressa das Declarações liberais (*Bill of Rights* inglesa, de 1689, *Bill of Rights* americana, de 1776, e finalmente a francesa *Déclaration des droits de l'homme et du citoyen*, de 1789) continuaram a implicar direitos e deveres para os cidadãos e os Estados-nacionais que os ratificassem. A Declaração da ONU representa um marco na história contemporânea, pois contribuiu para que movimentos populares, governamentais e não-governamentais, a favor do alargamento da democracia, tomassem proporções inéditas em todo o mundo.¹⁴⁴

De todos os trinta artigos, em nome da dignidade e liberdade humana, o segundo chama atenção pelo fato de afastar qualquer forma de distinção ou discriminação contra indivíduos e grupos no exercício da cidadania. A universalização da cidadania, na visão dos que conceberam os direitos humanos, exigiria a eliminação de todas as formas de discriminação, individuais e coletivas, mais ou menos danosas – o ódio, o preconceito, a segregação –, contra raças, classes e nacionalidades; enfim, a eliminação de tudo aquilo remanescente da experiência catastrófica da II Guerra. Eis a primeira parte do artigo:

Todo ser humano pode usufruir de todos os direitos e liberdades apresentados nesta Declaração, sem distinção de qualquer tipo, seja raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra ordem, origem nacional ou social, bens, nascimento ou qualquer outro *status* [...].¹⁴⁵

Após 1948, ficou mais claro o entendimento de que a realização dos ideais universais da ONU passaria pelo enfrentamento de problemas mundiais, não só os ligados ao direito internacional, mas problemas puramente sociais dos Estados membros, como subdesenvolvimento, educação, saúde, pobreza, xenofobia, criminalidade e violência urbana. O racismo, é claro, também era um importante problema mundial sob a mira da organização. Foi assim que seu completo

¹⁴⁴ HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

¹⁴⁵ UNITED NATIONS. *The Universal Declaration of Human Rights*. In: <<http://www.ohchr.org>>. Acesso em 10 abr. 2016.

oposto, o antirracismo, estabelecido inicialmente por iniciativas anteriores – que remontam desde as obras da escola de Boas ao governo de Roosevelt –, ganhou mais força desde então, sendo transformado numa agenda política universalista, com a criação de projetos da organização para a eliminação do racismo nos países signatários dos direitos humanos.

Apesar do embate ideológico no interior do governo dos Estados Unidos, entre deputados e senadores adversários de agências globais como a UNESCO, por suporem que elas estariam infiltradas por agentes do comunismo a favor das ofensivas soviéticas contra a democracia americana, o investimento do país nos custeios das organizações internacionais continuou muito grande; na realidade, era o maior entre todas as potências mundiais. Ao investigar os efeitos das ações da UNESCO para a situação racial norte-americana, Anthony Hazard¹⁴⁶ mostrou que o investimento do governo teve o retorno esperado, na medida em que garantiu maior controle das ações e projetos organizacionais. Isto aconteceu, entre outras coisas, pela presença e atuação predominantes de cientistas, intelectuais e políticos norte-americanos nos círculos dirigentes das organizações. Não seria por acaso a famosa fotografia de Eleanor Roosevelt de 1949, quando expôs para a imprensa a recém-lançada Declaração, de cuja comissão ela própria foi presidente durante o processo de constituição dos direitos humanos.

Os futuros eventos que marcaram a história dos direitos humanos, entre fins dos anos 40 e começo dos anos 50, são os que mais nos interessam. Depois que a Declaração viera a público, os membros do Conselho Econômico e Social da ONU recomendaram ao Departamento de Ciências Sociais da UNESCO que estudos mais precisos acerca das questões de raça fossem empreendidos. Entre 1949 e 1955, a UNESCO deu início a três grandes atividades neste sentido: primeiro, convocou uma reunião oficial dos especialistas para a revisão do conceito de raça; ao mesmo tempo, financiou um amplo conjunto de estudos complementares sobre o mesmo tópico, cujos resultados foram publicados em 1953 em uma série chamada *The Race Question in Modern Science*; enquanto isso, a organização financiava a realização de pesquisas em diferentes regiões do Brasil, para uma investigação mais profunda do sentido da situação racial brasileira.

¹⁴⁶ HAZARD, Anthony Q. *Postwar Anti-Racism: The United States, UNESCO, and "Race", 1945-1968*. Op. cit.

Muitas mudanças se desdobraram das iniciativas da UNESCO. Tais mudanças não aconteceram apenas no campo epistemológico, relativo à noção de raça, mas também no campo acadêmico, no que diz respeito ao crescimento das universidades, em termos internacionais, e especialmente no Brasil, assim como no campo político, em decorrência do fortalecimento dos direitos civis das minorias e emergência de ações afirmativas em alguns países, ao longo das décadas de 1950 e 1960, com crescimento mundial nas décadas posteriores.

Todos estes eventos nos interessam devido ao impacto positivo exercido sobre a trajetória de Florestan, assim como sobre sua rede intelectual e a agenda antirracista que ela vinha desenvolvendo. Florestan dialogou com os norte-americanos desde seu bacharelado, incorporando o pensamento liberal. Ele participou de uma iniciativa internacional da UNESCO, pela primeira vez, em 1950, ao apresentar uma comunicação no I Congresso Mundial de Sociologia. Mas, desde o projeto UNESCO no Brasil, sua relação com a agenda antirracista dos Estados Unidos ganhou outra dimensão, muito mais explícita. Seu diálogo, cada vez mais denso teoricamente, do ponto de vista estrutural-funcional, incorporou definitivamente a tese central de *An American Dilemma*, relativa à assimilação dos negros no sistema de classes. O projeto UNESCO de relações raciais foi o momento em que a relação de Florestan com os Estados Unidos passou de diálogo intelectual para a constituição de um projeto político para o Brasil, cujo fundamento remetia à agenda antirracista norte-americana. O antirracismo era um elemento desde o início desta inflexão. Nos novos textos de Florestan o antirracismo veio acompanhado do desenvolvimentismo, através da ideia de modernização recentemente formulada pelo CCF para posicionar os Estados Unidos na Guerra Fria.

A ordem competitiva foi defendida por Florestan desde os artigos de jornal da década anterior, a exemplo dos dois estudos sobre a questão racial publicados em 1945 no *Jornal de São Paulo*, logo após ler *An American Dilemma*. No entanto, o valor atribuído a semelhante sistema de organização social tornou-se muito maior e explícito, teoricamente denso, no texto preparado para a UNESCO quando a pesquisa financiada pela organização chegara ao fim. Dialogando mais e mais com os teóricos norte-americanos da modernização, as ideias gerais dum projeto político foram formuladas em meio à interpretação da questão negra, logo na primeira edição de *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*.

Neste capítulo, procuraremos mostrar de que forma os diálogos internacionais de Florestan influenciaram-no ao pensar a questão negra no livro para a UNESCO, e como, a partir dos imperativos políticos constitutivos da agenda antirracista norte-americana, o sociólogo propôs um projeto que visava a modernização do sistema de classes no Brasil. Para tanto, utilizaremos documentos históricos produzidos pela UNESCO em momentos sucessivos de sua ação política, quando a organização pôs ênfase nos debates sobre a questão racial entre intelectuais de diferentes países, na forma de conferências, comissões e congressos internacionais. As fontes são variadas e não se resumem a Florestan como único produtor ou receptor dos documentos históricos. As fontes são, sim, variadas, na medida em que derivam das ações tomadas pelos intelectuais e dirigentes institucionais que compunham a rede intelectual do sociólogo brasileiro.

A visão metodológica de que as ações desenvolvidas pelos membros da rede intelectual influenciaram a construção do pensamento de Florestan sobre o negro no Brasil implica assumirmos a busca por documentos produzidos por toda a rede, e não apenas por Florestan. Neste sentido, os documentos internacionais contribuem para a análise histórica, na medida em que podem revelar conexões conjunturais e estruturais de Florestan com ideias e projetos políticos que, muito além do Brasil, foram pensados em rede, em discursos e ações em comum entre intelectuais de diferentes países.

Nos anos 50, a rede intelectual de Florestan estava reunida nos esforços do Departamento de Estado norte-americano, por meio de organizações como a UNESCO, visando a expansão da agenda antirracista além das fronteiras norte-americanas. Trata-se de uma política internacional que procurava combinar modernização capitalista com direitos humanos; ao mesmo tempo em que impulsionava o desenvolvimento da sociedade de classes, concedia direitos civis àqueles considerados pelos sociólogos como excluídos deste sistema de classes. Os membros da rede intelectual de Florestan, com quem aconteciam diálogos e parcerias em projetos, eram, portanto, os cientistas sociais desenvolvimentistas atuantes nos quadros das organizações financiadas pelos Estados Unidos.

Dentre os documentos mais importantes, aqueles capazes de revelar as conexões entre Florestan, os desenvolvimentistas e o Departamento de Estado, ao longo da década de 1950, estão as muitas cartas, relatórios, revistas e *papers* produzidos pelos cientistas sociais em nome da UNESCO, em diferentes etapas

do programa político da organização. As fontes, como dissemos, são variadas e advém de Alva Myrdal, Alfred Métraux, Franklin Frazier, Margaret Mead, Ashley Montagu, Charles Wagley e Marvin Harris, fundamentalmente. Há também a correspondência do quadro administrativo das organizações internacionais, que são fecundas no que diz respeito ao entendimento das negociações entre as organizações e os cientistas sociais que buscavam incorporar em seus projetos. Pistas interessantes também podem ser encontradas num raro relatório descritivo para o Departamento de Estado, intitulado *An Introduction to Latin American Culture*, escrito por Wagley em 1953. É interessante por trazer representações acerca da região que possivelmente interessavam ao governo norte-americano. Nos cabe, então, perguntar: em qual linhagem sua narrativa sobre o que é a América Latina estava ancorada? Wagley dialogou com as teses de *An American Dilemma*, tanto quanto Bastide e Florestan em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo?*

Outro documento de maior destaque, entre fontes tão variadas, é o relatório de Montagu sobre a *Primeira declaração sobre raça*. O antropólogo já havia sido o relator da comissão encarregada de debater o conceito de raça entre 1949 e 1950, tendo papel central na conciliação entre os olhares das diversas disciplinas sobre a questão. Daí a declaração da UNESCO ter recebido a crítica de que ela seria na verdade “Montagu’s Statement on Race”, visto que foi ele quem realmente a escreveu. A dedicatória do relatório, contudo, captou o espírito universalista e antirracista que movia o programa da UNESCO naquele momento:

Este livro é dedicado a todos aqueles que sofrem com a discriminação em bases raciais, isto é, para aqueles que impõem o sofrimento e, portanto, sofrem, e para aqueles que sofrem pelos sofrimentos de seus opressores. De modo geral, este livro é dedicado à humanidade.¹⁴⁷

Apostava-se na importância da educação e da ciência para o mundo moderno, visto como lugar da humanidade livre do racismo depois da II Guerra. No

¹⁴⁷ “This book is dedicated to all those who suffer from discrimination on racial grounds, that is to say, to those who inflict the suffering and therefore suffer, and to those who suffer for the sufferings of their oppressors. In short, this book is dedicated to mankind”. MONTAGU, Ashley. *Statement on Race*, p. 1, 1950, MMP/LC.

que diz respeito à ideologia fundadora do programa político da UNESCO, assentada na universalização da educação, ciência e cultura, usaremos também a documentação resultante da participação do grupo paulista no projeto da organização para as relações raciais brasileiras. Qual a relação possível entre o relatório de Montagu e as ideias-chave de *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*? Ora, precisamos ter em mente as diretrizes que a organização desenvolveu não de modo particular, aplicáveis só aos novos estudos em Ciências Sociais nos Estados Unidos, mas, sim, de modo universal, aplicáveis a todas as nações do mundo. Montagu atuava intensamente no corpo intelectual da organização. Era, por isso, um antropólogo que participava do desenvolvimento das diretrizes, para uso dos demais cientistas sociais apoiados pela organização.

Como abordar a questão racial, como definir os conceitos de raça e etnia e como pensar a convivência humana no mundo moderno, depois de todo o horror da II Guerra, basicamente, eram polêmicas para as quais diretrizes de ordem conceitual foram estabelecidas pela *Primeira declaração sobre raça*, em 1950, e logo complementadas pelos trabalhos de Montagu. No ano seguinte, a *Segunda declaração sobre raça*, também lançada por especialistas diversos, atualizou em pontos específicos, com ênfase no campo genético, as diretrizes universais para abordagem da questão racial. Houve ainda os trabalhos de vários intelectuais no que concerne as múltiplas dimensões imbricadas na ideia ocidental de raça, provocando releituras sobre a história desta ideia como um mito, que foram reunidas na série *The Race Question in Modern Science*. Diante o grande volume de formulações a respeito de um só problema, é importante analisarmos de que forma Florestan atendeu a tais diretrizes em sua interpretação em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. Ele selecionou algumas diretrizes presentes nos debates raciais da primeira metade dos anos 50? Ou manteve-se fiel às premissas teóricas que aprendeu ao longo de sua graduação e mestrado?

Questões assim dirigidas às fontes poderão nos auxiliar a revelar os significados que as relações raciais no Brasil assumiram logo que *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo* veio a público; auxílio prestado também a nossa indagação a respeito da genealogia da tese de Florestan quanto ao negro marginal, cujo comportamento seria um problema para o avanço da modernização do sistema de classes. Esta tese foi delineada já em 1951, na primeira etapa do projeto da UNESCO para S. Paulo, realizada no trabalho de desenvolvimento

de um projeto de pesquisa coletivo, que definitivamente inaugurou as pesquisas. Neste ano o sociólogo, logo que defendeu na USP sua tese de doutorado, sobre a função social da guerra na sociedade tupinambá, tratou de escrever um projeto de pesquisa preliminar, destinado à revisão de Bastide. Depois de feita a revisão, o projeto, agora oficial, foi encaminhado para a avaliação da UNESCO. Aprovado no mesmo ano por Alfred Métraux, as outras etapas científicas tiveram início.

2.1. As políticas da UNESCO para o Brasil

Alva Myrdal, diretora do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO em 1951, foi responsável por definir e organizar as linhas de atuação da organização depois da *Primeira declaração sobre raça*, lançada apenas um ano antes. Daí suas cartas para intelectuais que, em seu entendimento, dariam as melhores contribuições para o desenvolvimento do programa sob sua gestão, apoiado em sua visão do papel das chamadas ciências sociais internacionais para a paz entre as nações. Cientistas sociais de muitos países foram contatados pela diretora durante sua atuação, apesar de os norte-americanos terem recebido maior atenção. Dois cientistas sociais com quem Alva mais dialogou foram Alfred Métraux, então chefe da Divisão de Relações Raciais da organização, e Franklin Frazier, cuja contribuição para os trabalhos em torno da *Primeira declaração sobre raça* a inspirou a convidá-lo para colaborar mais intensamente, como líder de projetos.

Na comunicação com Frazier, Alva deixou bastante claro o programa da UNESCO para os anos de 1951 e 1952: estudos das tensões sociais em geral e estudos das tensões nos países em mudança social, respectivamente. Entre todos os onze pontos do programa bienal – que contemplavam desde investimento em ensino superior nos Estados membros, à criação de técnicas de redução das tensões sociais nos países em processo de industrialização –, um ponto chamou mais nossa atenção, pois apresentava um resumo esclarecedor da pesquisa recentemente iniciada pela organização no Brasil. A descrição de Alva, realmente, é esclarecedora dos objetivos estabelecidos pela organização para a pesquisa, mostrando que eles não consistiam em divulgar ao mundo só harmonia nas relações sociais entre brancos, negros e índios no Brasil, como veremos a seguir:

Organizar no Brasil uma investigação piloto sobre os contatos entre grupos raciais ou étnicos, com foco em determinar os fatores econômicos, políticos, culturais e psicológicos, se favoráveis ou desfavoráveis às relações harmônicas entre os grupos raciais ou étnicos.¹⁴⁸

O programa mostra que o equilíbrio de antagonismos era mesmo o ponto de referência para as pesquisas desenvolvidas no Brasil. O objetivo mais amplo, entretanto, não era a coleta de dados acerca dos costumes culturais e estilos de vida democráticos do “povo brasileiro”, os quais, segundo uma visão corrente na historiografia, seriam aproveitados pelas organizações internacionais como bom modelo de ajustamento inter-racial numa sociedade democrática. As relações de raça nas maiores cidades brasileiras não foram vistas apenas pela interpretação de Freyre e Pierson. A UNESCO a usou como referência para as próximas pesquisas, mais focadas em analisar a situação do negro no mundo moderno, desde o início do projeto. A interpretação freyriana não foi o único motivo para a escolha do Brasil como objeto do projeto: havia sugestões próprias de Arthur Ramos para a definição do problema, para o qual a organização mobilizou seus esforços.¹⁴⁹

O próprio Métraux, em artigo publicado na revista *The UNESCO Courier*, de 1951, levanta a questão de se o Brasil realmente é uma sociedade sem preconceitos baseados na cor das pessoas. Em seu *Brazil: Land of Harmony for All Races?*, as perguntas são mais presentes que as afirmações definitivas.¹⁵⁰ Suas perguntas, que giravam em torno da existência ou não de uma linha de cor definidora da estrutura ocupacional do mercado, refletiam, justamente, as sugestões de Arthur Ramos para escolha do Brasil pela UNESCO. Nossas relações raciais, para Métraux, seriam diferentes das dos Estados Unidos e África do Sul, países em que o negro seria definido pela regra da “gota de sangue”, sofrendo racismo por isto, ou seja, a regra estabelece que qualquer pessoa não-branca deverá ser tratada como inferior aos brancos, e marginalizada por causa de sua aparência.

¹⁴⁸ “To organize in Brazil a pilot investigation of contacts between races or ethnic groups, with the aim of determining the economic, political, cultural and psychological factors, whether favorable or unfavorable to harmonious relations between races or ethnic groups”. MYRDAL, Alva. August 28 1951, box 131, folder 19, MSRC/HU.

¹⁴⁹ MAIO, Marcos Chor. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciência sociais no Brasil*. Op. cit.

¹⁵⁰ MÉTRAUX, Alfred. Brazil: Land of Harmony for All Races? *The UNESCO Courier*. v. IV, n. 4, April, 1951.

“[No Brasil,] seria um exagero afirmar que o preconceito racial é desconhecido”: assim Métraux resume a questão para a qual a UNESCO buscava respostas.¹⁵¹ As sugestões de Arthur Ramos, feitas em 1949, se referiam à questão do preconceito racial em cidades brasileiras sob intensa industrialização no pós-guerra. O pós-guerra era, de fato, o corte temporal de maior interesse de Ramos para novas pesquisas. Não foi por acaso que cinco anos antes ele havia lançado em livro a conferência *As ciências sociais e os problemas do após-guerra*.¹⁵² As sugestões, de certa forma já presentes em seu livro, se concentravam nos efeitos detectáveis da mudança social sobre as relações raciais nos centros urbanos do Brasil. O problema, para ele, era investigar se o avanço da sociedade de classes estava aumentando as tensões e conflitos entre brancos e negros nas cidades.

Ramos faleceu antes de seu projeto começar. Apesar de sua morte, suas sugestões foram atendidas pela UNESCO, mas com ampliações no que diz respeito às regiões e aspectos do Brasil que seriam investigados. Não mais apenas a Bahia, mas outras regiões sob forte industrialização, como São Paulo e Rio de Janeiro, e não só as tensões raciais nas cidades, mas outros aspectos, como as religiões afro-brasileiras, tudo isto foi acrescentado ao projeto entre 1950 e 1951. As mudanças ocorreram em função das ações dos próprios intelectuais do Brasil no sentido de pressionarem a organização para a inclusão de mais aspectos no projeto, que seriam estudados, por conseguinte, por mais equipes de pesquisa.

As ações de Costa Pinto, neste particular, precisam ser levadas em consideração de forma especial. Marcos Chor Maio, em sua tese clássica¹⁵³, revelou que as relações entre Costa Pinto e Arthur Ramos foram essenciais, afinal, para a ampliação do escopo do projeto, pelo menos para a inclusão do Rio de Janeiro. Costa Pinto era muito próximo de Ramos desde os tempos em que foi seu aluno nos anos 40, na então Universidade do Brasil. Em 1949, foi o único do Brasil que

¹⁵¹ “It would be an exaggeration to claim that race prejudice is unknown”. *Idem*, p. 3.

¹⁵² RAMOS, Arthur. *As ciências sociais e os problemas de após-guerra*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. Florestan escreveu uma resenha sobre este livro ainda quando estava cursando mestrado. A resenha, publicada em *Sociologia*, foi negativa apenas no que se refere à narrativa de Ramos sobre o nascimento das Ciências Sociais. Ramos, segundo Florestan, estava equivocado ao dizer que a antiguidade greco-romana, a Idade Média, o Renascimento, e daí por diante, tinham sua própria concepção de Sociologia. Ao contrário, esta ciência teria emergido no século XIX, com o positivismo, já com sua dimensão positiva e normativa. Depois desta ressalva, Florestan corroborou com as previsões de Ramos para a agenda das Ciências Sociais após a II Guerra: seu papel de reconstrução do mundo, através da aplicação da ciência na modernização.

¹⁵³ MAIO, Marcos Chor. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciência sociais no Brasil*. Op. cit.

recebeu o convite para representar o país na comissão da UNESCO, reunida em Paris, encarregada de produzir a *Primeira declaração sobre raça*. Um convite tão especial assim o colocou lado a lado com os outros membros da comissão, chamados na época de especialistas (*experts*) em raça.¹⁵⁴ O convite para sua participação foi feito graças à influência de Ramos sobre o corpo intelectual da organização, dado tamanho prestígio que ele possuía. O fato é que a participação de estreia de Costa Pinto lhe dera experiência e contatos no interior da organização.

Ele, inspirando respeito, passou a ser tratado como substituto de Ramos nas futuras iniciativas da organização. Por isso, em diálogos constantes com os diretores depois de 1949, conseguiu convencer o Departamento de Ciências Sociais que ampliar o projeto para as áreas meridionais do Brasil, sob industrialização intensiva, seria vantajoso. A vantagem, segundo Costa Pinto, residia no fato de que tais áreas ofereceriam aspectos mais próximos não apenas dos objetivos do projeto, mas da agenda antirracista da UNESCO, de modo geral. Metrôpoles como Rio de Janeiro e São Paulo apresentariam problemas mais graves de tensão racial, tão graves que a organização não deveria ignorá-los. Costa Pinto deu ênfase aos problemas de mudança social pelos quais as duas metrôpoles estavam passando: a situação do negro e as hierarquias sociais. Investigar se o preconceito racial do branco estava aumentando, e com isto prejudicando a mobilidade social do negro, deveria ser o principal objetivo do projeto da UNESCO.

As ações de Costa Pinto tiveram resultado positivo, visto que mais cidades e equipes de pesquisa foram acrescentadas ao projeto inicial. Em Salvador, o médico e antropólogo Thales de Azevedo ficou responsável pelo tema da ascensão social do negro, e logo em 1953 entregou a primeira versão de seu texto: *Les élites de couleur*. No Recife, o antropólogo René Ribeiro, sob supervisão de Freyre, ficou responsável pelo estudo das religiões africanas da cidade, e no ano de 1956 entregou sua análise: *Religião e relações raciais*. A região norte do país ficou a cargo da equipe de Charles Wagley, brasileiro que já tinha experiência com pesquisa sobre sociedades indígenas. Em 1952, os resultados das análises desta equipe foram publicados numa obra coletiva, intitulada *Race and Class in Rural Brazil*. No Rio de Janeiro, como dissemos, Costa Pinto foi o pesquisador a

¹⁵⁴ Fizeram parte da primeira comissão: Franklin Frazier (Estados Unidos), Ashley Montagu (Estados Unidos), Morris Ginsberg (Inglaterra), Lévis-Strauss (França), Ernest Beaghole (Nova Zelândia), Juan Comas (México) e Costa Pinto (Brasil). Cf. *Idem*, p. 32.

serviço da UNESCO. Em 1955, seu estudo veio a público, como *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*.

É desnecessário narrarmos, outra vez, todo o percurso em torno do projeto desenvolvido no Brasil. Muitos pesquisadores já se debruçaram sobre a história e as consequências do projeto, incluindo aí a importância da fração paulista, à qual nos dedicaremos mais adiante. Análises sobre diferentes aspectos podem ser encontradas, além do livro organizado por Pereira & Sansone¹⁵⁵, em Maio & Ventura¹⁵⁶, em Antonio Guimarães¹⁵⁷, em Antônia Campos¹⁵⁸, em Fernanda Peixoto¹⁵⁹, em Anthony Hazard¹⁶⁰, entre outras fontes da literatura nacional e internacional especializada no assunto, mais ou menos recentes.

Guardadas suas diferenças internas, especialmente em relação aos objetivos individuais de cada pesquisa, estas fontes são suficientes para entendermos os acontecimentos marcantes no curso do projeto como um todo, bem como os das equipes regionais. Métraux, junto a seu assistente, o antropólogo formado na USP e com doutorado nos Estados Unidos, sob orientação de Herskovits, Rui Coelho, cuidaram dos aspectos intelectuais e administrativos em todas as etapas do projeto, relativas a todas as equipes regionais. Tudo começou de fato quando escreveram um texto-base para o projeto-piloto. No documento, eles ressaltaram a ausência em todo o Brasil de estudos mais completos sobre o padrão de relações raciais nacional, apesar das obras de Freyre, Pierson, Ramos, tanto quanto das pesquisas em desenvolvimento na USP e ELSP. Em seguida, lançaram diretrizes em comum para todas as equipes. Deveriam ser usados métodos e técnicas das Ciências Sociais e da Psicologia Social ainda inéditos no Brasil. Atenção especial deveria ser dada às formas sutis e não-exteriorizadas de manifestação do preconceito racial. Por fim, comparações seriam desejáveis entre o padrão de relações raciais dos Estados Unidos e os indícios que as pesquisas no Brasil gerariam.

¹⁵⁵ PEREIRA, Cláudio; SANSONE, Lívio (Org.) *O projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: Ed. UFBA, 2007.

¹⁵⁶ MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Op. cit.

¹⁵⁷ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. Op. cit.

¹⁵⁸ CAMPOS, Antônia Malta. *Interfaces entre Sociologia e processo social: A integração do negro na sociedade de classes e a pesquisa UNESCO em São Paulo*. 2014. 400 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

¹⁵⁹ PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. Op. cit.

¹⁶⁰ HAZARD, Anthony Q. *The United States, UNESCO, and "Race", 1945-1968*. Op. cit.

O maior problema com os textos que discutem o percurso dos grupos do projeto UNESCO reside, em nosso entendimento, em terem desconsiderado, em maior ou menor grau, a importância imensa de *An American Dilemma* para todos os grupos regionais. A agenda antirracista da UNESCO estava inspirada na tese central do livro norte-americano, de que o problema negro era um problema moral do branco. A solução do problema racial dependeria, segundo Myrdal, de um programa de assimilação dos negros na sociedade de classes, através de políticas governamentais de direitos civis. Ou seja, o ponto de referência dos diretores da organização para os Estados Unidos era *An American Dilemma*, assim como *Casa-grande & senzala* o era para o Brasil. O motivo fundamental para o projeto UNESCO, é bom lembrar, não tinha a ver com a história do negro e do índio nos tempos coloniais e imperiais brasileiros; ao contrário, procurava produzir um diagnóstico das tensões raciais no século XX, se aumentadas pelo crescimento da sociedade de classes. Os diretores da UNESCO estavam preocupados com possíveis efeitos da industrialização sobre uma democracia favorável à assimilação do negro. Estava esta preocupação inspirada na visão do problema negro de *An American Dilemma*?

2.2. O antirracismo norte-americano e a pesquisa da UNESCO em S. Paulo

An American Dilemma teve impacto também na *Primeira declaração sobre raça*. Dois dos cientistas sociais que colaboraram intensamente para as pesquisas coordenadas por Myrdal, Frazier e Montagu, também participaram da produção do documento. Por sua vez, a *Primeira declaração sobre raça* norteou os conceitos usados por Florestan, Bastide e sua equipe na pesquisa relativa a São Paulo, resultando em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*, de 1955. Para entendermos melhor a relação entre estes textos, precisamos recuar um pouco no tempo histórico e discutir o que havia nos Estados Unidos em termos de antirracismo nos anos 40, assim como o que o país formulava em termos de política externa para a questão racial nos primórdios da Guerra Fria.

Quando Métraux e outros intelectuais escreviam acerca dos avanços do projeto, em sucessivas edições de *The UNESCO Courier*¹⁶¹, e faziam comparações entre as relações raciais nos Estados Unidos, África do Sul e o Brasil, eram ressaltados, no discurso de justificação do projeto, elementos positivos da história do Brasil que teriam formado nossa democracia racial. O fato de nossa legislação social nunca ter imposto barreiras entre negros e brancos, nunca ter estabelecido uma linha de cor, por exemplo, seria um elemento que nos diferenciaria dos países verdadeiramente racistas na atualidade. No texto de abertura de mais um dossiê sobre o Brasil, Métraux reconheceu que havia, mesmo, um interesse político inerente ao projeto da UNESCO:

Foi para tirar uma lição do caso do Brasil que a UNESCO confiou a diferentes equipes de sociólogos, antropólogos e psicólogos a tarefa de completar o conhecimento existente, pelo empreendimento de estudos de outras áreas e grupos sociais diferentes.¹⁶²

O caso do Brasil se referia à famigerada harmonia entre as raças, forma pela qual o país seria reconhecido em todo o mundo. O equilíbrio de antagonismos seria o fundamento da modernidade brasileira, nossa contribuição para todo o mundo moderno, depois do Holocausto, e em relação aos sérios problemas de segregação racial na democracia dos Estados Unidos e África do Sul. Nenhuma ameaça contemporânea poderia colocar em risco o que representaria uma lição original para toda a humanidade. Em nome justamente disto, as Ciências Sociais teriam a função primordial de investigar as causas das ameaças atuais ao *status quo*, ou melhor, dos problemas raciais que a sociedade de classes havia criado. Os cientistas sociais recrutados para o projeto foram incumbidos por Métraux da missão de compreender os nexos entre a democracia racial, a industrialização e o sistema de classes. Esta missão foi apontada por Métraux:

¹⁶¹ Pelo menos três dossiês sobre o assunto foram publicados na revista entre 1950 e 1952. Em ordem cronológica: *Fallacies of Racism Exposed* (1950), *Brazil: Land of Harmony for All Races?* (1951), *A Report on Race Relations in Brazil* (1952).

¹⁶² "It was in order to draw a lesson from the case of Brazil that UNESCO entrusted to different teams of sociologists, anthropologists and psychologists the task of completing exiting knowledge by making studies of other areas and different social groups". MÉTRAUX, Alfred. An Inquiry into Race Relations in Brazil. *The UNESCO Courier*. vol. V, ns. 8-9, 1951, p. 6.

Mas a ciência exige mais que observações gerais. Ela quer saber se esta harmonia é real ou apenas aparente e se aparece da mesma forma em todos os níveis sociais e em todas as regiões do Brasil.¹⁶³

Métraux identificou um crescente problema negro no Brasil, problema a cada dia mais sério, posto que perturbador da democracia racial, da mestiçagem e da própria “cultura brasileira”. O crescente racismo nas grandes cidades era o principal motivo de sua preocupação. Se a sociedade patriarcal do passado fora capaz de equilibrar os antagonismos raciais, a sociedade de classes do presente enfrentava crescentemente problemas de natureza racial. Ora, estes problemas, para Métraux, seriam estranhos à realidade nacional. Eles seriam exógenos: foram criados pela constituição da ordem social competitiva, num pacto com o modelo norte-americano, depois da Abolição e implantação da República no Brasil.

Outra lição que pode ser tirada do exemplo do Brasil é o grande papel que desempenham os fatores econômicos na formação dos preconceitos de raça. A rápida urbanização no Brasil deturpou as relações entre brancos e negros em certos centros urbanos, assim como provocou conflitos que ameaçam se tornar sérios.¹⁶⁴

O aumento dos conflitos raciais numa sociedade tão miscigenada quanto a brasileira colocava um problema para a agenda antirracista da UNESCO. Esta sociedade havia sido alçada à imagem internacional de país mais bem-sucedido do mundo na criação de um modelo de ajustamento inter-racial. O Brasil, para a elite intelectual da UNESCO, era um país em que a própria ideia de raça nenhum sentido faria, dada a nossa intensa mestiçagem, uma diferença fundamental em relação às sociedades racialmente cindidas dos Estados Unidos e África do Sul. Onde, no primeiro país, o negro e o mulato seriam minorias da população, porém

¹⁶³ “But science demands more than general observations. It wants to know if this harmony is real or only apparent and if it appears in the same form on all social levels and in every part of Brazil”. *Idem*, p. 6.

¹⁶⁴ “Another lesson which can be drawn from Brazil’s example is the large part which economic factors play in the formation of racial prejudices. Rapid urbanization in Brazil has upset the relations between whites and Negroes in certain large towns, and has provoked conflicts which threaten to become serious”. *Ibidem*, p. 6.

com boas chances de ascensão social, nos dois últimos países, por comparação, eles seriam tão-somente minorias desclassificadas para o mercado competitivo, despossuídos do mesmo *status* que o negro e o mulato carregavam no Brasil.

Esta interpretação clássica era devedora dos livros de Freyre mais influentes nos Estados Unidos, sobretudo *The Masters and The Slaves*, *The Mansions and The Shanties* e *Brazil: An Interpretation*. Embora ainda prestigiadas, estas ideias começavam a ser enfraquecidas no meio intelectual no início dos anos 50, em decorrência das dúvidas que novos cientistas sociais, oriundos de diversos países, lançavam a respeito de seus fundamentos. Definitivamente, não era só Florestan Fernandes que estava questionando o *status* social do negro e mulato no Brasil contemporâneo, e nem Roger Bastide, que, na passagem dos anos 40 e para os anos 50, se afastou de sua tradicional filiação ao sociólogo francês Gaston Richard, começando a dialogar mais intensamente com as obras da Escola de Chicago e com *An American Dilemma*.¹⁶⁵ Métraux foi outro cientista social que aderiu a esta linhagem crítica da democracia racial, buscando conhecer seus limites na sociedade de classes em formação, assim como as situações em que o negro e o mulato sofriam discriminação racial mais explícita pelo branco.

Os usos de *An American Dilemma* por Florestan Fernandes foram feitos durante o desenvolvimento do projeto UNESCO. Para entendermos como se deram estes usos, é necessário nos aproximarmos do diálogo entre ambos os intelectuais.

2.3. Presença de Gunnar Myrdal nas Ciências Sociais de São Paulo

A UNESCO, através de sua agenda antirracista, acelerou o impacto das teses de *An American Dilemma* no Brasil. O *status* do negro nos Estados Unidos começou a ter analogia com o do negro no Brasil, mesmo que as relações raciais nos dois países tivessem diferenças. Nos Estados Unidos, a discriminação racial contra o negro era explícita e não conhecia, até os anos 1940, barreiras na forma da lei. No Brasil, começaram a dizer os cientistas sociais participantes do projeto

¹⁶⁵ As mudanças na trajetória intelectual de R. Bastide foram muito bem estudadas por PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. Op. cit. Discussão complementar sobre o mesmo assunto pode ser encontrada em CUCHE, Denys. Roger Bastide, el "fait individuel" et l'école de Chicago. *Cahier Internationaux de Sociologie*, Paris: vol. 1, n. 124, pp. 41-59, 2008.

UNESCO, o racismo apresentava-se de forma velada só nos estratos populares, mas de forma violenta e excludente na medida em que o negro buscava ascensão na escala social. Ambos os países estavam estruturados em um sistema de classes corrompido pelo problema negro. A democracia de ambos os países precisava, de forma mais ou menos parecida, ser modernizada, reformada, aperfeiçoada, para chegar a um modelo melhor de igualdade de oportunidades. Ambos os países, enfim, teriam desigualdade racial e necessitariam de uma agenda governamental de antirracismo, depois tomando a forma final de ações afirmativas.

Numa síntese feita por Florestan sobre o projeto UNESCO, numa entrevista para Mariza Peirano, ele narra seu percurso intelectual na década de 1950. O que chama mais a atenção em sua narrativa, e na entrevista como um todo, é a *ocultação* do uso que fez do livro de Myrdal para pensar as relações raciais no Brasil. Observemos isto:

Aí a pesquisa acabou sendo muito importante. Ela permitiu estudar muita coisa sobre a sociedade brasileira que é mistificada. Nós fizemos pesquisa sobre o passado. Pegue o trabalho *Negros e brancos em São Paulo* e você verá que no primeiro capítulo abordo toda a evolução da economia de São Paulo, do município e do estado. A reconstrução do escravo ao cidadão começa no século XVI e termina nos questionários que aplicamos. O segundo capítulo também é um capítulo sobre o passado e o presente: a estrutura em evolução, em transformação. Então, você vê que a pesquisa me permitiu questionar a sociedade brasileira escravista de uma maneira muito mais crítica do que eu fiz quando trabalhei com os índios, porque aí fui estudar o escravismo em termos do agente principal do trabalho escravo e sem as categorias de mascaramento que permeiam todo o nosso pensamento. Então, fomos ao questionamento da sociedade do passado e fizemos a crítica também da sociedade do presente. E eu fui obrigado a estudar tudo isso em termos das estruturas da sociedade brasileira do passado e do presente. Tento explicar a diferença do padrão de estrutura: o que é uma sociedade de castas e estamentos, o que é uma sociedade de classes e como se passa de uma para outra. Através do negro, então, eu

tive todo um ponto de referência para estudar a revolução burguesa, que começa aí.¹⁶⁶

Toda esta mudança na forma de pensar a questão racial nos dois países demorou certo tempo para ser concebida pelos intelectuais, e não ocorreu integralmente nos anos 50. Foi nesta década, entretanto, que se fez sentir pela primeira vez o impacto de *An American Dilemma* entre a intelectualidade brasileira. Não foram poucos os textos, escritos para o projeto da UNESCO, que trouxeram discussões sobre o livro. Um profundo, porém, nem sempre pronunciado, diálogo com seus métodos, técnicas e conceitos teóricos tomou grande parte do projeto ao longo de seu desenvolvimento.

As discussões em plenas pesquisas sobre a situação racial no Brasil foram feitas sob a sucessão de eventos históricos marcantes no mundo. O aparecimento de *An American Dilemma* seis anos antes foi só um deles. Os cientistas sociais participantes do projeto assistiam à crescente importância do movimento internacional pelos direitos humanos, após o fim da II Guerra. Também as ações na política doméstica do governo dos Estados Unidos, para acelerar a mudança social, com a criação do President's Committee on Civil Rights por Truman, entre outras ações domésticas de dessegregação racial, exerceram influência sobre a construção de uma atitude mais crítica pelos cientistas sociais brasileiros, sobretudo dos de São Paulo, diante do prestígio do equilíbrio de antagonismos.

Os acontecimentos nos Estados Unidos, envolvendo casos explícitos de racismo no espaço público, expunham, além da cotidiana segregação do negro, o choque interno no credo americano, entre a igualdade formal e a desigualdade real, ou entre a democracia e a segregação racial. Mas as ações dos intelectuais e do movimento negro, como a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), inspiradas nas teses de *An American Dilemma*, demonstravam resiliência e, ao invés de propagarem protestos violentos no país, exigiam que a agenda antirracista estatal levasse mais a sério os direitos civis do negro, com sua plena assimilação na sociedade de classes.¹⁶⁷

¹⁶⁶ FERNANDES, Florestan. *Entrevista a Mariza Peirano em 1978 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da FGV*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2012.

¹⁶⁷ HIGHAM, John (Ed.). *Civil Rights and Social Wrongs: Black-White Relations since World War II*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1997.

As tensões entre as costumeiras ações racistas e as novas reações antirracistas apareciam com cada vez mais frequência não só nos Estados Unidos, mas em outros países também, como no Brasil. As iniciativas da UNESCO contribuíram para este quadro de tensão social. Afinal, combater o racismo por meio da integração social do negro significava, naquele momento, desestabilizá-lo em qualquer sociedade democrática. Era dar um golpe fatal à falácia da inferioridade das “raças impuras” e vivificar os ideais do liberalismo igualitário.

Não era essa mesmo a missão da UNESCO? A *Primeira declaração sobre raça* é uma evidência disto, pois de seus dezesseis capítulos o primeiro já a abre desta forma: “Os cientistas chegaram a um consenso ao reconhecerem que a humanidade é uma só: todos os homens pertencem à mesma espécie, o *homo sapiens*”.¹⁶⁸ Adiante, quanto à diferença entre ciência e mito, diz: “Para todos os fins sociais práticos, raça não é um fenômeno biológico e sim um mito social”.¹⁶⁹

Negros, caboclos, mamelucos, índios, brancos, para os especialistas da UNESCO, todos fariam parte da mesma espécie, não importando a cor ou outros traços físicos dos indivíduos. Raça, portanto, seria mais um poderoso mito social que um fato biológico. Foi com este mesmo conceito que Myrdal pensou as relações raciais nos Estados Unidos, daí sua tese moral de que o branco era responsável pela convivência mais igualitária com o negro; responsável pela superação do problema causado pela crença no mito da raça.

A questão racial passou a ser ter outra interpretação no Brasil, bem mais próxima da dos Estados Unidos quando *Relações raciais entre negros e brancos* foi publicado. Historicamente, pouco a pouco a interpretação de *Casa-grande & senzala* perdera prestígio nos círculos intelectuais e dos ativistas ligados ao antirracismo, como nos movimentos negros. Será nestes círculos que as teses de *Relações raciais entre negros e brancos* farão mais sucesso.

¹⁶⁸ “Scientists have reached a general agreement in recognizing that mankind is one: that all men belong to the same species, *Homo sapiens*”. MONTAGU, Ashley. *Statement on Race*, Op. cit., p. 21.

¹⁶⁹ “For all practical social purposes race is not so much a biological phenomenon as a social myth”. *Idem*, p. 100.

ANEXO

Fonte: UNESCO Database (UNESDOC)

Dossiê “A Report on Race Relations in Brazil”, *The UNESCO Courier*, 1951. Esta foi a edição da revista que apresentou o projeto da UNESCO para o Brasil. Nela já havia textos que puseram em questão a tese de que não existiriam raças, nem, portanto, racismo, numa sociedade tão mestiça como a brasileira. O preconceito racial, especialmente nas cidades, começou a ser investigado a partir de então.

Capítulo 3

Os usos de *An American Dilemma* nos Estados Unidos e Brasil

Em 1958, Florestan escreveu na revista *Anhembi* um balanço dos estudos patrocinados nesta década pela UNESCO, sobre o progresso que a inserção do negro no mercado de trabalho apresentava naquele momento. Estes estudos estavam sendo realizados por cientistas sociais não só dos Estados Unidos, mas do Brasil e de outros países então chamados de subdesenvolvidos. Um periódico científico, mantido pela organização em âmbito internacional, foi o canal por onde os estudos recém-concluídos foram divulgados ao redor do mundo. Trata-se do *International Social Science Bulletin*. Este periódico era tão importante quanto a revista *The UNESCO Courier*, também comprometida com a questão racial, para a divulgação das políticas que a organização desenvolvia em busca do entendimento global e da eliminação do racismo nas democracias ocidentais.

Ambas as revistas estavam comprometidas com a formação de uma interpretação do racismo que mostrasse soluções para os problemas criados pelo fenômeno, em detrimento da modernização em diferentes países. Em outras palavras, o objetivo principal era uma interpretação do problema negro para a democracia moderna, pensada de modo abrangente, visto que pertinente aos países em que as relações raciais representassem um complexo entrave ao desenvolvimento da sociedade de classes. Os textos publicados pelas revistas da organização complementavam e divulgavam as análises iniciadas com o programa de pesquisa racial da UNESCO em diferentes países, inclusive no Brasil.

Florestan apresentou aos leitores de *Anhembi* a contribuição de alguns cientistas sociais para a edição do *International Social Science Bulletin* dedicada à situação do negro nos Estados Unidos. Os artigos de Charles Wagley, Herbert Blumer, Franklin Frazier, B. St. Clair Drake e H. J. Walker foram mencionados e discutidos, mas o interessante aqui é notarmos a ênfase dada pelo sociólogo ao artigo de Bastide, publicado no mesmo número da revista internacional. Bastide participou do número com a introdução ao dossiê a respeito dos Estados Unidos e um artigo especialmente preparado para esta edição. Este artigo, contudo, não mais se referia aos Estados Unidos. Era, pois, uma comparação entre o Brasil e

o país norte-americano, sobre o *status* ou lugar do negro em ambas as sociedades, inclusive as transformações deste *status* historicamente e os caminhos possíveis para a agenda antirracista no presente.

Florestan realçou a contribuição de Bastide, como seu próprio texto diz, porque o entendimento do problema negro norte-americano foi incorporado nas reflexões do sociólogo francês. Este entendimento seria, segundo Bastide e Florestan, crucial para o entendimento do próprio problema negro brasileiro. O nexo entre Brasil e Estados Unidos, em suas múltiplas dimensões, começaria logo no tratamento adequado do conceito de raça. Notemos o que Bastide escreveu sobre isto: “A característica do presente [em relação à raça] é a progressiva transição da dinâmica das relações raciais para a das relações humanas; cor agora é vista apenas como variável numa situação geral, afetada por muitos outros fatores”.¹⁷⁰ A cor, este conceito de raça formulado na década anterior, nos anos 1950 veio acompanhada de seu par, a saber, a ascensão social. Cor e ascensão social formaram um par conceitual, uma diretriz endossada pela UNESCO para as pesquisas internacionais sobre as relações raciais.

A cor no Brasil, sobretudo a negra e a parda, passou a ser um fator entre outros, porém o mais importante, constitutivo da análise histórico-sociológica do processo de construção das relações raciais, ao longo da formação nacional. Era o conceito de raça com o qual Bastide e Florestan operaram suas pesquisas sob a subvenção da UNESCO. No artigo em *Anhembi*, três anos depois de publicado o livro *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*, Florestan fez considerações conceituais sobre a cor que combinam com as de Bastide, tecidas no *International Social Science Bulletin*. Disse, expondo seu pensamento funcionalista das relações raciais, que a importância da cor, ou seja, do negro, reside em seu grande peso na compreensão de uma situação social mais ampla. Este conceito de raça comporia a metodologia de pesquisa da maioria dos cientistas sociais, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. Vejamos seu argumento:

¹⁷⁰ “The characteristic feature of the present situation is the progressive transition from the dynamics of race relations to the dynamics of human relations; color is now seen as only one variable in a general situation affected by many other factors”. BASTIDE, Roger. Foreword. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, n. 4, 1957, p. 423 (The Negro in the United States).

A maioria dos especialistas tende a interessar-se pelo negro na medida em que ele pode ser encarado como um dos fatores operativos em uma situação social mais ampla e complexa. Só alguns cientistas negros se especializaram no estudo do negro propriamente dito.¹⁷¹

Bastide, em 1957, e Florestan, em 1958, mostraram pensamentos parecidos sobre as relações raciais, e disseram que a cor do negro influía numa certa situação. De qual situação, afinal, eles estão falando? O nexa, a imbricação entre os Estados Unidos e o Brasil, em termos da interpretação da questão racial, tornava-se cada vez mais importante para estes sociólogos. Tão importante que as discussões publicadas por *Anhembi* estavam afinadas com as ideias presentes em ambas as revistas da UNESCO. *Anhembi* realmente foi um veículo da organização no Brasil, em certo sentido, posto que representou suas ideias entre nós. E não só as ideias formuladas por seu time norte-americano: outros avanços em termos científicos, de como abordar e solucionar a questão racial em países diferentes, logrados por cientistas sociais franceses, ingleses, mexicanos etc., estes trabalhos foram discutidos entre o público brasileiro por meio de *Anhembi*.¹⁷²

A parceria entre as revistas nos ajuda a entender de qual situação Bastide e Florestan falavam. No balanço feito pelo paulista sobre os Estados Unidos, o sistema social igualitário (forma de organizar a sociedade em condições iguais de oportunidades sociais e econômicas, sob uma democracia que garantisse direitos iguais às classes) ocupou a discussão das teses escolhidas por ele, ao pôr em questão a situação em que a cor do negro era um problema. O problema não seria causado apenas pela segregação imposta pelo branco, mas pelo comportamento desajustado do negro ao sistema social igualitário. Embora o desajuste estivesse diminuindo, em decorrência das políticas governamentais de integração e maior participação do negro nas oportunidades de trabalho, ainda acometeria a situação das relações de classe, atrasando a plena assimilação do negro pelo branco e a evolução das raças em classes, tão-somente classes sociais.

¹⁷¹ FERNANDES, Florestan. O negro nos Estados Unidos. *Anhembi*: Vol. 23, ano 8, n. 94, 1958, p. 105.

¹⁷² Basta vermos o debate feito em “O racismo e a ciência”, com a presença das ideias de Arnold M. Rose, em *L’origine des préjugés*, e Michel Leiris, em *Race et civilisation*. Eles foram cientistas sociais participantes do The Race Question in Modern Science, um programa da UNESCO. Ver *Anhembi*: Vol. 6, ano 4, n. 16, 1954, pp. 303-306.

A um sistema social igualitário – visto por Florestan, em termos utópicos, como perfeito, uma vez que aberto a uma forma de mobilidade social que caminharía no futuro para a igualdade entre as classes – as discriminações baseadas na cor ou raça seriam disfuncionais. O comportamento do negro, atrasado, irracional diante da competição social, desajustado do ponto de vista da democracia moderna, também seria disfuncional. Dupla disfunção, a do branco e a do negro, que atrasaria a modernização do sistema social. Dupla disfunção, caso equacionadas, não mais dariam sentido à situação mais ampla e complexa do problema negro. Este dilema desapareceria do sistema social se as relações entre brancos e negros, com responsabilidade de ambas as partes, deixassem para trás a ideia de cor ou raça. Assim, o dilema da situação de desigualdade na sociedade norte-americana cessaria, ao passo que o Estado nacional desenvolveria, em seu entendimento, melhores “mecanismos de desintegração social do regime de castas e processos alternativos de constituição de uma sociedade de classes, sem barreiras raciais e étnicas”.¹⁷³

A modernização, para Florestan, era necessária nos Estados Unidos da mesma forma que o era no Brasil. Bastide também afirmou que a sociedade norte-americana era composta por castas, em evolução para classes sem distinções raciais no futuro. O dilema da democracia americana, devido ao problema negro, teria solução graças ao acúmulo de prescrições dos cientistas sociais colaboradores da UNESCO. Da situação mais complexa em que o negro era o fator preponderante passava-se, agora, para as técnicas de aprimoramento da democracia, com a eliminação do racismo e a ascensão social do negro, em regime igualitário com o branco.

Estas técnicas emergiram nos anos 1950, como dissemos, com a tradição de estudos raciais existente graças à agenda antirracista norte-americana, desenvolvida em centros como Columbia, Chicago e Harvard. Por meio da rede intelectual de Bastide e Florestan – através de instrumentos como o *International Social Science Bulletin*, *The UNESCO Courier*, *Anhembi* e *O Estado de S. Paulo* –, as técnicas de aprimoramento democrático, com a solução do problema negro pela integração das minorias sociais na sociedade de classes, chegaram ao Brasil na mesma forma com a qual elas ganharam, em 1944, nos Estados Unidos,

¹⁷³ FERNANDES, Florestan. *O negro nos Estados Unidos*. Op. cit., pp. 105-106.

uma síntese, vale dizer, um ambicioso e robusto programa de antirracismo. 1944 foi o ano em que *An American Dilemma* fora lançado, e no ano seguinte se iniciou sua leitura no Brasil.

3.1. A pesquisa nos Estados Unidos: o negro e a democracia

A pesquisa que originou *An American Dilemma* não teve uma história tão diferente da dos outros estudos raciais patrocinados por fundações norte-americanas na primeira metade do século XX, exceto o acaso algo particular no caminho seguido por Frederick Keppel, presidente da Carnegie Corporation em 1937, para atender aos anseios de sua fundação. Nos Estados Unidos, até a II Guerra, era comum as grandes empresas privadas exercerem filantropia aos negros por meio de suas fundações. Estas fundações, seja do Norte ou do Sul, miravam nas políticas para a melhoria da educação da população negra. Mesmo realizada em escolas e faculdades próprias para negros, separadas dos brancos, a educação era o foco da ação das fundações, em acordo com algumas associações negras, como a National Association for the Advancement of Colored People (NAAPC).

A educação dos negros camponeses, visando a formação de uma nova classe trabalhadora, mais urbana que rural, plena de operários e outros tipos de trabalhadores, inclusive de melhores trabalhadores rurais, constituía os esforços das fundações em resposta ao movimento migratório dos negros, das fazendas do Sul para as cidades do Norte. A migração começou ainda no século XIX, após a Abolição, mas aumentou consideravelmente no século XX, devido às transformações urbanas e tecnológicas decorrentes da I Guerra. No ardor conflituoso da II Guerra, além da migração em massa para as grandes cidades, onde a maioria dos negros se aglomerava em guetos ou outros bairros negros, até as tropas do Exército norte-americano, que combatiam os inimigos de guerra nas regiões europeias sob domínio nazista, foram divididas por critério de raça: negros para um lado, brancos para outro. A honra nacional por terem sido os vitoriosos na guerra, em 1945, ficou restrita aos soldados brancos; aos negros, restou só a dádiva por terem sido convocados para lutarem em nome de seu país.¹⁷⁴

¹⁷⁴ HIGHAM, John (Ed.). *Civil Rights and Social Wrongs: Black-White Relations Since World War II*. Op. cit.

Keppel, notando a insuficiência da filantropia feita há décadas pelas fundações norte-americanas, diante do agravamento dos conflitos raciais, especialmente no Sul, onde a segregação era mantida de forma violenta pelo Jim Crow, pensou que mudar as estratégias filantrópicas da Carnegie era algo necessário. Convocou uma seleção de intelectuais que pudessem orientar a mudança. Numa lista fechada com vinte e dois nomes, escolhera Gunnar Myrdal para tal projeto.

Keppel sabia quão complexas estavam ficando as tensões raciais na década de 1930, mas não pretendia eliminar a segregação com a mudança na forma de apoio à população negra. Seu interesse era fazer com que um intelectual apontasse novas formas de filantropia, de modo que o racismo nos Estados Unidos diminuísse. Eis que o acaso surge, trazendo Myrdal e seu conhecimento em engenharia social, uma área ao mesmo tempo anticomunista e reformista, muito próxima dos ideais político-sociais dos pioneiros da terceira via.

Um avanço nas restrições que cercavam as discussões sobre a raça e a minoria negra nos Estados Unidos era esperado. Keppel dizia que tal discussão era tão carregada de emoção de ambos os lados, dos intelectuais negros e brancos, do Sul ou do Norte, que apenas um estrangeiro poderia chegar a uma interpretação suficientemente objetiva. Mas o acaso alterou seus planos:

Depois de muito procurar por um estrangeiro objetivo para fazer o trabalho, Keppel inadvertidamente escolheu um cientista social que não acreditava na objetividade da ciência social e que estava profundamente comprometido com a engenharia social. Myrdal, um forasteiro, não fazia parte do mundo das Ciências Sociais norte-americanas e seu compromisso com a ciência sem valores. Ele não precisava se submeter à revisão de seus pares. Foi a própria evasão de Myrdal da ortodoxia que tornou os cientistas sociais hesitantes a desenvolver recomendações de políticas para as relações raciais o que permitiria que o estudo tivesse impacto além do estrito mundo acadêmico.¹⁷⁵

¹⁷⁵ “After going to great lengths to find an “objective” foreigner to do the work, Keppel inadvertently chose a social scientist who did not believe in objective social science and who was deeply committed to social engineering. Myrdal, as an outsider, was not beholden to the American social science establishment with its commitment to value-free social science. He did not need to submit to peer review. And it was Myrdal’s very departure from an orthodoxy that made social scientists hesitant to develop policy recommendations about race relations that would allow the study to

Escolhido em 1937, Myrdal passou a ter muita liberdade e recursos para desenvolver o projeto da Carnegie. Não teve restrições ao estabelecer o escopo do projeto à sua maneira, nem ao selecionar um extenso grupo de colaboradores para auxiliá-lo na pesquisa. Começara a ampliar o projeto original e não recebera negativas de Keppel por causa disto. Numa tentativa de apaziguar as discórdias entre os cientistas sociais norte-americanos, porque não aceitavam a escolha de um estrangeiro para um projeto de tamanha envergadura, Myrdal selecionou um numeroso grupo de sociólogos e antropólogos para prestarem auxílio ao levantamento de fontes e dados importantes para a pesquisa. Negros e brancos foram selecionados. A maioria veio de Chicago, Columbia, Northwestern, Fisk, Howard etc., mas os assistentes mais importantes, que contribuíram de modo direto para o dinamismo da pesquisa, eram pessoas da confiança de Myrdal, suecos assim como ele. É o caso de Richard Sterner, que viajou para os Estados Unidos junto com Myrdal, a seu pedido, em prol da coordenação dos outros cientistas sociais participantes do projeto coletivo.¹⁷⁶

Arnold M. Rose, outro sociólogo, este norte-americano, formado em Chicago, ficou responsável pela coordenação da equipe junto com Sterner. Ambos os assistentes acompanharam de muito perto o desenrolar da pesquisa de campo feita por Myrdal em alguns estados sulistas, logo que chegara ao país. A inserção a campo foi considerada decisiva, tanto quanto humanamente dramática, posto que a aproximação dos estrangeiros com a realidade do racismo segregacionista do Sul os convenceram de que o problema para o qual a Carnegie buscava soluções não resultava apenas do comportamento do negro. Era mais que isto: era um dilema racial alimentado pelo branco. Seria, portanto, o racismo dos brancos, sua supremacia, o fator determinante na criação de um conflito, danoso e persistente, entre o credo americano e a democracia ‘dos’ e ‘para’ os brancos.

Os objetivos do projeto foram ampliados a partir desta constatação, sem empecilhos ou outras dificuldades impostas por Keppel. Ele estava mesmo interessado em conhecer o limite no qual Myrdal chegaria depois de tomar conhecimento da situação de mal-estar e violência que assolava o país, principalmente

have impact beyond narrow academic circles”. COHEN, Shari. *The Lasting Legacy of An American Dilemma*. (Carnegie Corporation of New York, 2014), pp. 11-12.

¹⁷⁶ SOUTHERN, David W. *Gunnar Myrdal and Black-White Relations*. Op. cit.

os estados sulistas. O dilema americano foi alçado à problema central das investigações em curso, para o qual Myrdal se valeu da perspectiva não-neutra, ou da ambivalência dos valores democráticos dos Estados Unidos, em sua interpretação sociológica. Assim veio à tona a tese do problema negro. A interpretação foi bastante suplementada pelas pesquisas dos assistentes, embasados, primeiramente, nas obras de John Dollard, outro sociólogo formado em Chicago, ao pensarem a ambivalência do credo americano, ou o atrito entre a ordenação do sistema democrático e as atitudes segregacionistas dos brancos contra os negros.

Enquanto Myrdal escrevia integralmente a versão final do livro, diversos cientistas sociais que participaram do projeto aproveitaram o momento favorável, inclusive os recursos financeiros disponíveis, para escreverem suas próprias monografias. Usaram os materiais produzidos durante a colaboração individual com o projeto e lançaram monografias complementares à grande “radiografia” acerca do negro e das relações raciais norte-americanas. Nesta safra nasceram muitos livros autorais, como *The Negro's Share*, de Sterner, e *The Negro in America*, de Arnold Rose. Estes trabalhos divulgavam as principais teses do livro de Myrdal.

Arnold Rose recebeu a incumbência de terminar a redação do livro assim que Myrdal, em 1943, teve que retornar à Suécia antes do fim do projeto. Assim, o projeto tomava a forma final de *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*, livro escrito quase por inteiro pelo próprio Myrdal, cuja visão moral do dilema americano era uma significativa diferença em relação ao que já havia sido escrito, em chave estrutural-funcional ou marxista, sobre o negro e as relações raciais norte-americanas. Isto ficou evidente em 1944, quando enfim *An American Dilemma* fora lançado em Nova York.

O livro trouxe em mais de mil páginas a discussão das teses de cientistas sociais como Park, Blumer, Frazier, Boas, Montagu, entre outros. Myrdal, ao rejeitar de novo o marxismo como modelo explicativo da desigualdade nos Estados Unidos – como fizera em trabalhos anteriores, sobre o desenvolvimento econômico internacional –, usou o princípio da ‘causação acumulativa’ para explicar o distúrbio nos padrões urbanos e rurais de vida dos negros. O ponto central disto, segundo seu biógrafo, William J. Barber¹⁷⁷, consiste na tese de que um distúrbio no estágio inicial do equilíbrio sistêmico não estimula reações compensatórias e

¹⁷⁷ BARBER, William J. *Gunnar Myrdal: An Intellectual Biography*. Op. cit.

não tenderá a restaurá-lo. Ao contrário, o distúrbio pode produzir mudanças que moverão o sistema para longe de sua posição inicial. O padrão de vida dos brancos, muito superior ao padrão de vida dos negros, é visto como um distúrbio para o sistema igualitário norte-americano. O tratamento desigual do grupo negro, na mesma sociedade do branco, é visto como o movimento que afastou o equilíbrio do sistema para muito longe da democracia, criando deste modo um dilema americano. Myrdal começou sua tese apontando a implicação do racismo do branco:

O problema negro é um problema no coração do americano... O dilema americano é o atroz conflito entre, de um lado, os valores preservados no plano geral, que chamamos de credo americano, com o qual o americano pensa, fala e age sob a influência de seus preceitos nacionais e cristãos, e, de outro lado, os valores em níveis específicos da vida individual e em grupo, na qual interesses pessoais e locais; ressentimentos econômicos, sociais e sexuais; considerações sobre comunidade de prestígio e conformidade; preconceito de grupos contra pessoas em particular ou tipos de pessoas; e formas variadas de desejos, impulsos e hábitos dominam sua perspectiva.¹⁷⁸

O conflito no credo americano, segundo Myrdal, corrompia a democracia a tal ponto que criava distúrbios atroz para o sistema. A situação paradoxal do negro após a Abolição era um reflexo da falta de equilíbrio na democracia. Myrdal argumentou ao longo do livro que o padrão de vida dos negros manteve-se muito mais baixo que o dos brancos: “De um lado, este padrão de vida é mantido baixo pela discriminação dos brancos, enquanto, de outro lado, a razão de os brancos discriminá-los é parcialmente dependente do padrão de vida dos negros”.¹⁷⁹

¹⁷⁸ “The American Negro problem is a problem in the heart of the American... The ‘American Dilemma’ is the ever-raging conflict between, on the one hand, the valuations preserved on the general plane which we shall call ‘the American Creed’, where the American thinks, talks, and acts under the influence of his national and Christian precepts, and, on the other hand, the valuations on specific planes of individual and group living, where personal and local interests; economic, social, and sexual jealousies; considerations of community prestige and conformity; group prejudice against particular persons and types of people; and all sort of miscellaneous wants, impulses, and habits dominate his outlook”. MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma*. Op. cit., p. xlvii.

¹⁷⁹ “On the one hand, the Negroes’ plane of living is kept down by discrimination from the side of the whites while, on the other hand, the whites’ reason for discrimination is partly dependent on the Negroes’ plane of living”. *Idem*, pp. 1066-67.

Problemas humanos, comportamentais ou estruturais, como pobreza, ignorância, superstição, favelas, deficiências de saúde, aparência de sujeira, conduta desordenada, mal cheiro e criminalidade, alimentavam a antipatia dos brancos em relação aos negros. O padrão de vida dos negros, ou sua situação social, foi a chave de Myrdal para a análise do dilema americano. Para estudá-lo, o time de cientistas sociais recrutados para a pesquisa entrou em ação, lhe fornecendo dados e perspectivas sobre diversas variáveis do padrão de vida dos negros. *An American Dilemma* analisou este padrão em comparação com o do branco, e em termos de emprego, salário, habitação, lazer, alimentação, saúde, educação, direitos civis, ação coletiva, e assim por diante. Era um estudo abrangente, menos histórico que sociológico, com elementos behavioristas e funcionalistas, em meio ao qual prevaleceu a tese moral de que o negro era um problema do branco. Ou seja, ao mesmo tempo em que transcorreria o desenvolvimento social do negro, ele deveria ser assimilado pelo branco, normalmente, em seu estilo de vida, cultura e sistema democrático. O negro, pois, seria funcional para a democracia se o branco o tornasse membro da cidadania americana, como os outros cidadãos.

Rapidamente, a tese de Myrdal encontrou boa acolhida entre os intelectuais dos Estados Unidos e de diversos outros países. O livro fez grande sucesso interna e externamente, a princípio entre intelectuais brancos e negros que apostavam na agenda antirracista como solução do problema negro e importante fator de mudança social, na direção da construção da democracia moderna. J. Barber mostrou a razão de o livro ter sido bem recebido entre os anos 40 e 50:

A chave foi o impacto sobre a consciência nacional baseado na convicção de Myrdal de que as ideias morais tinham força. Uma vez que uma mudança na direção positiva estivesse concluída, as causas acumulativas proveriam a dinâmica com mais aprimoramentos.¹⁸⁰

Ocorre que o impacto de *An American Dilemma* ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que suas teses eram debatidas pelos

¹⁸⁰ "The key was the impact on the nation's conscience based on Myrdal's conviction that moral ideas had force. Once a change in the positive direction had been accomplished, cumulative causation would provide the dynamic leading to further improvement". BARBER, William J. *Gunnar Myrdal: An Intellectual Biography*. Op. cit., p. 74.

intelectuais norte-americanos com muito interesse. Inicialmente, durante os anos 40 e 50, a recepção do livro aconteceu, sobretudo, no mundo acadêmico. Cientistas sociais, economistas e historiadores norte-americanos, ligados mais à esquerda não-comunista, foram favoráveis às suas teses. Os comentários positivos de Schlesinger, Frazier e W. E. B. Du Bois na imprensa, enfatizando a necessidade moral da dessegregação racial nos Estados Unidos, são um indício da influência de *An American Dilemma*. A importância do livro foi igualada à de obras influentes, penetrantes na vida norte-americana, fundamentalmente *Democracy in America*, de Alexis de Tocqueville, e *The General Theory of Employment, Interest and Money*, de John Maynard Keynes.¹⁸¹

Southern narrou o momento em que a influência do livro grassava mundo afora. Os usos de suas teses nos Estados Unidos, depois da década de 40, também foram investigados. A ala de direita atuante no Congresso costumava negá-las, com o argumento de que o livro não tinha sustentação: emocionava os americanos com sua retórica sentimental sobre o credo democrático, mas desconhecia o modo de vida criado, sobretudo no Sul, na relação entre brancos e negros. A direita alimentou polêmicas sobre o livro desde então.

O impacto político, que extrapolava o mundo acadêmico, se fez sentir a partir dos anos 60. Na corte suprema, nas escolas primárias, no movimento pelos direitos civis, e muitas outras dimensões da esfera pública, o efeito das teses de Myrdal crescia na medida em que eram usadas, grosso modo, para fundamentar atitudes visando mudanças raciais na sociedade norte-americana. Se a discriminação pelo branco passou a ser imoral, incompatível com os ideais democráticos valorizados no pós-guerra, então a dessegregação do negro e sua integração no “mundo dos brancos”, ou na cidadania, através do mercado de trabalho, tornara-se o caminho defendido pelos adeptos das teses de Myrdal para o antirracismo, para a solução do problema negro e o desenvolvimento do país.¹⁸²

Myrdal havia desenvolvido um programa de antirracismo no último capítulo do livro, *America Again at the Crossroads of the Negro Problem* [A América outra vez na encruzilhada do problema negro]. Havia também as teses presentes em passagens diferentes do livro, formuladas como maneira de analisar e prever

¹⁸¹ SOUTHERN, David W. *Gunnar Myrdal and Black-White Relations*. Op. cit.

¹⁸² *Idem*. Cf. o Capítulo 6, “The Dilemma in Court: Myrdal and the Civil Rights Case”, e o Capítulo 9, “The Dilemma and the Civil Rights Movement”.

as consequências do problema negro para o sistema social igualitário, bem como as tendências decisivas na luta civil pelo fim do racismo. Na passagem dos anos 50 para os anos 60, os intelectuais de esquerda não estavam mais sozinhos nas ações políticas contra o racismo. Nem estavam mais desamparadas, ilhadas, as organizações negras em sua luta pela ascensão social. Ambos os setores civis receberam o apoio do Estado, tanto dos governos quanto da justiça. As políticas de ação afirmativa então implementadas, visando a dessegregação racial, foram apoiadas pelas lideranças do movimento pelos direitos civis, sendo Martin Luther King Jr. seu maior guia. As mudanças raciais em curso nos Estados Unidos contaram com a defesa da ONU e UNESCO, onde os Myrdal tinham muita influência. As teses do livro e o programa de antirracismo ali desenvolvido foram impactantes na construção destas mudanças pelos sujeitos inconformados, de uma forma ou de outra, com os problemas decorrentes do racismo nos Estados Unidos.

Nesta época, no entanto, a inconformidade à falta de democracia desconheceu um consenso tão absoluto assim. Alguns intelectuais imediatamente se posicionaram contra as teses de Myrdal e rejeitaram sua visão liberal. Foi o caso de Ralph Ellison e Carter Woodson, dois ativistas negros, e de Herbert Aptheker, membro do Partido Comunista dos Estados Unidos. As críticas destes intelectuais tiveram em comum a rejeição do reformismo social presente no livro. Haveria um compromisso de Myrdal com a modernização da sociedade norte-americana, e este compromisso se sobreporia à interpretação mais isenta da questão negra. A visão liberal do autor resultaria de seu compromisso político-ideológico com os ideais de modernidade burgueses. Para ambos os ativistas negros, o reformismo implicava a nociva negação da originalidade da cultura afro-americana, ao passo que, para o comunista, Myrdal seria um representante da classe dominante, cujas reformas liberais atenderiam tão-somente à necessidade de mudança do capitalismo, tornando-o um pouco mais tolerante em relação às diferenças raciais.

Ellison foi o primeiro a criticar frontalmente *An American Dilemma*, muito embora sua resenha tenha tido que esperar vinte anos para ser publicada. Logo em 1944 ele se aventurou na escrita de uma resenha crítica do livro com destino à imprensa nacional. Mas ela não chegaria a ser publicada naquele ano. Só em 1964 é que a resenha apareceu pela primeira vez. Ellison começou sua crítica a partir de uma polêmica quanto à concepção da questão negra que permeia todo o livro de Myrdal, atada ao dilema racial dos Estados Unidos. Eis a parte central:

A principal virtude de *An American Dilemma* repousa na demonstração de como o mecanismo do preconceito opera para disfarçar o conflito moral nas mentes dos brancos produzido pelo choque no terreno social entre o credo americano e as práticas anti-negras. Há, contudo, um perigo nesta mesma virtude.¹⁸³

O alerta brando de Ellison foi só o início de sua crítica, pois ela fica mais ácida na medida em que leva em consideração mais fundamentos da interpretação de *An American Dilemma*. O perigo implícito na virtude do livro foi explorado com força destruidora de seus pilares de sustentação, de suas teses centrais. O perigo, de modo geral, se referia ao olhar de Myrdal sobre a cultura negra e afro-americana: “Myrdal vê a cultura e a personalidade do negro simplesmente como produto de uma patologia social”.¹⁸⁴ Ellison argumentou que, para Myrdal, a cultura dos negros seria um fator de atraso deles próprios, em relação ao que aspirou a América moderna para seu futuro. A razão deste atraso, ou desajustamento do negro em relação à sociedade de classes, estaria no caráter reativo da cultura negra. Esta cultura manifestaria muitos símbolos de frustração, ressentimento e miséria, visto que sua história no Novo Mundo seria plena de reações, sem muitos meios, aos ataques opressivos dos brancos, em busca de supremacia, daí o ambiente patológico em que teria se formado.

A solução do dilema seria, segundo *An American Dilemma*, em primeiro lugar o abandono de traços culturais tão atrasados, para depois os negros serem assimilados pela cultura norte-americana. Uma aposta na integração dos negros no sistema democrático pelos liberais do Norte, mais que do Sul, atravessou todo o livro. Ellison foi o primeiro a desmontar esta tese, dizendo que não havia qualquer disfunção acometendo a cultura negra: ela apenas é um fato da diversidade humana, encontrável em qualquer país ou continente, e, politicamente, pode representar uma resistência aos padrões normativos da cultura branca dominante, absorvente. Considerar a cultura negra atrasada seria um equívoco.

¹⁸³ “The main virtue of *An American Dilemma* lies in its demonstration of how the mechanism of prejudice operates to disguise the moral conflict in the minds of whites produced by the clash on the social level between the American Creed and anti-Negro practices. There is, however, a danger in this very virtue”. ELLISON, Ralph. *An American Dilemma: A Review*. In: _____. *The Collected Essays of Ralph Ellison*. New York: Modern Library, 2003 [1944], p. 1.

¹⁸⁴ “Myrdal sees Negro culture and personality simply as the product of a ‘social pathology’”. *Idem*, p. 8.

A crítica de Ellison, se tivesse sido publicada imediatamente, teria revelado aos leitores de então o caráter assimilacionista do programa antirracista de *An American Dilemma*. Ou seja, já nos anos 40 e 50, com a emergência do antirracismo pelas organizações internacionais dos direitos humanos, o mundo saberia o caráter subjacente às políticas globais em prol da eliminação do racismo, inclusive daquelas que fomentaram novas perspectivas, oriundas dos sociólogos da USP, sobre o negro e a democracia no Brasil.

3.2. O surgimento do dilema brasileiro

O impacto de *An American Dilemma*, como já dito, aconteceu muito além dos Estados Unidos, e, no Brasil, percorreu um processo semelhante ao daquele país. Os usos do livro entre nós começaram com Florestan Fernandes, quando, em 1945, escreveu uma dúzia de artigos para o *Jornal de São Paulo* acerca das relações raciais nos Estados Unidos e Brasil. O racismo existente em ambos os países, por causas semelhantes, comprometeria a modernização do sistema social igualitário da mesma forma.

Em São Paulo, especialmente, os cientistas sociais ligados à ELSP e à Faculdade de Filosofia, como estudante ou professor, cada vez mais usaram as teses do livro em seus debates sobre a questão racial no Brasil. A referência ao livro, geralmente para defender suas teses, aparecia progressivamente nas pesquisas, artigos de jornal ou revistas acadêmicas, *papers* em congressos, dissertações, teses, entrevistas etc. A produção para o exterior também trouxe citações sobre a importância de *An American Dilemma*. Anielia Ginsberg, Virginia Bicudo, Gioconda Mussolini, Oracy Nogueira, Mario Wagner Vieira da Cunha, Octavio da Costa Eduardo, Antonio Candido, Egon Schaden, Florestan Fernandes – alunos que davam vida à escola paulista de Sociologia –, inspirados pelos professores estrangeiros, que mantinham contato com Myrdal por meio da rede internacional das Ciências Sociais, começaram a ler e a usar as teses do livro em pesquisas.

Conhecer tais teses, assim como o programa antirracista em seu interior, parecia-lhes essencial para a compreensão de conceitos teóricos universais, referentes a processos históricos e sociais não restritos aos Estados Unidos. Assim aconteceu a recepção do livro no Brasil, como leitura obrigatória caso o pes-

quisador tivesse expectativas de desenvolver estudos sérios sobre relações raciais. As evidências disto, coletadas em entrevistas dos ex-alunos da ELSP para os professores da nova geração da escola paulista, e na correspondência pessoal dos professores estrangeiros dos anos 1940, sobretudo de D. Pierson, mostram que os estudantes estavam engajados em repensar a questão racial, a partir de perguntas sobre os sistemas de castas e classes e a posição do negro em cada um deles. Com a incorporação dos conceitos de Myrdal, tornou-se possível pesquisar e debater o tratamento desigual dispensado ao negro no Brasil.

Como se forma uma sociedade de castas? Como se dá a transição deste sistema para o de classes? Como as raças evoluem para as classes sociais, sem mais preconceitos antidemocráticos? Qual o papel do negro neste processo? O que é casta, classe, estamento, etnia, raça? Como, afinal, operar estes conceitos na análise dos preconceitos e discriminações dos negros em S. Paulo? *An American Dilemma*, com seu volume enciclopédico de métodos, técnicas e conceitos teóricos em Ciências Sociais, respondia justamente a estas perguntas, necessárias para a agenda de pesquisas em desenvolvimento pela escola paulista.

Alguns depoimentos de Florestan sobre sua formação intelectual, exatamente quando *An American Dilemma* fazia estrondoso sucesso no mundo inteiro e, especialmente, em sua rede intelectual, são discretos ao contar as influências teóricas que mais lhe marcaram.¹⁸⁵ Entre 1941 e 1955, se levássemos em conta só os depoimentos com teor antiamericano, produzidos em sua fase marxista do pós-exílio, ocorrido em 1969, pensaríamos que Marx seria a maior influência em sua formação, ou, no máximo, alguns teóricos franceses e ingleses da Etnologia e Sociologia, como Mauss, Radcliffe-Brown e Durkheim. Mas uma pesquisa mais vasta foi capaz de encontrar comentários em que Florestan reconheceu a importância decisiva de Myrdal em sua formação.¹⁸⁶ Junto à discussão sobre as ideias de *An American Dilemma*, feita em artigos de jornal e acadêmicos, em tom positivo, ao longo dos anos 40, podemos afirmar isto pela junção das pistas deixadas por ele em pequenos comentários, a respeito da importância de Myrdal para sua geração. O sueco seria um inovador homem de ciência em sua visão:

¹⁸⁵ Pelo menos dois livros foram dedicados às memórias do sociólogo. Cf. FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. Op. cit., e _____. *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

¹⁸⁶ FERNANDES, Florestan. *Entrevista concedida a Mariza Peirano em 1978 no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2012.

Um homem que representa a tradição europeia, esse Myrdal, ele escreve um livro todo sobre o elemento político na economia [se referindo ao *The Political Element in the Development of Economic Theory*, de 1953]. Um professor americano poderia escrever uma biblioteca toda, uma enciclopédia para provar que não deve existir elemento político na ciência. Esse é um contraste vigoroso. É por isso que o livro de Myrdal, *An American Dilemma*, aqueles apêndices tiveram uma importância tão grande nos Estados Unidos, porque levaram a uma fermentação nova.¹⁸⁷

A fermentação de ideias inovadoras, incentivada por Myrdal, não ocorria só no mundo acadêmico dos Estados Unidos. Em São Paulo, já havia ambiência intelectual adequada para a recepção de *An American Dilemma*, com a institucionalização das Ciências Sociais na ELSP e na Faculdade de Filosofia na década anterior. É importante lembrarmos que, neste tempo, o modelo de ensino e pesquisa predominante na escola paulista seguia o de Chicago. E foram justamente os cientistas sociais formados em Chicago que mais contribuíram para a pesquisa, a despeito dos demais grupos acadêmicos, dos compósitos, ou variáveis interdependentes, relativos ao padrão de vida dos negros nos Estados Unidos. Ou seja, a formação dos estudantes em S. Paulo permitia a fácil absorção das teses de *An American Dilemma*, de seus métodos, técnicas e conceitos teóricos.

Os professores estrangeiros da ELSP e da Faculdade de Filosofia, apesar da importância dos livros de Freyre e de *Negroes in Brazil*, de Pierson, mantinham vivo o interesse em continuar o estudo das relações raciais. Bastide, antes da ruptura com Gaston Richard, valorizava a formação da cultura afro-brasileira. Willems escolheu o tema da assimilação das diferenças étnicas e culturais no Brasil meridional, pesquisa em que teve espaço a investigação do tratamento dispensado ao negro no Brasil. Baldus dedicava-se à etnologia indígena e à relação dos índios com o mundo moderno, em termos de sua aculturação, também chamada na época de mudança cultural. Pierson, o maior representante de Chicago entre todos, continuou desenvolvendo sua agenda acadêmica, iniciada nos

¹⁸⁷ *Idem*, p. 26.

anos 30, focada na sistematização e constituição do campo científico da Sociologia no Brasil.

Em muitos textos e debates, no decorrer dos anos 40, estes professores não afirmaram ser o negro uma raça excluída da democracia, mesmo depois da primeira leitura de *An American Dilemma*. Haveria apenas preconceito de classe no Brasil, atingindo o negro por causa de sua classe social, tanto quanto poderia atingir o branco pobre. O país desconheceria a discriminação racial existente nos Estados Unidos; desconheceria até mesmo a nociva ideia de raça; seria um país com ausência de raças e, por conseguinte, de racismo. A miscibilidade e plasticidade dos valores populares ainda predominariam sobre hierarquias e conflitos baseados na noção de raça, pois esta não encontraria terreno fértil entre nós.¹⁸⁸

No entanto, em 1951, quando efetivamente tiveram início os projetos de pesquisa sobre relações raciais no Brasil, financiados pela UNESCO, os cientistas sociais paulistas estavam com a leitura afiada de *An American Dilemma*. Era o mesmo caso de outros colaboradores do programa, sobretudo Thales e Costa Pinto, visto que os temas selecionados por eles se referiam à mudança social, à transição do sistema de castas para o de classes, em regiões distintas do Brasil. Isto tinha a ver com a questão da industrialização e suas consequências para as tradicionais relações entre negros e brancos nas áreas urbanas. As equipes regionais do programa, como sabemos, seguiram as diretrizes da UNESCO e fizeram reflexões sobre o que então se passou a chamar de “dilema brasileiro”. Este dilema, embora tivesse diferenças em relação ao americano, para os sociólogos colaboradores da UNESCO, seria inteligível à luz das teses de *An American Dilemma*. Claro que nas obras resultantes das pesquisas regionais o livro foi citado, e usado muitas vezes, sem, entretanto, uma declaração explícita dos autores em relação à sua influência na construção do pensamento sobre as relações raciais.

As pesquisas para a UNESCO foram encerradas e as obras delas resultantes foram publicadas mais ou menos ao mesmo tempo, apenas em anos diferentes. Em 1957, dois anos depois de publicada a primeira edição de *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*, Bastide chamou a atenção do leitor

¹⁸⁸ Os textos de Pierson foram fundamentais para a construção desta visão. Além de *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*, artigos foram publicados em *Sociologia*. Cf. PIERSON, Donald. O estudo de contato racial. *Sociologia*, São Paulo: Vol. 7, n. 1/2, 1945, pp. 38-53; e “Raça e organização social”. *Sociologia*, São Paulo: Vol. 7, n. 3, 1945, 148-156.

de seu texto no *International Social Science Bulletin* para o dilema brasileiro. Foi a primeira vez que o racismo dos Estados Unidos foi comparado com o do Brasil de forma aberta. A primeira vez que o uso de *An American Dilemma* foi enunciado. É importante entendermos como isto foi feito por Bastide:

Myrdal falou do “dilema americano”. Talvez o conjunto de fatos e interpretações discutidos neste artigo possam ser resumidos ao dizermos que há também um “dilema brasileiro”. O distúrbio da estrutura social e o desenvolvimento das ideias democráticas estão tendendo a substituir o velho paternalismo pela luta não mais por igualdade formal, mas agora econômica e racial. Esta luta enseja consciência racial entre as pessoas de cor e discriminação entre os brancos [...] No Brasil industrial, este dilema é revelado, neste momento, pela forma que a discriminação assume [...] A grandeza do Brasil consistirá em sair de seu dilema passando do paternalismo ao igualitarismo sem perder, na passagem, as qualidades de amor, de tolerância, de respeito mútuo, que caracterizam seus filhos.¹⁸⁹

Bastide disse que em suas regiões industrializadas o Brasil passava por um dilema parecido com o americano. Em termos de racismo, era parecido, não idêntico, criando um drama humano, mal-estar ou violência menos intensos que o existente nos Estados Unidos. A diferença básica entre os racismos, para ele, residiria na escala da violência contra os negros. Enquanto nos Estados Unidos os brancos excluía os negros da democracia pelas armas do preconceito, discriminação e segregação institucionalizadas, no Brasil os negros não eram violentados com leis de segregação racial, mas havia, de fato, sub-reptício “racismo

¹⁸⁹ “Myrdal has spoken of the ‘American Dilemma’. Perhaps the set of facts and interpretations discussed in these pages could be summed up by saying that there is also a ‘Brazilian Dilemma’. Disturbance of the social structure and the development of democratic ideas are tending to replace the old paternalism by a struggle no longer for legal, but now for economic and racial equality. This struggle makes alike for race consciousness among colored people and for discrimination among whites [...] In industrial Brazil, this dilemma is revealed, for instance, in the form which discrimination takes [...] Brazil’s greatness will lie in extricating itself from its dilemma by passing from paternalism to equality without allowing its people’s qualities of warm affection, tolerance and mutual respect to be lost in the process”. BASTIDE, Roger. *Race Relations in Brazil*. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, n. 4, 1957, p. 512 (The Negro in the United States).

à brasileira”. O termo não foi dito neste momento por Bastide, embora suas teses já tivessem este mesmo sentido.

A forma assumida pela discriminação do negro no Brasil é a do racismo à brasileira, ou seja, uma forma enganosa de mantê-lo em seu lugar, com pouco *status* e baixo padrão de vida. Antes mesmo do *International Social Science Bulletin*, esta foi a tese defendida por Bastide e Florestan nos artigos para *Anhembi*, depois reunidos em *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. As atitudes e os comportamentos de discriminação no Brasil atravessariam uma escala entre 0 e X, na qual X significa abertura indefinida para a violência contra o negro, cada vez mais exacerbada, próxima do racismo norte-americano. Entretanto, ainda prevaleceria, mesmo nas maiores cidades, uma forma enganosa de discriminação, diferente da dos Estados Unidos. Foi o que concluíra Bastide no artigo de 1958:

A um negro não é negado um cargo porque ele é negro – ele é informado que a vaga infelizmente acabou de ser preenchida. A ele não é negada uma promoção na carreira profissional – ele não é aprovado no exame médico. Esta solução, que não engana ninguém, obviamente não pode durar.¹⁹⁰

A discriminação não pode durar porque senão o sistema democrático no Brasil não alcançaria o equilíbrio necessário para acelerar a modernização. Não pode durar porque, estava explícito para Bastide, o racismo entrou em um círculo vicioso que atrasava a modernização. A transição completa para o sistema social igualitário, preservando as características positivas da cultura brasileira, só seria verdadeiramente completa com a solução do dilema brasileiro e nosso problema negro.

As raças, embora na década anterior se tenha afirmado que não existiam no Brasil, fariam cada vez mais sentido nas relações sociais, ao passo que, sociologicamente, o sistema social igualitário seria incompatível com elas. Daí nosso dilema ter tido destaque no programa racial da UNESCO para o Brasil, sendo

¹⁹⁰ “A Negro is not refused a post because he is Negro – he is told that unfortunately it has just been filled; he is not refused promotion – he fails to pass the material examination. This solution, which deceives no one, obviously cannot last”. Idem, p. 512.

constante motivo de preocupação para os cientistas sociais e diretores da organização internacional ao longo da pesquisa.

3.3. A agenda antirracista na revista *Anhembi*

Nos anos 1950, os usos de *An American Dilemma* pelos cientistas sociais de S. Paulo foram diferentes dos da década anterior. Os intelectuais continuaram sendo os principais leitores e apoiadores do livro no Brasil – e só depois é que viriam alguns ativistas do movimento negro, deputados, senadores, juristas, juízes e outros governantes –, mas os usos feitos pelos primeiros pouco a pouco deixaram de ser ocultos e começaram a ser mais pronunciados. Parece que falar sobre o racismo na década anterior era algo mais arriscado, menos incentivado, do que na década seguinte, quando os cientistas sociais de S. Paulo se sentiram mais confiantes para desafiar a interpretação em comum entre Freyre e Pierson.

Com a criação da UNESCO e os enormes incentivos oferecidos pela organização ao desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil, com financiamentos de pesquisas locais e internacionais, revistas acadêmicas e associações profissionais, os cientistas sociais de S. Paulo ousaram usar as teses de *An American Dilemma* com mais segurança, apoiando-se no que entendiam por objetividade científica. O *establishment*, a estrutura acadêmica e profissional de instituições como a ELSP e a Faculdade de Filosofia era cada vez mais sistemática. A estabilidade institucional, além de prestígio, dava aos cientistas sociais recursos, financeiros e científicos, meios pelos quais eles puseram em prática sua agenda, orientada para o estudo das relações raciais no Brasil em outras bases.

Os inquéritos sobre as relações raciais em S. Paulo, seus valores, atitudes e comportamentos intrínsecos, estavam em fase de conclusão em 1953. Foi neste ano que Paulo Duarte escrevera em *Anhembi* uma nota introdutória a seus resultados. Diferente do que afirmou seis anos antes n' *O Estado de S. Paulo*, a respeito da cordialidade e ausência de racismo no Brasil, o novo estudo do negro assumiu desta vez um caráter mais sério e urgente. O projeto da UNESCO seria tão importante assim porque esclareceria um problema cada dia mais grave para a democracia brasileira: o problema negro. A investigação do problema, todavia, não teria, para ele, importância apenas nacional. Sua universalidade residiria na oportunidade, séria e urgente, de compreender as inconsistências, as restrições,

os males que o problema negro sub-reptícia e ardilosamente causava ao sistema democrático. Conhecer as causas deste problema seria, assim, fundamental. Em sua nota introdutória, Duarte expressou isto:

Foi assim que a UNESCO e Anhembi se encontraram unidas na realização de um mesmo trabalho de alta significação universal, como seja uma análise objetiva mas feita em profundidade sobre a vida da população negra do Brasil, país universalmente considerado como aquele que melhor solução estava dando ao problema, entre todos os países brancos possuidores de importante parcela de população de cor.¹⁹¹

A urgência do projeto da UNESCO, tornando-se consenso entre os intelectuais colaboradores de *Anhembi*, era tamanha que em três anos os inquéritos foram concluídos. A estrutura montada para o desenvolvimento da pesquisa em S. Paulo, com um time de cientistas e psicólogos sociais selecionados para aplicarem testes e questionários entre negros e brancos, em sintonia com os métodos e técnicas de Chicago (observação participante, história de vida, entrevistas individuais e em grupo, fórum de debates com ativistas do movimento negro etc.) foi a mesma estabelecida por Myrdal para a pesquisa nos Estados Unidos. Assim como *An American Dilemma*, os cientistas e psicólogos sociais paulistas contribuíram para o entendimento das variáveis interdependentes constitutivas do padrão de vida dos negros em S. Paulo. As conclusões a que chegaram são parecidas com as da equipe de Myrdal: no Brasil também haveria um círculo vicioso, resultante da discriminação racial, empurrando o padrão de vida dos negros para baixo, e não os deixando ascender livremente na escala social.

A ascensão social do negro e do mulato, desde, especialmente, o século XIX, encontraria barreiras raciais na medida em que os indivíduos com tais cores tentassem crescer na competição social, vencendo a competição pelas melhores oportunidades no mercado. Lembremos que o tema central das pesquisas feitas em S. Paulo, no âmbito do projeto da UNESCO, residia na situação do negro na ordem competitiva, fundante do sistema social igualitário contemporâneo. O que quer dizer que o interesse dos cientistas sociais, ao contrário das sobrevivências

¹⁹¹ DUARTE, Paulo. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. *Anhembi*. Vol. 9, n. 25, 1953, p. 433.

africanas na cultura negra, estava centrado na investigação da inserção do negro e do mulato na sociedade de classes. Esta questão era, na verdade, uma diretriz endossada pela UNESCO e atendida por Florestan e Bastide desde a escrita do projeto de pesquisa coletivo, como inauguração do programa da organização.

Se o negro e o mulato sofriam discriminação racial nas áreas modernas e industriais do país, a ordem competitiva apresentava inconsistências de ordem estrutural. O problema negro seria um problema de estrutura social que merecia solução urgente. A origem do problema era a mesma que a dos Estados Unidos? Não exatamente a mesma. Ficou clara em *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, ao longo de seus capítulos de história social paulista e análise funcionalista das relações raciais, sua tese central segundo a qual no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, haveria preconceito de marca, e não preconceito de origem. O branco no Brasil tenderia a discriminar a cor dos negros e dos mulatos, assim como tudo o que ela representaria negativamente para o branco. No país norte-americano, em uma comparação que apresentava a diferença no grau de intensidade dos racismos, a discriminação seria de origem, ou seja, uma atitude bastante violenta, por causa da exclusão de toda a sorte de pessoas com origens étnicas e nacionais diferentes da supremacia branca americana.

Oracy Nogueira foi o responsável pela sistematização da análise dos tipos e graus brasileiros de preconceito racial. O fez em comparação, sobretudo, com o mesmo fenômeno nos Estados Unidos. Sua colaboração com a UNESCO foi iniciada junto com os trabalhos das outras assistentes de pesquisa do projeto *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, Anieli Ginsberg e Virginia Bicudo. Precisamos lembrar, aqui, a aprendizagem do método do *quadro de referência*, pertinente à análise do racismo, pelos estudantes de Ciências Sociais de São Paulo na década anterior. Certo é que Florestan não foi o único estudante a adquirir conhecimentos em torno do novo conceito de raça e dos métodos para estudá-lo na realidade social. Oracy, quando fez doutorado em Chicago, também desenvolveu sua análise conceitual das tipologias raciais e dos então chamados grupos de cor, essenciais para o *quadro*. Em 1955, apresentou suas conclusões individualmente em *Anhembi*.¹⁹² Estava construído um quadro de referência para

¹⁹² NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Revista Anhembi*. Vol. XVIII, ano V, n. 53, pp. 279-299, 1955.

o racismo brasileiro. Deste ponto em diante, os parceiros Florestan, Bastide, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, entre outros cientistas sociais, trataram de continuar a análise do negro valendo-se do quadro de referência, seus grupos de cor e sua ideia de preconceito racial de marca e preconceito racial de origem.

Já a primeira edição de *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, simultaneamente aos artigos de *Anhembi*, trouxe as conclusões de Oracy, Aniela e Virginia, além das de Bastide e Florestan. Em 1959, o livro recebeu uma nova edição, desta vez mais concisa, contando apenas com os textos de Bastide e Florestan. Os outros sociólogos da escola paulista, entretanto, mantiveram sua produção através de seus próprios livros, além da publicação em revistas nacionais e internacionais.

As novas teses brasileiras viajaram com rapidez para os Estados Unidos, divulgadas que foram, no mundo acadêmico, por Richard Morse, então professor de História em Columbia. Em 1953, ainda quando *Relações raciais entre brancos e negros* estava sendo preparado, Morse publicou um artigo no famoso *The Journal of Negro History*.¹⁹³ Neste artigo, Florestan, com apenas trinta e três anos de idade, fora considerado cientista social inovador, que, a despeito da tradição imponente oriunda do pensamento de Freyre, estaria desenvolvendo uma nova interpretação do Brasil.

¹⁹³ MORSE, Richard. The Negro in São Paulo, Brazil. *The Journal of Negro History*: Vol. 38, No. 3, pp. 290-303, 1953.

ANEXO

INTERNATIONAL SOCIAL SCIENCE BULLETIN

*The Negro in the
United States of America*

VOL. IX, No. 4, 1957
PUBLISHED QUARTERLY
[A] PRICE: \$1.00; 6/- (stg.); 300 fr.

Fonte: UNESCO Database (UNESDOC)

Dossiê “The Negro in the United States of America”, *International Social Science Bulletin*, 1957. Trata-se de outra revista publicada pela UNESCO. Bastide escreveu a introdução e um artigo nesta edição, nos quais comparou o racismo contra o negro nos Estados Unidos e no Brasil. *An American Dilemma* foi a referência.

Considerações finais

Em 1954, um artigo anônimo de *Anhembi* apresentou um olhar diferente do comum, para os padrões brasileiros da época, sobre os eventuais problemas que o racismo pode causar em qualquer sociedade. Foi uma das primeiras vezes que o racismo era apresentado de maneira pertinente também ao Brasil em uma revista de grande circulação. Uma das primeiras vezes que uma revista brasileira abordou a questão racial de forma diferente da freyriana, apontando os males do racismo para as nações. Eram estes alguns males universais, segundo a revista:

Em primeiro lugar, perda direta no plano econômico, resultante do fato de não se utilizar em cheio a produtividade da mão de obra e de se fazer diminuir a procura de bens de consumo (o exemplo dos Estados Unidos). Em segundo lugar, o agravamento dos problemas sociais, moléstias contagiosas, criminalidade etc., que o orçamento do Estado tem de cobrir, para resolvê-los pelo menos em parte, e, por conseguinte, aumento dos impostos sobre as pretensas classes beneficiárias dos preconceitos. Em terceiro lugar a perda do tempo gasto em discutir nos parlamentos ou alhures a sorte dos grupos minoritários.¹⁹⁴

Ora, *Anhembi* sugeriu que o Brasil não estava totalmente alheio aos males do racismo, e passava por situações de tensão racial igualmente problemáticas. O racismo, progressivamente, dos anos 50 aos 60, tornava-se um problema declaradamente brasileiro também. Alguns meios de comunicação, e não todos, investiram na apresentação ao público dos debates raciais então travados pelos sociólogos brasileiros, geralmente contra a interpretação freyriana e a de Donald Pierson. Além da imprensa e demais meios de comunicação, as pesquisas feitas pelos sociólogos da escola paulista estavam a pleno vapor, graças aos recursos financeiros internacionais disponíveis naquele momento. Essas pesquisas, também publicadas em *Anhembi*, complementavam as de Florestan e Bastide.

¹⁹⁴ O RACISMO e a ciência. *Anhembi*: Vol. 6, ano 4, n. 16, 1954, p. 305.

O entendimento do problema negro ficava cada vez mais claro no Brasil. Emergiam males brasileiros para os quais o grupo de Florestan apresentava soluções no terreno sociológico, seguindo a agenda de antirracismo criada nos Estados Unidos. O que antes, durante os anos 30 e 40, era algo impensável e indizível entre nós, nos anos 50 e 60 se tornou algo concreto; recebeu uma interpretação concreta, com teses sociologicamente fundamentadas. O problema negro de *An American Dilemma* emergia e era debatido e combatido não só nos Estados Unidos. A obra de Bastide, Florestan, Oracy Nogueira, Aníela Ginsberg, Virginia Bicudo, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni (para ficarmos apenas com a fração paulista dos colaboradores da UNESCO) foi responsável pela circulação das teses de Myrdal, e, dos anos 50 aos anos 60, criara uma interpretação que lançou luz sobre a falta de democracia entre nós.

É curioso observar como Antonio Candido, num artigo sobre os pais fundadores da Sociologia no Brasil, publicado em 1959 na *Enciclopédia Delta-Larousse*, marcou a posição de Florestan na história da disciplina.¹⁹⁵ Eis que ao belo estilo do autor faltou uma análise mais verossímil da trajetória de Florestan e dos estudos paulistas em torno do negro. Myrdal não foi mencionado em parte alguma de seu texto. O não-dito de Candido mais parece uma *ocultação* do que simples esquecimento da referência ao livro mais impactante na história da questão racial no século XX. Apareceram referências a Durkheim e Radcliffe-Brown, por exemplo, em relação à formação funcionalista de Florestan, mas Candido parou por aí em sua reconstrução histórica. É como se a formação de Florestan tivesse prescindido da obra de Myrdal, embora tenha acontecido exatamente o oposto.

Fernando Henrique Cardoso também apontou alguns males do racismo para a situação dos negros no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul.¹⁹⁶ No artigo em *Anhembi* citou a obra até então seminal de Bastide e Florestan, *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, mas ocultou o fato de que as análises acerca da ascensão social do negro estavam inspiradas de forma mais ampla em *An American Dilemma* e seu programa antirracista. A possibilidade de se estudar as relações raciais no Brasil pela chave da discriminação, observando

¹⁹⁵ CANDIDO, Antonio, A Sociologia no Brasil. *Tempo Social: Rev. Soc. USP*: vol. 18, n. 1, pp. 271-301, 2006 [1959].

¹⁹⁶ CARDOSO, Fernando Henrique. Os brancos e a ascensão social dos negros em Porto Alegre. *Anhembi*: vol. 39, ano 10, n. 117, pp. 583-596, 1960.

suas consequências estruturais, foi aberta pela compreensão do livro. Mas não foi apenas Fernando Henrique Cardoso que escolheu não revelar a fonte do tesouro. Ianni, na mesma direção, também não costumava citar Myrdal, cujo lugar nas Ciências Sociais seria, em seu entendimento, melhor ocupado por Florestan. Não nos surpreende o fato de que, no conjunto da obra de Ianni, Florestan apareceu como principal sociólogo brasileiro, pai da sociologia moderna.¹⁹⁷ Isto, para Ianni, porque Florestan seria um cientista inovador, criador de uma obra original.

Os estudos paulistas acerca do negro e da democracia brasileira chegaram a seu ápice com o aparecimento de *A integração do negro na sociedade de classes*, em 1964. O novo livro de Florestan manteve a mesma discussão, anterior aos anos 60, feita em *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. Florestan, de fato, a ampliou e aprofundou, de modo que o dilema racial da sociedade brasileira, de nossa democracia, ficou, segundo as teses do livro, ainda mais dependente da modernização. Os livros de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni seguiam esta mesma direção.

A aposta na modernização, que acompanhava estas obras quase unilateralmente, implicava fazer dos movimentos negros atores primordiais das mudanças raciais desejadas para a sociedade brasileira, em nome dos direitos humanos, assim como acontecia nos Estados Unidos. Os movimentos negros abraçaram essas teses e lutaram por igualdade racial, tanto nos anos 70, durante os conflitos com a ditadura militar, quanto em tempos mais recentes.

¹⁹⁷ IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Fig. 11 – Recorte de imagens da biblioteca de Florestan Fernandes, com foco na coleção sobre relações raciais em diversos países e continentes.

Fonte: Fotos feitas pelo pesquisador no Fundo Florestan Fernandes, na UFSCar, em 2013.

Com cerca de 12 mil títulos, entre nacionais e internacionais, a biblioteca de Florestan Fernandes mostrou-se um interessante acervo documental. Os livros nela presentes são pistas e rastros para pesquisadores. Além de apontarem algumas de suas leituras mais importantes, os livros também apresentam marcas de leitura, pequenos comentários, resumos e anotações.

Fig. 12 – Parte da coleção sobre sociologia industrial e do trabalho, inclusive fundamentos e aplicações relativos não apenas ao Brasil, como aos Estados Unidos, Índia, Japão, entre outros países.

Fonte: Fotos feitas pelo pesquisador no Fundo Florestan Fernandes, na UFSCar, em 2013.

Fig. 13 – Parte da coleção sobre o desenvolvimento social e econômico, na qual nota-se a presença de teóricos norte-americanos e alemães do nacional-desenvolvimentismo.

Fonte: Fotos feitas pelo pesquisador no Fundo Florestan Fernandes, na UFSCar, em 2013.

Fig. 14 – Parte da coleção sobre socialismo e comunismo, na qual nota-se a presença de títulos sobre pensamento socialista, economia planificada, história soviética, entre outros temas.

Fonte: Fotos feitas pelo pesquisador no Fundo Florestan Fernandes, na UFSCar, em 2013.

Fig. 15 – Estantes de livros constituídas ao longo da atuação parlamentar de Florestan Fernandes, do fim dos anos 80 até metade da década de 90.

Fonte: Fotos feitas pelo pesquisador no Fundo Florestan Fernandes, na UFSCar, em 2013.

Nota-se a presença de vários objetos de arte acima das estantes. A maioria deles foram presentes de Abdias Nascimento e outros ativistas dos direitos humanos, já quando Florestan era deputado federal pelo PT, ou mesmo em momentos anteriores, quando ele ainda era professor universitário.

Bibliografia

1) Artigos de Florestan Fernandes em jornais e revistas

Em 1943, Florestan começou a escrever para jornais paulistas de grande circulação, ao mesmo tempo em que escrevia para jornais menores, geralmente socialistas, alguns clandestinos. Um ano antes havia começado sua colaboração em revistas acadêmicas. Os textos destes tipos, usados ao longo deste trabalho, foram organizados nesta seção das referências, para o entendimento mais claro do leitor.

1-A) *Anhembi*

1952. *Problemas de aplicação do conhecimento antropológico*. Vol. IX, n. 25, pp. 47-53.
1953. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. Vol. X, n. 30, pp. 433-490.
1954. *Existe uma "crise de democracia" no Brasil?* Vol. XVI, n. 48, pp. 450-471.
1956. *A Sociologia no Brasil*. Vol. XXII, n. 65, pp. 342-344.
1956. *Tendências teóricas na moderna investigação etnológica no Brasil*. Vol. XXIV, n. 72, pp. 460-479.
1957. *Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil*. Vol. XXV, n. 75, pp. 470-481.
1957. *A reconstrução da realidade nas ciências sociais*. Vol. XXVIII, n. 82, pp. 36-52.
1958. *Herança intelectual da sociologia*. Vol. XXIX, n. 87, pp. 452-464.
1958. *Liberdade de cátedra e de pensamento*. Vol. XXIX, n. 87, pp. 536-549.
1958. *O negro nos Estados Unidos*. Vol. XXXII, n. 94, pp. 105-107.
1961. *Investigação sociológica na América Latina*. Vol. XLIV, n. 130, pp. 14-35.
1961. *A unidade das ciências sociais e a antropologia*. Vol. XLIV, n. 130, pp. 453-470.

1-B) *Folha da Manhã*

1943. *Livros que valem*. 1 julho.
1943. *Mais América*. 19 agosto.
1944. *As línguas ameríndias no Brasil*. 20 janeiro.
1944. *A responsabilidade da inteligência*. 24 fevereiro.

- 1944. *A crise da cultura e o liberalismo*. 16 março.
- 1944. *O romance político contemporâneo*. 23 julho.
- 1945. *Mobilização da inteligência*. 21 janeiro.
- 1945. *Democratização da cultura e outros assuntos*. 28 janeiro.
- 1945. *Demografia brasileira*. 15 fevereiro.
- 1945. *As tarefas da inteligência*. 1º março.

1-C) Jornal de São Paulo

- 1945. *O intelectual brasileiro e o momento político*. 10 abril.
- 1945. *Branços e pretos: I – a situação racial*. 26 agosto.
- 1945. *Branços e pretos: II – a situação racial brasileira*. 2 setembro.
- 1945. *A mitologia heroica indígena*. 17 setembro.
- 1945. *Planos e perspectivas*. 23 outubro.
- 1945. *Ciências naturais e ciências sociais*. 30 outubro.
- 1946. *Sociologia educacional*. 10 setembro.
- 1946. *Economia e Sociologia*. 15 outubro.

1-D) O Estado de S. Paulo

- 1943. *O negro na tradição oral (1) reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio*. 1 julho.
- 1943. *O negro na tradição oral (2) representações coletivas do negro*. 15 julho.
- 1943. *O negro na tradição oral (3) a superioridade biológica e a posição do negro*. 27 julho.
- 1943. *Três poetas paraguaios: Manoel Ortiz Guerrero*. 7 outubro.
- 1944. *Julio Correa – poeta paraguaio*. 26 fevereiro.
- 1944. *Hugo Rodrigues Alcalá – poeta paraguaio*. 23 março.
- 1944. *O progresso, o folclore, a burguesia*. 1º setembro.
- 1944. *O folclore como método*. 14 setembro.
- 1944. *Mentalidades grupais e folclore*. 2 novembro.
- 1944. *Cultura brasileira*. 23 dezembro.
- 1945. *A noiva e o folclore ibérico*. 26 julho.
- 1945. *Silvio Romero e o folclore brasileiro*. 4 outubro.
- 1948. *Considerações sobre os estudos sociais no Brasil*, 11 abril.
- 1948. *Amadeu Amaral e o desenvolvimento do folclore no Brasil*. 21 novembro.

1949. *Aspectos políticos da civilização do açúcar – I*. 22 fevereiro.
1949. *Aspectos políticos da civilização do açúcar – II*. 5 março.
1955. *Os estudos etnológicos no Brasil*. 27 novembro.
1956. *Psicanálise e Sociologia – I*. 21 outubro.
1956. *Psicanálise e Sociologia – II*. 28 outubro.
1956. *Psicanálise e Sociologia – III*. 4 novembro.
1957. *Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo – I*. 4 janeiro.
1957. *Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo – II*. 12 janeiro.

1-E) Sociologia

1942. *Folclore e grupos infantis*. Vol. IV, n. 4, pp. 396-406.
1943. *Congadas e batuques em Sorocaba*. Vol. V, n. 3, pp. 242-254.
1943. *Educação e cultura infantil*. Vol. V, n. 2, pp. 134-146.
1944. *Aspectos mágicos do folclore paulistano*. Vol. VI, n. 2 e 3, pp. 79-100.
1945. *Arthur Ramos: as ciências sociais e os problemas do após-guerra*. Vol. 7, n. 1/2, pp 109-110.
1947. *O problema do método na investigação sociológica*. Vol. 9, n. 4, pp. 40-57.
1948. *A análise sociológica das classes sociais*. Vol. 10, n. 2/3, pp. 76-90.
1950. *Aplicação dos conhecimentos sociológicos às relações internacionais*. Vol. 12, n. 3, pp. 227-250.
1959. *Campo e problema da sociologia aplicada*. Vol. 21, n. 3, pp. 274-297.

1-F) Outros

1945. Sobre o folclore. *Filosofia, Ciências e Letras (FFLC/USP)*: n. 9, pp. 59-66.
1946. Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal. *Revista do Arquivo Municipal*: vol. CVII, pp. 45-72.
1951. Contribuição para o estudo de um líder carismático. *Revista do Arquivo Municipal*: vol. CXXXVIII, pp. 19-34.

2) Livros, capítulos de livro e entrevistas de Florestan Fernandes

1948. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Progresso.
1952. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: SPC.

1953. *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia*. São Paulo: Boletim n. 170 da FFLC/USP.
1958. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. São Paulo: Anhembi.
1959. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Nacional.
1960. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel.
1960. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira.
1965. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus.
1971. *The Negro in Brazilian Society*. New York: Columbia University Press.
1972. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel.
1974. "Beyond Poverty: The Negro and the Mulatto in Brazil". In: TOPLIN, Robert Brent (Ed.). *Slavery and Race Relations in Latin America*. Westport: Greenwood.
1975. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes.
1977. "Slaveholding Society in Brazil". In: RUBIN, Vera (Ed.). *Comparative Perspectives on Slavery in New World Plantation Societies*. New York: The Academy of Sciences.
1977. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
1978. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
1995. "História e histórias: Depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn". *Novos Estudos CEBRAP*: n. 42, pp. 9-10.
2010. *Florestan Fernandes: leituras & legados*. São Paulo: Global.
2012. *Entrevista concedida a Mariza Peirano em 1978*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

3) Artigos e livros de outros autores

- ALMEIDA, Aluísio. Africanos em São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 9 janeiro 1972.
- ANDREWS, George. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil (1888-1988)*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.
- _____. Democracia racial brasileira, 1900-1990: um contraponto americano. *Estudos Avançados*: vol. 11, n. 30, pp. 95-115, 1997.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. A UNESCO à procura de um humanismo. *O Estado de S. Paulo*, 17 abril 1947.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Formação e perfil de um sociólogo: a trajetória acadêmica de Florestan Fernandes. In: ADORNO, Sérgio (Org.). *A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995.
- _____. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a escola paulista. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

- _____. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani. *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Brasília: Paralelo 15, 2003.
- _____. Por uma sociologia da solidariedade social. In: FERNANDES, Florestan. *Leituras & legados*. São Paulo: Global, 2010.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites no século XIX*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- AZEVEDO, Thales de. Bahia: The Negro Metropolis. *The UNESCO Courier*. Vol. V, Nos. 8/9, pp. 14-15, August-September, 1952.
- _____. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. São Paulo: Nacional, 1955.
- BALDUS, Herbert. Teoria e prática etnológicas. *Sociologia*: vol. 2, n. 4, p. 352-357, 1940.
- _____. Curt Nimuendajú. *Sociologia*: vol. 8, n. 1, pp. 45-52, 1946.
- _____. *Lendas dos índios do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- _____. Etno-sociologia brasileira – I. *O Estado de S. Paulo*, 20 março 1949.
- _____. Etno-sociologia brasileira (conclusão). *O Estado de S. Paulo*, 30 março 1949.
- _____. A etnologia histórica no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, 28 novembro 1959.
- BARBER, William. *Gunnar Myrdal: An Intellectual Biography*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.
- BASTIDE, Roger. Conceituação da Sociologia. *Sociologia*: vol. 2, n. 2, pp. 131-15, 1940.
- _____. A teoria sociológica do conhecimento. *Sociologia*: vol. 6, n. 4, pp 269-281, 1944.
- _____. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Martins, 1943.
- _____. *Arte e sociedade*. São Paulo: Martins, 1945.
- _____. *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.
- _____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: FFLC/USP, 1946.
- _____. A Faculdade de Filosofia e a Sociologia de S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.
- _____. *Sociologia e psicanálise*. São Paulo: Progresso, 1948.
- _____. A organização social dos Tupinambá – I. *O Estado de S. Paulo*, 23 julho 1949.
- _____. A organização social dos Tupinambá – II. *O Estado de S. Paulo*, 31 julho 1949.
- _____. A organização social dos Tupinambá – III. *O Estado de S. Paulo*, 7 agosto 1949.
- _____. São Paulo: The Octopus Town. *The UNESCO Courier*. Vol. V, Nos. 8-9, p. 9, August-September, 1952.
- _____. Carta aberta a Guerreiro Ramos. *Anhembi*: ano III, vol. XII, n. 36, pp. 521-528, 1953.

- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: UNESCO, 1955.
- BASTIDE, Roger. Foreword (The Negro in the United States of America). *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, No. 4, pp. 423-426, 1957.
- _____. Race Relations in Brazil. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, No. 4, pp. 495-511, 1957.
- _____. *Branços e negros em São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1959.
- _____. *Brasil: terra de contrastes*. São Paulo: Difusão, 1959.
- _____. *Les religions africaines au Brésil: vers une sociologie des interpenetrations de civilisations*. Paris: PUF, 1960.
- _____. The Development of Race Relations in Brazil. In: HUNTER, Guy (Ed.) *Industrialisation and Race Relations: A Symposium*. London: Oxford University Press, 1965.
- BARRETO, Plinio. Negros e brancos em São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 24 jul. 1955.
- BASTOS, Elide Rugai. Um debate sobre a questão do negro no Brasil. *Rev. São Paulo em Perspectiva*: vol. 2, n. 2, pp. 20-26, 1988.
- BERLINCK, Cyro; FERRARI, Alfonso Trujillo. *A Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933-1958)*. São Paulo: ELSP, 1958.
- BIBBY, Cyril. Race, Prejudice and Education. *The UNESCO Courier*: No. 10, pp. 6-10, 1960.
- BLUMER, Herbert. Recent Research on Race Relations: The United States of America. *International Social Science Bulletin*: Vol. X, No. 3, pp. 403-450, 1958.
- BLUMER, Herbert; DUSTER, Troy. Theories of Race and Social Action. In: *Sociological Theories: Race and Colonialism*. Paris: UNESCO, 1980.
- BORSTELMANN, Thomas. *The Cold War and the Color Line: American Race Relations in the Global Arena*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BÔAS, Glaucia Villas. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a sociologia de Emilio Willems entre fronteiras. *Tempo Social: Rev. Soc. USP*: vol. 12, n. 2, pp. 171-188, 2000.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de política*. 13ª ed. Brasília: Ed. UnB, 2009. 2v.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- CAMPOS, Antônia Malta. *Interfaces entre Sociologia e processo social: A integração do negro na sociedade de classes e a pesquisa UNESCO em São Paulo*. 2014. 400 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

CANCELLI, Elizabeth. Perspectivas historiográficas brasileiras e suas rupturas com os “males do passado”. *História: Questões & Debates*: n. 50, pp. 51-59, 2009.

_____. A crise dos alienados. O revival da intolerância. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico (Org.). *Tempos de fascismos: ideologia, intolerância, imaginário*. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. *Direitos humanos e políticas públicas*. 2012. Mimeo.

_____. *O Brasil e os outros: o poder das ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. O ILARI e a guerra cultural: a construção de agendas intelectuais na América Latina. *Artcultura*: v. 17, n. 30, pp. 199-212, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Lembrando Florestan Fernandes*. São Paulo: s. n., 1996.

_____. A sociologia no Brasil. *Tempo Social: Rev. Soc. USP*: vol. 18, n. 1, pp. 271-301, 2006 [1959].

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Nacional, 1958.

CARDOSO, Fernando Henrique. Os brancos e a ascensão social dos negros em Porto Alegre. *Anhembi*: vol. 39, ano 10, n. 117, pp. 583-596, 1960.

_____. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Org.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial, 2003.

CARR, Robert K. The American Government and the Race Problem. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 4, pp. 497-505, 1950.

CASHMORE, Ellis (et. al.). *Dictionary of Race and Ethnic Relations*. London: Routledge, 1996.

CAVALCANTI, Maria L. V. C.; VILHENA, Luís R. P. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Estudos Históricos*: Vol. 3, n. 5, pp. 75-92, 1990.

CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago (Org.). *Florestan Fernandes 20 anos depois: um exercício de memória*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2015.

_____. *O intelectual Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2015.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHAVES, Wanderson da Silva. *O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford*. 2012. 165 f. Tese (Doutorado em História Social). FFLCH/USP, São Paulo, SP.

- CLARK, Kenneth B. Racial Prejudice Among American Minorities. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 4, pp. 506-513, 1950.
- COHEN, Shari. *The Lasting Legacy of An American Dilemma*. Carnegie Results (Carnegie Corporation of New York, 2014).
- COMAS, Juan. Racial Myths. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.
- CONGAR, Yves M.-J. *Catholic Church and the Race Question*. Paris: UNESCO, 1953.
- CORRÊA, Mariza (Org.). *História da Antropologia no Brasil (1930-1960) – Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987.
- COSTA, Cruz. A Faculdade de Filosofia: contrastes e confrontos. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.
- COSTA, Emilia Viotti da. O mito da democracia racial no Brasil. In: _____. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- CUCHE, Denys. Roger Bastide, el “fait individuel” et l’école de Chicago. *Cahier Internationaux de Sociologie*: vol. 1, n. 124, pp. 41-59, 2008.
- DEGLER, Carl N. *Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. New York: Macmillan, 1971.
- D’INCAO, Maria Ângela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. UNESP, 1987.
- DRAKE, B. St. Clair. Recent Trends in Research on Negro in the United States. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, No. 4, pp. 475-494, 1957.
- DUARTE, Paulo. A universidade e os professores estrangeiros. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.
- _____. Negros do Brasil. *O Estado de S. Paulo*, 16 abril 1947.
- _____. Negros do Brasil – II. *O Estado de S. Paulo*, 17 abril 1947.
- _____. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. *Anhembi*: Vol. 9, n. 25, pp. 433-435, 1953.
- DUBOIS, W. E. B. *The Negro*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. *The Souls of Black Folk*. New York: Dover, 2015.
- DUMONT, Louis. Casta, racismo e estratificação. In: AGUIAR, Neuma (Org) *Hierarquias em classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- DUNN, L. C. Race and Biology. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.
- EAKIN, Marshall (et al). *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ELLISON, Ralph. *An American Dilemma: A Review*. In: _____. *The Collected Essays of Ralph Ellison*. New York: Modern Library, 2003.

EUFRÁSIO, Mário A. *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. 2ª ed. São Paulo: 34, 2013.

FAULHABER, Priscila. O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): um artefato da resposta antropológica ao esforço de guerra. *Maná*: Vol. 17, n. 1, 2011, pp. 9-39.

FILHO, Júlio de Mesquita. A nossa universidade. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.

FOUCAULT, Michel. Governamentalidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. *A arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRAZIER, E. Franklin. *The Negro Family in the United States*. Chicago: Chicago University Press, 1940.

_____. *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*, by Donald Pierson. *American Journal of Sociology*. Vol. 48, No. 3, pp. 434-435, 1942.

_____. The Negro Family in Bahia, Brazil. *American Sociological Review*: Vol. 7, No. 4, pp. 465-478, 1942.

_____. Some Aspects of Race Contact in Brazil. *Phylon*: Vol. 3, No. 3, pp. 287-295, 1944.

_____. Rejoinder, by E. Franklin Frazier. *American Sociological Review*: Vol. 8, No. 4, pp. 402-404, 1943.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Nacional, 1936.

_____. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

_____. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

_____. *Brazil: An Interpretation*. New York: Alfred Knopf, 1945.

_____. The Negro's Role in Brazilian History. *The UNESCO Courier*: Vol. V, No. 8/9, p. 7-8, August-September, 1952.

GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: 34, 2002.

_____. Folclore e Sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo Social Rev. Sociol. USP*: Vol. 13, n. 2, pp. 143-167, 2001.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. 2ª ed. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012.

GRIN, Mônica; MAIO, Marcos Chor. O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco. *Topoi*: vol. 14, n. 26, pp. 33-45, 2013.

- GUEDES, André Teles. *Florestan Fernandes e o lugar da USP na história da Sociologia no Brasil*. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Cor, classe e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- _____. *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: 34, 2009.
- _____. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: 34, 2001.
- HAMILTON, Charles (et al.) *Beyond Racism: Race and Inequality in Brazil, South Africa and the United States*. Boulder: Lynne Rienner, 2001.
- HANCHARD, Michael G. *Orpheus and Power: The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, 1945-1988*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- HANKINS, F. H. Under-Developed Areas, with Special Reference to Population Problems. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 3, pp. 307-316, 1950.
- HARRIS, Marvin. *Patterns of Race in the Americas*. New York: Walker, 1964.
- HAVET, Jacques. UNESCO and the Human Rights. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 4, pp. 548-554, 1950.
- HAZARD, Anthony Q. *Postwar Anti-Racism: The United States, UNESCO, and "Race", 1945-1968*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.
- HERSKOVITS, Melville. *The Myth of the Negro Past*. New York: Harper, 1941.
- _____. The Negro in Bahia, Brazil: A Problem in Method. *American Sociological Review*: Vol. 8, No. 4, pp. 394-404, 1943.
- _____. Problema e método em antropologia cultural. *Sociologia*: vol. 5, n. 2, pp. 97-115, 1943.
- HIGHAM, John (Ed.). *Civil Rights and Social Wrongs: Black-White Relations Since World War II*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1997.
- HUTCHINSON, Harry W. Shades of Colour and of Meaning. *The UNESCO Courier*: Vol. V, No. 8/9, p. 11, August-September, 1952.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. O preconceito racial no Brasil. *Estudos Avançados*: vol. 18, n. 50, 2004.
- JACKSON, Luiz Carlos. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1960). *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, São Paulo: vol. 16, n. 1, pp. 263-283, 2004.
- JÚNIOR, João Feres; ZONINSEIN, Jonas (Org.). *Ação afirmativa e universidade: experiências nacionais comparadas*. Brasília: Ed. UnB, 2005.

KARNAL, Leandro (et al.) *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KANTOR, Iris (et al.) *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação, 1933-1953*. São Paulo: Escuta, 2001.

KLINEBERG, Otto. Race Differences: The Present Position of the Problem. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 4, pp. 460-466, 1950.

_____. Race and Psychology. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.

LEIRIS, Michael. Race and Culture. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.

LESSA, Renato. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Race and History. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.

LIMA, Aruã Silva de. *Comunismo contra racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)*. 2015. 251 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

LIMONGI, Fernando. A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1*. São Paulo: Sumaré, 1989.

LITTLE, Kenneth. Race and Society. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.

MACHADO, Lourival Gomes. A Universidade de S. Paulo e o estudo da política. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.

MAGALHÃES, Basílio de. Folclore brasileiro – I. *O Estado de S. Paulo*, 7 dezembro 1948

_____. Folclore brasileiro – II. *O Estado de S. Paulo*, 6 janeiro 1949.

MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009.

MALINOWISK, Bronislaw. Uma análise antropológica da guerra. *Sociologia*: vol. 3, n. 3, pp. 192-203, 1941.

MAIO, Marcos Chor. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. 1997. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). IUPERJ/Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, RJ.

_____. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: vol. 5, n. 2, 1998.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2010.

- MANNHEIM, Karl. *Libertad y planificación social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1942.
- _____. *Ideologia e utopia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARIOS, Duarcides Ferreira. *Florestan Fernandes e a sociologia como crítica dos processos sociais*. 2007. 378 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- MARTINS, José de Souza. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.
- MARTINS, Wilson. Negros e brancos – I. *O Estado de S. Paulo*, 29 dezembro 1955.
- _____. Negros e brancos – II. *O Estado de S. Paulo*, 5 janeiro 1956.
- _____. O método e a meta. *O Estado de S. Paulo*, 31 janeiro 1959.
- MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. 1991. 281 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- _____. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo: Sumaré, 1989.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1935].
- MÉTRAUX, Alfred. UNESCO and the Racial Problem. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 3, pp. 384-390, 1950.
- _____. Race and Civilization. *The UNESCO Courier*. Vol. III, No. 6/7, pp. 8-9, July-August, 1950.
- _____. Brazil: Land of Harmony for All Races? *The UNESCO Courier*. Vol. IV, No. 4, p. 3, April, 1951.
- _____. An Inquiry into Race Relations in Brazil. *The UNESCO Courier*. Vol. V, No. 8/9, p. 6, August-September, 1952.
- _____. A Man With Racial Prejudice Is As Pathetic As His Victim. *The UNESCO Courier*. Vol. VI, Nos. 8-9, August-September, 1953.
- _____. The Racial Landscape of Latin America. *The UNESCO Courier*. No. 10, pp. 21-23, 1960.
- _____. The Changing Face of Latin America. *The UNESCO Courier*. No. 6, pp. 24-33, 1961.
- MEUCCI, Simone. *Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*. Curitiba: Appris, 2015.
- MORSE, Richard. The negro in São Paulo, Brazil. *The Journal of Negro History*. Vol. 38, n. 3, pp. 290-306, July 1953.
- MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper, 1944.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Anhembi*. Vol. XVIII, ano V, n. 53, pp. 279-299, 1955.

_____. Skin Color and Social Class. In: RUBIN, Vera (Ed.). *Plantation Systems in the New World*. Washington: Pan American Union, 1959.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Donald Pierson e a Sociologia no Brasil. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*: n. 23, pp. 35-48, 1987.

_____. As Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

PASSADOR, Luiz Henrique. *Herbert Baldus e a Antropologia no Brasil*. 2002. 207 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

PARK, Robert E. A função social da guerra. *Sociologia*: vol. 3, n. 3, pp. 192-203, 1941.

PEIRANO, Marisa. *The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case*. 1981. 187 f. Dissertation (PhD in Anthropology). Harvard University, Cambridge/MA, USA.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000.

PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1945.

_____. *Estudos de ecologia humana*. São Paulo: Martins, 1948.

_____. *Estudos de organização social*. São Paulo: Martins, 1948.

_____. Race Prejudice as Revealed in the Study of Racial Situations. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 4, pp. 467-478, 1950.

_____. *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1971 [1945].

PINTO, Luiz Aguiar Costa. Sobre as relações de raça. *Sociologia*: vol. 12, n. 1, pp. 3-21, 1950.

_____. Rio de Janeiro: Melting Pot of Peoples. *The UNESCO Courier*. Vol. V, No. 8/9, p. 10, August-September, 1952.

_____. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*. São Paulo: Nacional, 1953.

PLATT, Jenifer. *A Brief History of the ISA: 1948-1997*. Québec: International Sociological Association, 1998.

PONTES, Heloisa. Brasil com Z. A produção estrangeira sobre o país, editada aqui, sob a forma de livro, 1930-1988. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 2. São Paulo: IDESP, 1995.

POVINA, Alfredo. Os estudos sociológicos no Brasil. *Sociologia*: vol. 1, n. 4, pp. 52-60, 1939.

- RAMOS, Arthur. *Folk-lore negro do Brasil: demopsychologia e psychanalise*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1935.
- _____. *The Negro in Brazil*. Washington D.C.: The Associated Publishers, 1939.
- _____. *Aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942.
- _____. *Guerra e relacoes de raça*. Rio de Janeiro: Perfecta, 1943.
- _____. *As ciências sociais e os problemas de após-guerra*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.
- _____. *Culturas negras no Novo Mundo: o negro brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1945.
- ROSE, Arnold M. The Roots of Prejudice. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.
- RUBINO, Silvana. Clube de pesquisadores: a Sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sergio (Org.) *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2. São Paulo: Vértice, 1995.
- SAMPAIO-SILVA, Orlando. O antropólogo Herbert Baldus. *Revista de Antropologia*, São Paulo: vol. 43, n. 2, pp. 23-79, 2000.
- SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em Antropologia Física no século XX. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.) *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- SCHADEN, Egon. Notas sobre etnocentrismo. *Sociologia*: vol. 8, n. 4, pp 270-281, 1946.
- _____. Trabalhos etnológicos na Universidade de S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 25 janeiro 1947.
- _____. O sobrepardo masculino entre os Tupinambá. *O Estado de S. Paulo*, 22 dezembro 1949.
- SCHLESINGER Jr., Arthur M. *The Vital Center: the Politics of Freedom*. New Brunswick: Transaction, 1998.
- SCHWARZENBERGER, G. Peace and War in International Society. *International Social Science Bulletin*: Vol. II, No. 3, pp. 336-347, 1950.
- SEGAL, Aaron. African Studies in Brazil. *Africa Today*: Vol. 16, No. 4, pp. 8-13, 1969.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Florestan: a inteligência militante*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005.
- SHAPIRO, Harry L. Race Mixture. In: UNESCO. *The Race Question in Modern Science*. New York: Columbia University Press, 1961.
- SILVA, Alex Gomes. *Gilberto Freyre e o legado luso-hispânico: uma construção no pós-guerra*. 2016. 336 f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- SILVA, Isabela Oliveira Pereira da. *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das Ciências Sociais (1930-1960)*. 2012. 237 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. De como o povo entra na história: uma leitura de *A integração do negro na sociedade de classes* em seu cinquentenário. In: PINHEIRO, C. C. et al. *Ateliê do pensamento social. Práticas e textualidades: pensando a pesquisa e a publicação em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.
- SNIDER, Colin. *Complicated campuses: Universities, Middle-Class Politics and State-Society Relations in Brazil, 1955-1990*. 2011. 340 f. Dissertation (Ph.D. in History). The University of New Mexico, Albuquerque/New Mexico, USA.
- SOROKIN, Pitirim. O que é uma classe social? In: VELHO, O. Guilherme (et. al.) *Estrutura de classes e estratificação social*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SOUTHERN, David W. *Gunnar Myrdal and Black-White Relations: The Use and Abuse of An American Dilemma, 1944-1969*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987.
- SOUZA, Jessé; SANT'ANNA, Alayde (Org.). *Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil-Estados Unidos*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- STOCKING Jr., George. *Race, Culture, and Evolution: Essays on the History of Anthropology*. New York: Free Press, 1968.
- _____. *Functionalism Historicized: Essays on British Social Anthropology*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1984.
- _____. *Malinowski, Rivers, Benedict and Others: Essays on Culture and Personality*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.
- TANNENBAUM, Frank. *Slave and Citizen: the Negro in the Americas*. New York: Knopf, 1946.
- VALLADARES, Lícia do Prado. A visita de Robert E. Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *Cadernos CRH*, Salvador: Vol. 23, n. 58, pp. 35-49, 2010.
- VILA NOVA, Sebastião. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega, 1998.
- YELVINGTON, Kevin. Melville J. Herskovits and the Institutionalization of Afro-American Studies. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL O PROJETO UNESCO NO BRASIL. *Anais...* Salvador: Ed. UFBA, 2004.
- WAGLEY, Charles (Ed.). *Race and Class in Rural Brazil*. Paris: UNESCO, 1952.
- _____. Attitudes in the ‘Backlands’. *The UNESCO Courier*. Vol. V, No. 8/9, pp. 12-13, August-September, 1952.

- _____. The Situation of the Negro in the United States of America. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, No. 4, pp. 427-437, 1957.
- _____. Alfred Métraux. *American Anthropologist*: Vol. 66, pp. 603-614, 1964.
- _____. Foreword. In: FERNADES, Florestan. *The Negro in Brazilian Society*. New York: Columbia University Press, 1971.
- _____. On the Concept of Social Race in the Americas. In: DOMÍNGUEZ, Jorge (Ed.). *Race and Ethnicity in Latin America*. New York: Garland, 1994.
- WALKER, H. J. Changes in the Status of the Negro in American Society. *International Social Science Bulletin*: Vol. IX, No. 4, pp. 438-474, 1957.
- WHITEHEAD, Laurence. Fernando Henrique Cardoso: The Astuzia Fortunata of Brazil's Sociologist-President. *Journal of Politics in Latin America*: vol. 1, n. 3, pp. 111-129, 2009.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940.
- _____. A assimilação dos judeus. *Sociologia*, São Paulo: vol. 7, n. 1/2, pp. 57-64, 1945.
- _____. Sociologia acadêmica e Sociologia socialista. *Sociologia*: vol. 9, n. 4, pp. 346-349, 1947.
- _____. Velhos e novos rumos no estudo das classes sociais. *Sociologia*: vol. 10, n. 2/3, pp. 76-90, 1948.
- _____. Racial Attitudes in Brazil. *American Journal of Sociology*: vol. 54, n. 5, pp. 402-408, 1949.
- WIRTH, Louis. The Significance of Sociology: Opening Address for the World Congress of Sociology. *International Social Science Bulletin*: Vol. III, No. 2, pp. 197-237, 1951.